

SANDRA JACQUELINE STOLL
CONCEIÇÃO DOS SANTOS
GESLLINE GIOVANA BRAGA
VANESSA DURANDO

MARIA BUENO: SANTA DE CASA

CURITIBA
EDIÇÃO DO AUTOR
2011

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Maria Bueno : santa de casa / Sandra Jacqueline Stoll.

... [et al.]. - Curitiba, PR : Edição do autor, 2011.

150 p. : il. ; 20 x 27 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-912836-0-6

**1. Bueno, Maria. 2. Paraná Usos e costumes religiosos. 3. Santos Culto Curitiba (PR).
I. Stoll, Sandra Jacqueline.**

CDD (22ª ed.)

920.72

Catálogo na publicação por: Mara Rejane Vicente Teixeira

MARIA BUENO:

SANTA DE CASA

Pesquisa desenvolvida pelo projeto: "Santo de Casa faz Milagre: o culto a Maria Bueno, a santa curitibana", por meio do Edital do PAIC - PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA - MECENATO SUBSIDIADO, EDITAL N.º 001/2008 - Publicado no Diário oficial do município nº05 de 17/01/2008.

Curitiba, novembro de 2011

INCENTIVO



COORDENAÇÃO DO PROJETO:

SANDRA JACQUELINE STOLL

PESQUISA E TEXTOS:

CONCEIÇÃO DOS SANTOS

GESLLINE BRAGA

SANDRA JACQUELINE STOLL

VANESSA DURANDO

ASSISTENTE DE PESQUISA:

ANDRESSA LEWANDOWSKI

FOTOGRAFIAS:

GESLLINE GIOVANA BRAGA

VANESSA DURANDO

EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA:

GESLLINE GIOVANA BRAGA

PROJETO GRÁFICO:

BRENDA MARIA SANTOS

ARTE FINAL:

AFFONSO KOPMANN

REVISÃO DE TEXTO:

ZENAIDE CLAUDINO POSSAS

MARKETING CULTURAL E CAPTAÇÃO:

JOSINA MELO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 1

Sandra Jacqueline Stoll

FINADOS E O CULTO AOS SANTOS EM CEMITÉRIOS: MARIA BUENO, SANTA CURITIBANA | 7

Conceição dos Santos e Sandra Jacqueline Stoll

DEVOÇÃO CENTENÁRIA | 29

Conceição dos Santos

IMAGENS DE MARIA BUENO E SUA CIRCULAÇÃO | 69

Geslline Giovana Braga

Vanessa Durando

SANTA DE CASA EM TRÂNSITO: DEVOÇÃO NA BAGAGEM | 91

Geslline Giovana Braga

SANTA OU ENTIDADE? MARIA BUENO NO CAMPO MEDIÚNICO | 109

Vanessa Durando

CONSIDERAÇÕES FINAIS | 129

Conceição dos Santos

REFERÊNCIAS | 143

UMA SANTA DE MUITOS CREDOS: MARIA BUENO, SANTA CURITIBANA

Popularmente conhecido como *dia da saudade*¹, o Dia de Finados transforma muitos cemitérios brasileiros em locais de romaria, pois os santos de cemitério, conhecidos como *milagreiros*, atraem uma legião de devotos que chegam para rezar, trazendo flores e velas. Alguns vêm para pedir; outros, para agradecer.

Maria Bueno é a mais famosa dentre os santos de cemitério de Curitiba. Finados é o ápice do calendário em sua homenagem; estima-se que cerca de 4.000 pessoas passem nesse dia pelo seu mausoléu, localizado no Cemitério Municipal.

O culto à *santinha de Curitiba*, como ela é conhecida, ainda é pouco estudado. Esta pesquisa, realizada por quatro pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná, pretende cobrir essa lacuna. A intenção principal deste trabalho foi apreender as representações de Maria Bueno que emergem das práticas rituais dos devotos e das narrativas de milagres a ela atribuídos. Compreender o processo de construção da personagem pelo culto é tão instigante quanto reconstituir sua biografia, pois em torno de ambos, há controvérsias.

Quem foi Maria Bueno? Segundo consta, era uma mulher jovem, das classes populares, portanto, de vida anônima. A notícia de sua morte correu rapidamente os becos e ruas da cidade, chegando à imprensa por meio de uma pequena nota, de pouco destaque, apesar da menção de que a forma violenta pela qual se produziu seu desenlace “emocionara o público” da cidade. Jornalistas, mas também historiadores, debruçaram-se sobre as parcas fontes documentais existentes, assistindo-se ainda hoje a um acalorado debate em torno da reconstituição de sua biografia. O tema tem atraído o interesse de intelectuais, devotos, artistas, religiosos de diversas estirpes e curiosos.

O culto a Maria Bueno, hoje centenário, vem sendo acompanhado basicamente pela imprensa, mas esta tem dado pouco destaque às condições de sua reprodução social. Santos, assim como divindades, são imortais, pois eles sobrevivem através do culto, ou seja, são os devotos que lhes dão vida. Esse fato ganha significado especialmente em se tratando de santos populares, termo que frequentemente remete a uma prática religiosa dissidente.

¹ Categorias nativas são identificadas com itálico, ao longo de todo o livro.

Os conflitos com a Igreja Católica, segundo consta, começaram antes mesmo da canonização popular de Maria Bueno, visto que, segundo cronistas locais, a Igreja se recusou a realizar-lhe missa de corpo presente. Em desagravo, a Sociedade 13 de Maio, ligada à Irmandade dos Pretos, promoveu uma missa póstuma, de 30 dias. Disputa religiosa, de viés social e étnico, essa polarização que marcou os funerais de Maria Bueno, alcançou, ao longo do tempo, vários segmentos do campo religioso: o culto à *santa curitibana* tornou-se palco de disputa entre negros e brancos, católicos e adeptos de religiões afro-brasileiras, entre eclesiásticos e leigos, classes dominantes e segmentos populares. Sedimentando-se ao longo do tempo, essas disputas criaram distintas versões quanto ao lugar e papel de Maria Bueno no campo religioso local. Entre os produtores dessas diversas versões, encontramos não apenas leigos, como também especialistas do **sagrado**². O contraste entre essas versões aponta para formas diversas de se produzir e vivenciar a *presença* de Maria Bueno no cotidiano, tema que constitui um dos fios condutores da narrativa deste livro.

2 Categorias antropológicas são grafadas em negrito, ao longo de todo o livro.

3 Por questões éticas, alguns nomes de devotos são fictícios.

Predominam entre os devotos³ – em sua maioria mulheres – os católicos (não apenas os chamados “católicos de fachada”, mas também assíduos frequentadores de missas); encontramos os *espíritas* de diversos matizes, visto ser esse um rótulo utilizado também por umbandistas e adeptos do Candomblé, prática política que remonta à época da morte de Maria Bueno (final do século XIX). Durante esse período histórico, foram incorporados ao Código Penal brasileiro, três artigos condenando como crime as práticas de cura que fossem tidas como curandeirismo ou charlatanismo. O uso alargado da categoria *espírita* torna-se assim uma estratégia política para escapar à perseguição policial.

O Cemitério Municipal de Curitiba é o ponto de convergência do culto a Maria Bueno, porém, entrevistas e acompanhamento dos percursos dos devotos levaram-nos ao “ponto de fuga” da crença, ou seja, suas variações. Guiadas pelas práticas rituais dos devotos e, também, com base em entrevistas, as pesquisadoras acabaram por encontrá-los em diversos outros espaços urbanos. Escolhemos alguns desses espaços para ilustrar como a devoção a Maria Bueno se difundiu na cidade, chamando atenção para os veículos de difusão dessa crença. Práticas e narrativas constituem, portanto, a base desta pesquisa que, complementarmente, procurou realizar uma leitura da devoção a partir dos modos de circulação e apropriação dos objetos de culto: imagens, *santinhos*, orações etc.

Os capítulos a seguir reconstroem a trajetória da pesquisa realizada, procurando demonstrar como o culto a Maria Bueno tem ganho visibilidade e densidade social à medida que produz e articula alteridades. Maria Bueno não é apenas santa, tornou-se personagem “da cidade”, fator de identidade cujos traços se fragmentam e se multiplicam de forma a abrigar, sob seu manto, demandas e representações as mais diversas.

APONTAMENTOS SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA

Apoiado pelo **Programa de Incentivo à Cultura (PAIC)** implementado pela **Fundação Cultural de Curitiba**, e financiado por três empresas – **Esteio Engenharia e Aerolevantamentos S.A.**, **Furukawa Indústria de Produtos Elétricos** e **Banco do Brasil** – este livro só pôde ser realizado graças ao apoio financeiro recebido desses patrocinadores. A colaboração dos devotos foi igualmente fundamental, sem a participação destes, este trabalho não teria sido possível. Por razões de ordem ética, contudo, seus nomes foram trocados por outros, fictícios, à exceção daqueles que por serem figuras públicas tiveram seus nomes verdadeiros mantidos.

Produzida coletivamente, esta pesquisa foi empreendida por quatro pesquisadoras recém-egressas do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná e, os resultados, além do livro, envolveram a efetivação de uma experiência de caráter didático.

A metodologia utilizada consistiu na combinação da prática da pesquisa de campo com a pesquisa documental (especialmente arquivos de jornais) e bibliográfica. A etnografia foi construída a partir do registro do Dia de Finados, evento que começou a ser acompanhado a partir de 2008, portanto, antes do início do financiamento desta pesquisa como registra a documentação fotográfica.

Data fundamental do culto a Maria Bueno, o Dia de Finados serviu como ponto de partida para a identificação dos devotos, visando em especial delinear seu perfil social, filiação religiosa e motivações pessoais para o culto à *santa curitibana*.

Dados sobre as práticas rituais e os percursos dos devotos no Dia de Finados e, também, em dias de semana, em especial às segundas-feiras (conhecida como *Dia das Almas*), serviram como indicadores dos circuitos em que a crença em Maria Bueno se insere. Ou seja, a partir de entrevistas sobre as práticas

religiosas dos devotos foi possível identificar formas diversas de inserção do culto a Maria Bueno no campo religioso. Objeto de múltiplas apropriações, como já foi dito, a *santa curitibana* atrai leigos, bem como especialistas do **sagrado**, a maioria deles católicos. Mas encontramos também pais e mães de santo (da Umbanda e do Candomblé) devotos de Maria Bueno. Entrevistas realizadas com eles, evidenciaram, especialmente em Curitiba, que Maria Bueno figura como parte da história de alguns *terreiros* da cidade. Encontramos ainda benzedadeiras, muitas delas moradoras em outras cidades do Estado do Paraná, entre os devotos de Maria Bueno. Seus depoimentos ilustram como, no âmbito doméstico, o culto aos santos se reproduz através de apropriações religiosas e rituais diversos, ocupando a circulação das imagens (especialmente os *santinhos* e estatuetas) papel importante na construção e difusão do culto.

Imagens de Maria Bueno foram captadas em diversos contextos: fontes documentais, narrativas artísticas, jornalísticas e literárias, além das imagens comercializadas cujas variações, quanto ao formato e formas de representação da *santa*, foram documentadas através de visitas a lojas de produtos religiosos. As condições de produção e, especialmente de circulação destas, sugerem que as imagens adquirem valor, ou seja, ganham significados distintos conforme o contexto em que são inseridas, pois a afiliação religiosa do devoto é fator que determina as formas de manifestação de seu poder.

Trabalho de múltiplas entradas, coletivamente construído desde a elaboração do projeto, este texto é o resultado do investimento conjunto na produção dos instrumentos de pesquisa, análise dos dados e discussão das dificuldades **em campo**, fase em que Andressa Lewandowski, membro do grupo, contribuiu como assistente de pesquisa.

Experiência raramente contemplada no âmbito acadêmico, esse formato coletivo estendeu-se à produção da escrita, por isso, os textos deste livro, a exemplo de coletâneas, são autorais. Foram escritos por Conceição Aparecida dos Santos, Geslline Giovana Braga e Vanessa Durando. Em suas várias versões, os textos foram discutidos coletivamente.

Duas premissas articulam os textos a seguir: a relação entre passado e presente, de um lado; entre **sagrado** e **profano**, de outro. Em torno dessas linhas mestras sem, contudo, obedecer a uma ordem cronológica, os textos foram assim organizados: o primeiro apresenta manifestações da devoção a Maria Bueno hoje, fazendo do Dia de Finados a “porta de entrada” no universo da crença. No segundo, um recuo no tempo é produzido tendo em vista documentar o processo de construção do culto, transitando

entre o passado e o presente assinalando-se as disputas religiosas que envolvem o processo de busca de legitimação do culto. O terceiro trata da circulação dos objetos, chamando-se a atenção para a variedade de imagens que representam Maria Bueno e como estas são apropriadas em contextos diversos. Os textos finais introduzem o leitor a um universo de devoção que não tem visibilidade na imprensa: o universo dos especialistas do **sagrado**, segmento aqui representado por dois grupos: as benzedeiças e os pais e mães de santo. Por fim, saindo do campo religioso, fica retratada a construção de Maria Bueno como ícone de identidade local. Representações diversas foram captadas no campo das artes – pintura, literatura, teatro e a dança – bem como na mídia (novela de TV), sugerindo a complexidade do desafio aqui enfrentado: pensar os processos culturais de produção da figuração do **outro**.

Sandra Jacqueline Stoll
Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Paraná





FINADOS E O CULTO AOS
SANTOS EM CEMITÉRIOS:
MARIA BUENO, SANTA
CURITIBANA.

*Conceição B. dos Santos
e Sandra Jacqueline Stoll*



Dia de Finados em Curitiba. Como acontece todos os anos, uma multidão ocupa as vielas do maior e mais antigo cemitério da cidade, o São Francisco de Paula, cenário de mausoléus grandiosos, erguidos por famílias abastadas da cidade. Cerca de 30 mil pessoas, segundo a imprensa, ali estiveram para celebrar o Dia de Finados em 2010. Em meio à movimentação que caracteriza essa data, o túmulo de Maria Bueno, personagem de santificação popular, chama a atenção pelo grande número de visitantes:

Anos atrás eu vim aqui no cemitério no Dia de Finados. Eu não tenho parente enterrado aqui, mas sempre vinha para rezar pela alma de meu pai, que está enterrado em Minas. Todo ano eu via aquela multidão de gente indo e vindo desse canto do cemitério. Aí que eu fiquei sabendo que tinha uma santa enterrada aqui. Fui ver o túmulo dela. Soube da história, de que era uma moça muito bonita que foi assassinada porque não quis se entregar para um polícia. Desse jeito que virei devota de Maria Bueno. Comecei a vir no túmulo e pedir *graças*. (...) A primeira foi para que meu filho ficasse curado da bronquite. Deu certo. (...) Sempre que preciso me apego com ela. Por isso todos os anos eu venho ver o túmulo dela. (Elisabeth, 01/11/2009, Cemitério São Francisco de Paula - Curitiba.)

O Dia de Finados é o “ponto alto” no calendário das devoções a personagens como Maria Bueno, consagrados pela crença popular a despeito do reconhecimento da Igreja Católica. As manifestações religiosas em torno dessas figuras têm sido objeto de estudo do Folclore, da História, bem como da Sociologia e da Antropologia. Luís da Câmara Cascudo foi um dos pioneiros no estudo dessa tradição religiosa brasileira. Maria Bueno consta entre santos da devoção popular catalogados por esse autor no livro “Religião no Povo”¹.

Os santos de canonização popular são homenageados no Dia de Finados através das peregrinações, orações e, sobretudo, dos **ex-votos**. Eliane Tânia de Freitas afirma que, embora os “mortos comuns” sejam homenageados com romarias, rezas, velas, flores e, em certas situações, sejam evocados para, do Além, proteger e auxiliar os familiares, eles não recebem **ex-votos**², somente aos santos são oferecidos determinados “bens” para celebrar um milagre ou *graça* alcançada por intermédio da *promessa*. Quem faz um voto, uma *promessa*, fica “em débito” com o santo; qualquer bem material empregado em “pagamento” ao santo é chamado de **ex-voto**.

1 CASCUDO, Luís da Câmara. Religião do povo. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974, p. 194.

2 FREITAS, Eliane Tânia Martins. Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte. Tese (doutorado) – UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2006, p. 85.

CEMITÉRIO SÃO FRANCISCO DE PAULA

O Cemitério São Francisco de Paula começou a ser construído em 1854, em uma região que, à época, localizava-se fora do perímetro urbano, atendendo aos propósitos dos gestores urbanos que efetivaram uma série de reformas pautadas em estudos médico-sanitários. Na virada do século XIX para o XX, figuras como a do médico Trajano Joaquim dos Reis, “Inspetor de Hygiene do Paraná”, e Jayme Dormund dos Reis, especialista em questões como “higiene social”, influenciariam decisivamente na elaboração de leis e políticas públicas que objetivavam modificar os hábitos de higiene da população. Esses médicos propunham que as doenças que frequentemente atingiam Curitiba, como varíola, sarampo, escarlatina, sarna, entre outras, eram resultado dos “maus hábitos” dos curitibanos. Constataram também a necessidade de redistribuição do espaço urbano: era preciso apartar os matadouros, hospitais, cadeias, cemitérios, das estrebarias, dos mercados, hospedarias, escolas, habitações coletivas, igrejas a fim de garantir a higiene e a salubridade urbana. Os locais de sepultamento, até então localizados no centro da cidade, nos largos das igrejas, tornar-se-iam, a partir daí, objeto de intervenção da administração local, pois os estudos médicos e sanitários apontavam os restos mortais (humanos e de animais) como focos de proliferação de doenças. Esse e outros postulados passaram a subsidiar ações como, por exemplo, a proibição dos sepultamentos em áreas urbanas; por conseguinte, a construção de cemitérios públicos nos extremos da cidade, locais como a Chácara do Padre

Agostinho que abrigou o primeiro cemitério municipal de Curitiba. Com o crescimento urbano, porém, essa região foi sendo ocupada por residências e comércios. O próprio cemitério passou por sucessivas reformas e ampliações, passando a ocupar uma área de 51.414 m² e abrigar aproximadamente seis mil túmulos, segundo os dados da administração do cemitério, referentes a 2010. As adjacências do São Francisco de Paula se transformaram movimentadas avenidas, sendo hoje reduto de bares frequentados por jovens (grafiteiros, skatistas e roqueiros). Para Luciane Spader, pesquisadora da PUC - a arquitetura do Cemitério Municipal de Curitiba (como é conhecido) sintetiza a história da cidade, com seus ciclos econômicos, afãs ideológicos, artísticos e políticos. Em meio aos jazigos comuns e às chamadas “gavetas”, sobressaem as construções grandiosas, erguidas para expressar a importância e poder das famílias locais. Alguns mausoléus chegam a medir dez metros de altura. São pequenas capelas e palacetes, ornados por estátuas de figuras mitológicas, anjos e santos, além de símbolos diversos: maçons, pagãos, cristãos etc. Muitos mausoléus remetem aos monumentos das grandes civilizações, à fachada de palácios, edifícios, igrejas, bem como a outros mausoléus. A organização espacial do cemitério segue o modelo de organização urbana, dividindo-se em quadras, ruas, lotes e sepulturas. Uma extensa alameda liga o portão de entrada ao do fundo, passando pelo “Cruzeiro das Almas”, localizado na parte mais alto do cemitério.

OS OUTROS

Os estudiosos do assunto apontam a existência de outros personagens, que, a exemplo de Maria Bueno, são cultuados como santos em cemitérios e ermidas em todo Brasil: Santa Radi do Alto Madeira e Santa Etelvina de Alencar, de Manaus (AM); Santa Damassina, de Angicos, Mãe Valéria e Severa Romana Ferreira, de Belém (PA); Mãe Marcelina, de Pedreiras (MA); Padre João Maria, de Natal (RN); Menino Vaqueiro, de Ipu, Madre Vasconcelos, de Fortaleza e Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro do Norte (CE); Francisca da Cruz, da cidade de Patos e Maria de Lourdes, de João Pessoa (PB); Petrúcio Correia, de Maceió (AL); Bispo Dom Vital e Menina Sem Nome, do Recife (PE); Santa Dica (Benedita Cipriano Gomes), de Pirenópolis (GO); Cacilda Pimenta e Irmã Beata, de Montes Claros; Marlene, Irmã Benigna e Padre Eustáquio, de Belo Horizonte (MG); Odetinha e a Escrava

Anastácia, do Rio de Janeiro (RJ); Alvarinho e João Camargo, de Sorocaba; Menino da Tábua, de Maracá, Santa Izildinha, de Monte Alto; Toninho, Jandira, os Irmãos Toninho e Sebastiãozinho, de Campinas, Toninho Pianista, de Marília, Santa Cristina, de Mogi das Cruzes e Chaguinha, de São Paulo Capital (SP); Irmãos Meira (Afuzilados), de São Gabriel, Negrinho da Sanga Funda, Izabel Guapa e a Cigana, de São Leopoldo e Maria Degolada, de Porto Alegre (RS).

No Paraná se cultuam oito deles, a saber: Clodimar Lô, de Maringá; Menino Oswaldo, Londrina; Maria Polenta, Monsenhor Celso e Eunice Taborda, de Curitiba; Corina Portugal, de Ponta Grossa; Zilda Santos, de União da Vitória; Pe. Edgar Marochi, de Campo Largo; Monge João Maria, Região Metropolitana de Curitiba e interior do Estado.

Luiz Beltrão³ sustenta que as placas de agradecimentos, réplicas de partes do corpo do devoto, as fotografias, os objetos pessoais e outros bens habitualmente deixados junto ao túmulo dos santos possuem uma função comunicativa. Além de comunicar que a “dívida” com o santo foi “paga”, o **ex-voto** é um registro do poder atribuído ao santo na solução de conflitos, anseios e sofrimentos dos devotos. **Ex-votos** são, portanto, uma rica fonte de códigos linguísticos e de divulgação das devoções. O caráter testemunhal do **ex-voto** exige elaboração de linguagem, isto é, os fiéis inventam formas de se comunicar com suas divindades. Bilhetes, cartas, placas, fotos, esculturas são alguns dos meios empregados nessa comunicação. Tornando públicas as *graças*, os milagres alcançados, os **ex-votos** se tornam mensagens prontamente compreendidas por aqueles que compartilham crenças e práticas religiosas; são, portanto, veículo de divulgação dos santos, atraindo novos devotos ou popularizando a crença.

Basta observar o fluxo das pessoas que visitam o Cemitério São Francisco de Paula em Curitiba/Paraná, no Dia de Finados, para constatar que, de fato, a maioria dos túmulos recebe apenas a visita dos familiares e amigos dos falecidos, enquanto o mausoléu de Maria Bueno é visitado por milhares de pessoas. Em 2010, cerca de três mil passaram por ali no Dia de Finados⁴. O movimento normalmente começa por volta das oito da manhã e se mantém até o horário do fechamento dos portões do cemitério, por volta das dezoito horas.

O único espaço no Cemitério Municipal de Curitiba que concorre com o túmulo de Maria Bueno quanto ao número de visitantes, é a Cruz das Almas. A ordem da visita no Dia de Finados varia: alguns iniciam o percurso pela Capela de Maria Bueno, seguindo para o Cruzeiro e, por último, se dirigem ao túmulo de familiares. Há casos em que os rituais de Finados começam em outros cemitérios da cidade e são concluídos no Cemitério Municipal, no túmulo de Maria Bueno. Também verificamos que pelo menos outros dois cemitérios fazem parte do universo de devoção a Maria Bueno: o Cemitério Nossa Senhora do Carmo, de Paranaguá e o Cemitério Santa Esperança, de Morretes. Nessas localidades, porém, o culto a Maria Bueno tem menor expressão social.

Em Paranaguá, a capela foi construída em 1990 por iniciativa de um grupo de devotos, e virou local de atração de pessoas no Dia de Finados. Já no cemitério de Morretes, Maria Bueno é cultuada junto ao pequeno oratório construído pela família Ramos em pagamento de uma *promessa* feita à *santa*. Esse oratório é um dos mais visitados do Cemitério Santa Esperança no Dia de Finados. Os devotos não deixam faltar flores, homenagens e preces.

3 BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. In: Comunicações e Problemas. Recife: ICINFORM/Universidade Católica de Pernambuco, n. 1, 1965.

4 Desde a década de 1930, alguma matéria acerca da devoção a Maria Bueno é publicada nos jornais locais. Apesar de existirem registros na imprensa, não é possível assegurar quando o Dia de Finados se vinculou à devoção de Maria Bueno. O certo é que, hoje, o culto aos mortos e o culto à santa se entrelaçam nesta data, assim como ao longo do ano. Nas segundas-feiras, dia da semana que católicos e umbandistas dedicam às *almas*, a visitação ao cemitério é intensa e, por conseguinte, ao túmulo de Maria Bueno.



FOTO 1 | Capela de Maria Bueno no Cemitério Nossa Senhora do Carmo em Paranaguá.



FOTO 2 | O nicho de Maria Bueno no Cemitério Santa Esperança em Morretes.

Acredita-se que Morretes tenha sido a cidade natal de Maria Bueno. Na localidade de Porto de Cima há uma casa próxima à Igreja de São Sebastião que é apontada pelos habitantes como sendo aquela de seu nascimento. Nessa casa foram gravadas algumas cenas de uma novela de produção paranaense intitulada “Maria Bueno”. Hoje, no local, funciona um centro municipal de educação infantil que leva o nome da *santa*. Apesar da popularidade de Maria Bueno, os devotos de Morretes de modo geral dizem saber pouco sobre a vida da *santa*.

Em Paranaguá, embora o culto a Maria Bueno tenha seu ápice no Dia de Finados, ali não se verificam romarias ao cemitério. Mas há sinais claros de devoção: flores, bilhetinhos com pedidos e agradecimentos, além de restos de velas queimadas. A capela ali existente, embora recente, parece abandonada.

Em conversa com Olívia, responsável pelo cuidado da capela, soubemos que Maria Bueno é cultuada também em *centros espíritas* e *terreiros* de Umbanda da cidade. Aliás, foi em um *centro espírita* que Olívia soube da existência da *santa*, a quem recorre sempre que necessita alcançar alguma *graça*. Em retribuição, Olívia inclui o nome de Maria Bueno na missa de domingo: “Quando vou à missa coloco o nome Maria da Conceição Bueno na cestinha com o nome dos outros falecidos. No momento de pedir pelas almas, o padre lê o nome dela. A gente sabe que os padres não concordam com a devoção nela, mas não tem nada demais no que faço, estou rezando pela alma dela.”

De fato, a Igreja Católica incentiva seus fiéis a rezarem pelos falecidos, pela salvação de suas almas, porém, não admite que eles sejam solicitados a resolver problemas terrenos ou realizar milagres.

PREITO PÓSTUMO

Além da capela de Maria Bueno, há outros espaços do Cemitério Nossa Senhora do Carmo/Paranaguá que se destacam pela intensa visitação, sobretudo, no Dia de Finados: são os túmulos da menina Joaquina, do Zé Caveira e do Dr. Leocádio Correia. Um dos funcionários do cemitério identificou Zé Caveira como notório mulhengo da região que morreu vítima de *bruxaria* praticada por uma de suas amantes. Próximo ao seu túmulo, observamos a presença de elementos de *despachos* como garrafas de cachaça, restos de velas vermelhas e pretas, provavelmente *oferenda* para Exu. Joaquina nos foi apresentada como *criança milagrosa*, em seu túmulo cor-de-rosa encontramos bonecas, chupetas, mamadeiras, anjinhos e muitos doces e balas. Em relação à sepultura do doutor Leocádio Correia, conhecido *guia espiritual* do kardecismo, uma placa adverte aos adeptos de outras religiões a não acender velas no local: “Solicito encarecidamente e com carinho que em vez de acender velas coloquem flores, elas trazem mais vida e alegria; caso queira acender velas, por favor utilize o cruzeiro de orações.”

Olivia é exemplo de como, na prática, essa determinação é desrespeitada pelos devotos. A mesma pessoa nos dá outro exemplo da transversalidade de devoções: “Meu altar tem todos os santos das causas urgentes e impossíveis; Santa Rita, Santo Expedito, São Judas, várias Nossas Senhoras, tenho Maria Bueno, os meus pretos-velhos, Cosme e Damião, Maria Padilha. É um altar bem democrático”. Conforme sua descrição, se trata de um altar que segue o modelo dos altares dos *terreiros*, “transbordantes” de santos, cada um com sua *vibração* e, como sustenta também o catolicismo, cada qual com qualidades/habilidades específicas.

Dentre as pessoas entrevistadas ao longo da pesquisa, algumas afirmaram que Maria Bueno pode ser cultuada em qualquer cemitério. Basta que o devoto deposite rosas vermelhas e velas no cruzeiro principal, de preferência no Dia de Finados, data considerada como mais propícia para se fazer e pagar *promessas* à *santa*. Os pedidos dos devotos endereçados a Maria Bueno são os mais diversos, sugerindo uma ampla gama de aflições cotidianas dirigidas à santa.

O CAMINHO ATÉ MARIA

Grato Maria Bueno!

Meus parentes estão enterrados no Bonfim, meu pai, meu irmão. Mas como eu tenho minhas obrigações com Maria Bueno (...) ela sempre me ajudou muito. Eu venho aqui no túmulo dela. (...) Meu marido caiu preso, daí eu pedi pra santa ajudar ele a sair da cadeia. Ela tirou ele da cadeia... Por isso eu faço um esforço, esse é o terceiro ano que eu venho lá de Almirante Tamandaré só para vir no túmulo dela e agradecer... Fui no Bonfim e agora tô aqui.
(Leonice, 02/11/ 2009, Cemitério São Francisco de Paula)

Já nasci no centro espírita, porque os meus pais são. É de família. O povo procura algo para ter fé. Se apegar! Pra mim Maria Bueno é um espírito de luz que alcançou a graça e que por fazer o bem adquiriu um benefício na outra vida. (...) Ela era uma pessoa boa, pura, só gostava de fazer o bem e continuou assim do lado de lá. Ajudando os que vêm aqui pedir com fé. (...) O espiritismo é diferente dos católicos... A gente não faz promessa, quer dizer, até faz, mas não é o certo. As vezes por tradição a gente faz umas rezas e faz promessa, essas coisas, mas não é assim que devia funcionar. O que vale é a fé da pessoa. Tem muita história de graça alcançada. Gente que se curou de doença grave. Eu mesmo me curei de um problema de pulmão com ajuda da Maria Bueno. Foi uma operação espiritual, numa sessão de mesa branca, a Maria Bueno veio e me ajudou a curar desse enfisema que eu tinha. Eu venho aqui agradecer por isso. Eu não costumo acender vela e trazer flor porque não é da minha religião, mas eu venho, rezo...

(Jorge, Cemitério São Francisco de Paula, 2007)

Fiquei conhecendo Maria Bueno pela TV. Sou católico sempre vou à Igreja e hoje vim aqui para rezar pelas almas e pela santinha. Eu gosto muito dela. Sou grato porque sempre me ajudou. Eu bebia muito.... Assim de cair pelas tabelas... Foi ela que me salvou da bebida, me fez ver que eu tava cometendo erro grande. Há muitos anos que eu venho no túmulo de Maria Bueno, há mais de 40 anos.

(Airton, Cemitério São Francisco de Paula, 2008)

Não tenho nenhum parente enterrado aqui no Municipal, mas eu venho mesmo assim, por causa dela. Já faz muitos anos que eu acredito na santa Maria Bueno. Eu sou viúva, então, hoje eu já fui lá no Santa Cândida, no túmulo do meu falecido marido. Agora vim aqui agradecer todas as graças recebidas. Quando eu precisei ela me ajudou sempre (...) Quando eu fiquei desempregada com 4 filhos pra criar, sem recurso mesmo... Pedi ela me ajudou a encontrar uma casa de família onde eu trabalhei por muitos anos. Trabalhei 14 anos de doméstica nessa casa. Criei meus filhos tudo com esse emprego que consegui depois de fazer uma promessa para a santa Maria Bueno. Eu pedi e ela colocou esse emprego no meu caminho.

(Jovina, Cemitério São Francisco de Paula, 2008)

Minha filha tinha muitos desmaios... De uma hora para outra, ela ia ficando pálida e caía no chão. Vivia toda machucada. Fizemos tudo quanto é que foi exame... Não dava nada. Chegamos a pensar que era epilepsia, mas não dava nada nos exames. Disseram pra mim que podia ser algo espiritual. Uma vizinha me indicou um "centro de mesa branca", como já não sabia mais a quem recorrer, né? E a menina continuava desmaiando, sem resposta dos médicos para o que ela tinha. Daí minha vizinha falou dessa senhora que era da mesa branca Eu procurei e ela me mandou rezar uma novena para Maria Bueno, isso há uns 15 anos atrás. Minha filha se curou dos desmaios, eu paguei a promessa que tinha feito, que era trazer minha filha aqui para acender um maço de velas e trazer um buquê de flor pra ela. Depois disso continuei fazendo meus pedidos para Maria Bueno... Quando meu marido ficou desempregado, quando minha sogra teve que fazer uma operação de varizes, fiz um pedido pelo meu filho também, para ele conseguir o primeiro emprego. E sempre fui atendida.

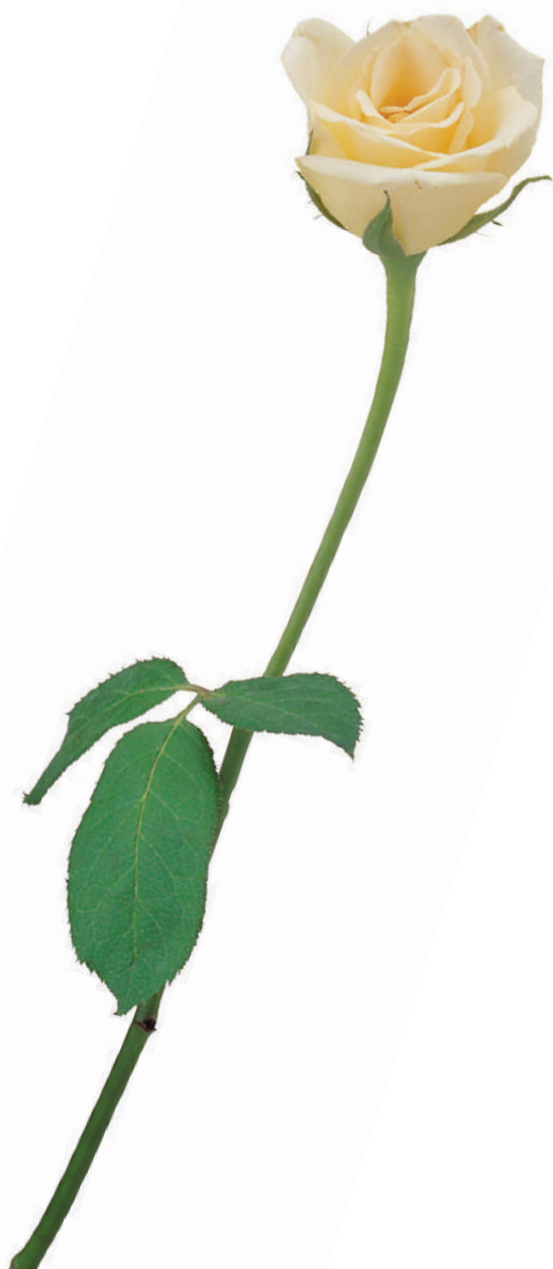
(Eugênia, 02/11/ 2008, Cemitério São Francisco de Paula)

Eu tenho muita fé na Maria Bueno. Meu filho Wanderlei tá se recuperando bem de uma operação com a graça dela. Eu pedi por ele, quando ele se operou. Graças a Deus e a Maria Bueno já tá andando de novo. Na época que ele se acidentou eu fiquei desesperada... Se quebrou todo... Machucou a coluna, daí o médico disse: tem que operar, mas tem o risco dele não voltar mais a andar. Bem no dia da operação que ele fez, eu vim aqui no cemitério pra pedir pra ela, que ajudasse ele... Dito e feito! Passou uns 3 meses ele já, com ajuda da fisioterapia e muita reza, voltou a caminhar... Quer dizer, reaprendeu a andar de novo, porque ele ficou quase um mês sem levantar da cama....Praticamente inválido.... Eu pedindo pra Deus e fazendo promessa, novena pra tudo quanto é santo... Olha que deu certo!

(Marlis, Cemitério São Francisco de Paula, 2009)

"Venho toda segunda para agradecer e pedir proteção. Mais para agradecer. É sempre bom a gente rezar. De vez em quando a gente traz os nossos problemas para ela resolver e fica tudo bem. Maria Bueno é muito poderosa, a gente pede e na hora ela atende. Até quando meu filho foi fazer a prova no Detran, que é bem difícil passar na primeira vez...Daí tem que fazer tudo de novo, gastar um dinheirão. Eu disse pra ele no dia que ele ia fazer a prova, eu vou lá na Maria Bueno! Saí de casa junto com ele...Ele foi pra um lado eu fui pro outro. Ele foi fazer a prova e eu vim aqui. Disse pra ele não se preocupar porque na hora da prova eu ia estar aqui rezando para ele passar. Quando eu tava saindo do cemitério o celular tocou... Era ele todo feliz, tinha passado. Eu disse para ele dar um jeito de vir também, né?... Agradecer. Essa coisas assim que a gente pede e ela ajuda. Por causa de tudo isso que eu venho. Principalmente agradecer."

(Luzia, Cemitério São Francisco de Paula, 2008)



Em retribuição à assistência da santa, Eugênia repete há 15 anos o mesmo percurso no Dia de Finados. Ao contrário das longas jornadas a grandes centros de devoção católica (Aparecida do Norte, em São Paulo; Lourdes, na França ou Fátima, em Portugal), raramente percorridas individualmente, a romaria ao túmulo de Maria Bueno, no Dia de Finados, não é institucionalizada. Associando-se ao culto aos “mortos privados”, a romaria ao mausoléu de Maria Bueno é construída por diversos trajetos. Podemos, porém, constatar a existência de um padrão de deslocamento. Do portão principal do Cemitério Municipal de Curitiba é possível enxergar a redoma de vidro com A estátua da *santa* sobre a construção azul. A primeira parada, depois de uma breve pausa à entrada do cemitério, costuma ser em frente às placas de agradecimento. Os pontos de parada seguintes costumam ser o topo da escada da capela, em frente à capela, no seu interior e o velário.

Confeccionadas em granito, madeira, plástico ou metal, placas recobrem o mausoléu e boa parte do muro em frente, formando um mosaico de agradecimentos. Os devotos gostam de observá-las. É comum ouvi-los dizendo: “Olha quantos milagres ela já realizou”.

Chegando ao mausoléu, a imagem da *santa* se destaca, esculpida em tamanho natural, coberta com um manto branco, lembra uma noiva pronta para se casar. Diante de sua imagem, iniciam-se os ritos, orações frequentemente acompanhadas de gestos: as pessoas estendem as mãos na direção à imagem, ajoelham-se, jogam beijos. Comportamento semelhante ao observado nos santuários católicos como de Aparecida do Norte, onde a multidão de devotos desfila em frente à imagem de Nossa Senhora Aparecida, reverenciado-a através de gestos ritualísticos.

Analogias entre a devoção a Nossa Senhora Aparecida e Maria Bueno não terminam aí, pois a peregrinação ao túmulo de Maria Bueno se integra ao circuito religioso católico, como ilustra o caso de Dona Ifigênia e seu José. O casal de congregados marianos, todos os anos, vai ao túmulo de Maria Bueno no Dia de Finados para agradecer a cura de dona Ifigênia; *graça* que ela afirma ter alcançado através de intervenções de Maria Bueno e de Nossa Senhora Aparecida. Ao saber que tinha um tumor maligno no esôfago, recorreu



FOTO 3 | Devotas observam as placas de agrdecimento em frente à capela de Maria Bueno.



FOTO 4 | Devota contempla a imagem de Maria Bueno localizada sobre o Mausoléu.

5 A novena hoje realizada às quartas-feiras, na Igreja do Perpétuo Socorro, no bairro Alto da Glória, em Curitiba, teve início no ano de 1960. Inicialmente, a novena era realizada na Capela Nossa Senhora da Glória, situada na Avenida João Gualberto. A capela foi substituída pela igreja da Praça Portugal em 1969. Atualmente, a novena é uma das manifestações religiosas da cidade, frequentada por pessoas que esperam resolução de seus problemas. Cerca de vinte mil pessoas passam pelo santuário, nas quartas-feiras.

às duas *santas*. Para a Padroeira do Brasil, a *promessa* consistiu em uma viagem à Aparecida do Norte para se ajoelhar em frente à sua imagem; para a santa curitibana, realizou uma novena. Segundo Ifigênia, sua devoção a Nossa Senhora Aparecida era antiga, já a devoção a Maria Bueno surgiu na ocasião em que ficou doente (2002). D. Ifigênia ficou sabendo dos milagres da *santa* através de conhecidos, então, fez a novena. Para ela, as duas *santas* ajudaram para que se curasse da grave doença. Desde então, sempre que pode, ela viaja (em romaria) para o santuário de Aparecida do Norte e visita o túmulo de sua intercessora local.

Diva, moradora do bairro Campina do Siqueira, também incluiu a capela de Maria Bueno em seu itinerário religioso. Participante assídua da novena realizada às quartas-feiras na Igreja do Perpétuo Socorro, no bairro Alto da Glória/Curitiba⁵, ela visita o túmulo da santa, semanalmente: “Eu vou na novena do Perpétuo Socorro nas quartas, aproveito a vinda pro centro, e dou uma passadinha aqui pra rezar pra santinha.” O circuito de santuários marianos não é, porém, o único em que a *santa curitibana* se insere. Dona Olga afirma *se apegar muito com* Maria Bueno, Nossa Senhora e Santa Paulina. Por isso todo ano cumpre um roteiro religioso que abrange: Aparecida do Norte, Nova Trento (onde se localiza o santuário da Madre Paulina) e a capela de Maria Bueno, em Curitiba

Esse é um dado interessante desta pesquisa: o culto a Maria Bueno integra um circuito de devoções que abrange santos canônicos e não-canônicos. É o que ilustra também o depoimento de Dona Carmina, devota do Menino da Tábua (Maracaí, SP), santo cultuado no interior de São Paulo: “Tinha excursão, aí eu fui lá, no Menino da Tábua, cumpri a *promessa* e graças a Deus o meu menino nunca mais teve dor de barriga. Ele já tá com vinte sete anos. Tenho devoção em Maria Bueno, em N. Sra Aparecida e no Menino da Tábua.”

É preciso, porém, atentar para a diversidade desses circuitos de devoção, pois existe um circuito local, realizado ao longo do ano. Visitas à capela de Maria Bueno no Cemitério Municipal são associadas a missas católicas, isto é, a práticas de devoção institucionalizadas. Há quem vá ao cemitério municipal após as missas de domingo, na Catedral Metropolitana de Curitiba, assim como a senhora acima mencionada que frequenta a capela de Maria Bueno às quartas-feiras, antes ou após participar da novena na Igreja do Perpétuo Socorro. Em alguns casos, a devoção em Maria Bueno se insere no circuito de santuários nacionais, normalmente envolvendo práticas anuais, por exemplo, uma viagem à Aparecida, no mês de outubro.

Conforme a urgência da demanda, o fiel recorre a diferentes mediadores situados em diferentes níveis da “hierarquia celestial”: anjos, santos, espíritos. Em alguns casos, apelam aos vivos habilitados a atu-

ar como mediadores daqueles: sacerdotes, pais e mães de santo, benzedores, rezadores são recrutados para se obter bênçãos, rezas e invocações que favoreçam a conquista de uma *graça*.

A despeito de ser do “staff superior”, Nossa Senhora Aparecida “divide os créditos” pela cura do câncer com uma santa não-canonizada, segundo o relato de uma devota. Poder-se-ia dizer, nesse caso, que a devota recorreu a uma mediadora mais próxima de Deus (a Mãe do filho de Deus) e à outra, próxima dela mesma (a santa local). Nossa Senhora encontra-se situada hierarquicamente acima dos demais santos. Embora respeitosa, por vezes solene, a fé nestes últimos pode se expressar como “devoção horizontal”.

Ao tratar com um santo, o devoto escolhe um sujeito entre outros, e escolhe por razões muito variadas: é o santo de sua cidade ou profissão; ou ele costuma se ocupar de tal ou qual aflição; ou os feitos de sua vida indicam que poderia se interessar por essa aflição concreta de que o devoto padece; ou que ele foi amigo ou mesmo xará de algum outro santo com quem já se tem relação. Pode ser que a escolha venha dada por uma *visão*, um encontro casual ou uma recomendação de outrem. A relação com o santo não-canônico, embora hierárquica, está marcada por uma sem-cerimônia e não é irrevogável: pode haver rupturas desse contrato tácito ou expresso (o santo não foi capaz de conceder uma *graça* solicitada), ou um cancelamento sem outras consequências (o devoto obteve a *graça* e pagou a *promessa*), ou um simples esmorecimento, a relação se dissolve aos poucos ou é substituída por outra. Não é, tampouco, exclusiva: “o culto aos santos existe sobretudo no plural, e com frequência se ordena por critérios de especialização - cada santo respondendo por um tipo de necessidades ou aflições”⁶.

Como aponta Oscar Calavia Sáez, a relação do fiel com os santos se concretiza por meio de arranjos e escolhas pessoais. O culto a Maria Bueno não é uma exceção, visto que a *santa curitibana* é cultuada tanto



FOTO 5 | Ifigênia e José rezam o terço na Capela da santa, Dia de Finados.

6 CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os santos podem fazer pela antropologia? *Religião & Sociedade*. vol.29 no.2 Rio de Janeiro, 2009

em espaços e/ou ritos públicos, como no espaço privado. Sua imagem está presente em altares domésticos onde seu poder é invocado por meio de novenas, *correntes de orações*, bem como *benzimentos*.

Ainda que essas práticas não estejam de acordo com prescrições da Igreja Católica, a difusão da crença se estende até mesmo a profissionais da instituição, como é o caso de duas freiras, cuja visita ao túmulo de Maria Bueno no Dia de Finados pudemos registrar:



FOTO 6 | Freira reza na capela de Maria Bueno.

Eu vim rezar pelas almas e pela alma do meu pai que não está enterrado aqui em Curitiba, mas eu vim rezar. Lembrar que a vida é só uma passagem. Que a gente tá nesse mundo só de passagem, vai existir um dia a ressurreição dos mortos. Faz muitos anos, as notícias correm bastante nos jornais, televisão, depois o túmulo dela é muito visitado; são muitas pessoas que passam por aqui. A gente vê muitas plaquinhas de ação de *graça*. Pessoas que pedem e as *graças* são alcançadas através da fé e devoção. (...) As pessoas falam bastante, a gente vem ver se realmente são *graças* alcançadas através da fé. As pessoas têm sede de Deus e dessa forma através da Maria Bueno acabam indo até Deus. Eu admiro essa devoção do povo, mesmo que não seja reconhecida pela Igreja. Eu admiro. Não critico. Acho que a pessoa busca Deus, através de sua fé, aquilo que ela acredita. Todas essas placas que estão aí demonstram a fé que as pessoas têm nela, justifica a devoção. Dentro da Igreja tem vários movimentos. Cada um interpreta de uma forma. Pra gente é a fé. (Freira do Sagrado Coração, Cemitério São Francisco de Paula, 2009)

Registramos o seguinte comentário da acompanhante dessa freira que visitava a capela pela primeira vez:

Eu tenho muita fé nos santos. Não só na Maria Bueno como em outros santos podem alcançar uma *graça*. Esse é mais recente, o pessoal busca pelas placas, eu vi que tem as placas de agradecimento, vou procurar. As pessoas acreditam que ela leva o pedido até Deus, é Deus que faz o milagre, através dos santos. Então, a pessoa vem até ela que leva o pedido até Deus que concede as *graças* através dela. Ela é um meio, um instrumento pra nós e pra Deus. Ninguém faz nada sozinho, mas através de Deus. Com certeza se ela tá fazendo milagre é porque Deus está intercedendo através dela (Acompanhante da Freira do Sagrado Coração, Cemitério São Francisco de Paula, 2009).

A exemplo das freiras, a maioria dos devotos de Maria Bueno possui uma religião

na qual não apenas se refugia, busca salvação, proteção e milagres, pois como muitos deles dizem, *sem religião (fé), as pessoas não são nada*. O fato de se manter vínculos com santos e *entidades* consagradas oficialmente, não os impede, porém, de se envolverem em “trocas” com os santos não-oficiais.

Marcel Mauss, no seu “clássico” artigo sobre a **dádiva**⁷, sustenta ser a relação entre homens e deuses uma de suas modalidades. O princípio da **dádiva** consiste na construção de relações sociais pautadas no movimento de **dar, receber e retribuir**. Segundo esse autor, trocas, assim como “contratos arrastam em seu turbilhão não apenas os homens e as coisas, mas os seres sagrados que são mais ou menos associados a eles (...). São eles (os seres sagrados) os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo. Portanto, com eles que é mais necessário trocar e mais perigoso não trocar. Inversamente, porém, com eles é mais fácil e mais seguro trocar.”

Os rituais realizados no túmulo de Maria Bueno ilustram essa relação de **troca** entre **homens e divindades**, entre a *santa* e os devotos que ali rezam, pedem e agradecem as *graças* recebidas. Grande parte dos devotos termina o seu trajeto no velário que fica ao lado do mausoléu de Maria Bueno; outros seguem dali para o Cruzeiro das Almas. Alguns passam então à visita a outros túmulos. As visitas à capela de Maria Bueno porém não se restringem ao Dia de Finados. Cerca de cem devotos frequentam a capela diariamente, em especial, às segundas-feiras, Dia das Almas. Como a capela é aberta apenas no período da tarde, às segundas-feiras, os devotos que costumam visitá-la pela manhã realizam os rituais junto à porta, rezando com o rosto rente ao vidro e colocando as rosas nos vãos das grades. Além de rosas, deixam-se também bilhetes endereçados à *santa* e colocados através de dois respiradouros metálicos próximos à porta. Também registramos entrega de dinheiro, fotos de familiares, entre outros itens. Nos bilhetes, além de pedidos, são registrados agradecimentos e listas de nomes de pessoas⁸:

“Que eles briguem, que ela leve ele para bem longe, que a santa afaste ela do meu namorado...”

“Santa M^a Bueno. Peço pelo meu filho (...) tenha gosto pelos vários tipos de alimento, que ele coma de tudo sem nojo”.

“Maria Bueno, peço pra que meu filho dê certo no serviço (...) que o responsável goste dele e fique com

7 MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva, formas e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp. 185-314.

8 Esses bilhetes foram recolhidos das lixeiras do cemitério, isto é, depois de terem sido descartados pelo pessoal da limpeza.



FOTO 7 | Devota no altar e túmulo de Maria Bueno na Capela do Cemitério Municipal.



FOTO 8 | Devoto reza diante da imagem da *santa*.

ele lá e que meu sobrinho (...) deixe do vício da bebida para sempre. Ficarei grata a você para sempre. Por favor, olhai e protegeí meus filhos e esse neto que está por vim. Assinado: R.”

“Maria Bueno faça meu marido abandonar o vício da bebida para sempre. Ficarei grata pelo resto da minha vida.”

“Deis senhora a *graça* de abençoar minha amiga. Saúde, paz e amor e toda sua família. Amém que sejam felizes. Amém.”

O conteúdo dos bilhetes aqui reproduzidos sugere que se atribuiu a Maria Bueno uma variada gama de demandas: questões de saúde, conflitos conjugais e familiares, problemas com a justiça, além de pedidos de proteção em situações consideradas desafiadoras (exames vestibulares, de trânsito etc). Esses pedidos, *graças*, milagres, proteção e bênçãos usualmente são retribuídos com rosas, velas, placas e, em casos mais extremos, com a sujeição do indivíduo a sacrifícios: subir escadarias de joelhos, carregar cruzeiros pesados etc. Doações em dinheiro para manutenção do mau-soléu de Maria Bueno também são consideradas forma de retribuição.

ETERNAMENTE GRATO

Há os que afirmam que *graças* recebidas não podem ser retribuídas porque a capacidade de um santo de auxiliar e abençoar está além da capacidade humana de **retribuir**. Daí se declararem “eternos devedores da santa”: “Eu não tenho palavras para agradecer a Maria Bueno, tudo que ela já fez por mim. Ela já fez tanta coisa que eu venho toda semana aqui no túmulo dela. Venho no Dia de Finados que é o dia dela, mas toda semana eu tô aqui, trago uma florzinha pra ela, queimo uma velinha”. (Vanilda, Cemitério São Francisco de Paula, 02/11/2009).

Os pedidos escritos pelos devotos e deixados no túmulo da *santa*, frequentemente já incluem a forma de retribuição: “ficarei grata pelo resto da minha vida” ou “serei eternamente grata”.

Afirmam alguns devotos que não se deve contar a *graça* solicitada nem a *promessa* feita ao santo antes de alcançá-la, sob o risco de não se obter sucesso.

A ESCRITA EX-VOTIVA

Os bilhetinhos e cartas endereçadas aos santos é tradição religiosa de ampla difusão no Brasil, sendo encontrados nas “salas de milagres” dos santuários católicos mais populares. Segundo Márcia de Moura Castro, a chamada escrita ex-votiva (composta de bilhetes e cartas de agradecimento aos santos) deriva da tradição portuguesa das tábuas votivas, introduzida no Brasil no período colonial. Estas consistiam em representações dos milagres através de desenhos e pinturas. Os devotos buscavam representar o “processo de ação de graça” através de quadros que retratavam a aflição do pagador da *promessa* (que aparecia doente, prostrado, sofrendo), o momento do voto (ilustrado pela imagem do devoto diante da imagem de seu padroeiro fazendo o pedido), e o restabelecimento, o êxito obtido por intermédio do santo. Segundo a autora, essa tradição de representar o processo taumatúrgico através dos ex-votos pictóricos teria evoluído para a escrita ex-votiva, e as cartas relatando o sofrimento que levou o fiel a recorrer à intercessão divina, substituem as antigas ilustrações. O bilhete, por sua vez, seria a versão resumida dessas cartas. (CASTRO, Márcia de M. Ex-votos mineiros. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994)



O LIMIAR

Mircea Eliade afirma que “para o **homem religioso**, o espaço não é **homogêneo**: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaços qualitativamente diferentes dos outros. (...) A fim de pôr em evidência a não-homogeneidade dos espaços, tal qual ela é vivida pelo homem religioso, pode-se fazer apelo a qualquer religião. Escolhemos um exemplo ao alcance de todos: uma igreja, numa cidade moderna. Para um crente, essa igreja faz parte do espaço diferente da rua em que ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica, ao mesmo tempo, a distância entre os dois modos de ser, **profano** e **religioso**. O limiar é concomitantemente o limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõe dois mundos - o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado.(...) A porta, o limiar, mostra de maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa porque se trata de um símbolo e de um veículo de passagem. (...) No interior do recinto sagrado, o mundo profano é transcendido. Nos níveis mais arcaicos de cultura, essa possibilidade de transcendência se exprime pelas diferentes imagens de uma abertura: lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma porta por onde os deuses podem “descer” à Terra e o homem subir, simbolicamente, ao Céu”. (ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo, 1992, p. 65.)

FOTO 9 | Visitante encontra a porta da capela fechada e acaba deixando as flores na grade da porta.

Promessas e pedidos pendentes são considerados “assuntos entre devoto e santo”, afirma Renata Menezes⁹. A antropóloga menciona a existência de uma “etiqueta da *promessa* e do pedido”. A *promessa*, enquanto uma forma de troca, cria uma obrigação moral¹⁰. Quem pede e recebe, torna-se devedor. Pagar uma *promessa*, portanto, significa saldar a dívida com o santo. Esse é um imperativo que abre a possibilidade de outras *promessas*.

À medida que os pedidos e retribuições se sucedem, cria-se uma intimidade entre os devotos e o santo. Daí vários deles se tornarem, a exemplo de Maria Bueno, “padroeiros de causas cotidianas e pessoais”. No imaginário popular, há um conjunto de representações e práticas que dão sentido a essa relação de dependência/proteção, resumida na idéia de que o devoto deve comprometer-se com os santos, que por sua vez devem proteger, velar por seus “protegidos”.

Mauss afirma que a oração é um elemento chave da **troca entre homens e deuses**. No ensaio *A Prece*¹¹, esse autor sugere que a prece é um ato ritual que cria um contrato com o **sagrado**. As *oferendas* constituem parte da retribuição; mais importante, porém, é o engajamento do devoto na difusão do poder do santo, principal moeda de troca, contrapartida da *graça* recebida, como ocorreu no caso de Gerson que considerava a crença de sua mãe em Maria Bueno “um absurdo”, até “precisar” dos préstimos da *santa*. Ele obteve a primeira *graça* através de sua mãe que recorreu a Maria Bueno em favor dele. Desde então, ele procura ajuda a todos que Maria Bueno coloca em seu caminho; mandou fazer uns *santinhos*, quando sabe que alguém está passando por dificuldades, entrega-os à pessoa, como forma de agradecer às *graças* recebidas. Os termos do “contrato” com o santo se cumprem, nesse caso, conforme prevê a oração: “ajuda-me como melhor achares, faze com que tudo chegue aos caminhos certos para que a alegria, a saúde e a paz voltem ao meu espírito atormentado. Em troca de tua maravilhosa ajuda, prometo socorrer a todos os que mandares em meu caminho, Amém!”

Gerson faz questão de reforçar seu testemunho de fé apontando a placa de agradecimento que mandou confeccionar em gratidão pelos préstimos da *santinha*. Além dos panfletinhos, da placa de agradecimento, das flores e vela periodicamente ofertadas à *santa*, no Dia de Finados, ele promove a divulgação desta participando de comunidades de Maria Bueno, no Orkut. Fez questão dar seu testemunho no documentário a respeito da *santa*, produzido por um grupo de estudantes de uma universidade de Curitiba.

9 MENEZES, Renata. A dinâmica do sagrado. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004, pp. 179.

10 MAUSS, Marcel. Idem, 2003.

11 MAUSS, Marcel, A Prece. In: “Ensaio de Sociologia”. São Paulo: Perspectiva, 1981.

12 MENEZES, Renata – A dinâmica do sagrado. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004: p. 179

O comportamento de Gerson, como tantos outros, indica que a crença nos santos se pauta na avaliação de sua eficácia: ela é uma *santa forte, muito poderosa*, dizem os devotos de Maria Bueno. Um santo milagroso é aquele que “faz”, “dá”, “consegue”, “atende”, “ajuda”, “arranja coisas”, “resolve problemas” dos devotos¹². *Força e poder* que no caso de Maria Bueno são associados frequentemente ao “pronto atendimento” dos pedidos. Outro indicador de seu *poder*, além da variedade das demandas atendidas, é a longevidade da relação com os devotos: em geral as obrigações para com Maria Bueno perduram por vários anos, por vezes por toda a vida do devoto.

O vínculo com Maria Bueno atravessa gerações. Por vezes nem mesmo a morte rompe a relação com o santo: frequentemente os parentes (em geral os filhos) dão continuidade à devoção, isto é, cumprimento da dívida com o *sagrado*. Essa atemporalidade da aliança funda a crença em determinados santos como tradição familiar. Quase todas as famílias que visitam o túmulo de Maria Bueno têm histórico de gratidão, passada de pai para filho, para contar. Dona Marilda conta que a avó (Benedita) teria alcançado uma *graça* (que ela nem sabe dizer qual foi) e teria, a partir de então, se tornado devota. Em retribuição à *graça* recebida, ia ao cemitério sempre que podia e, nos Dias de Finados, sempre levava os filhos, que, por sua vez, também passaram a **pedir, receber e retribuir**. Centenas de crianças são levadas pelos pais e avós ao túmulo de Maria Bueno, no Dia de Finados. Elas chegam com rosa na mão, entram com os pais na capela, são incentivadas a rezar, a tocar a imagem da *santa*: “Olha a santinha! Olha! Viu?! É a nossa santinha” — diz a mãe para um bebê de colo.



FOTO 10 | Avô e neto no ritual de agradecimento a Maria Bueno.

HINO

Maria, eu venho de longe
Pedir-lhe em oração: saúde, paz e alegria
Para mim e para todos os meus irmãos
Maria, Maria, Maria da Conceição
Volte os teus olhos e
Atende o teu povo em oração
Na beleza da tua face, na paz
Do teu lindo olhar
Tu pisas no céu entre flores
És irmã da estrela a brilhar
E cada um que chega, Maria
Na capela a orar
E traz uma rosa aos teus pés
Quer uma *graça* alcançar.
De mãos erguidas Maria
Segura nas minhas mãos
Hoje, sempre e por toda a vida.
Viemos te agradecer
As *graças* de todos os dias
Poder visitar-te e te ver
Agradeço Maria
As *graças* já recebidas

PRECE A MARIA BUENO

Maria Bueno, alma santificada pela vontade do povo e por causa das inúmeras provas de milagres que haveis em benefício dos que dirigem a vós: mártir que soubestes sofrer sem gemido até os últimos momentos de vida: que preferistes a decapitação, a morte cruel e violenta, do que vos entregardes com vida ao vosso algoz, que fostes e continuais a ser benigna e piedosa: tende pena de (dizer o nome da pessoa por quem se pede) , dai-lhe (ou dai-me) saúde, curai (dizer o nome ou curai-me) dos males que o afligem (ou me afligem), fazei, enfim, com que ele (ou eu) seja feliz, possa trabalhar e sustentar a sua (ou minha) família. Maria Bueno, sede intermediária junto a Jesus Cristo e atendei esta minha súplica que em troca do favor que me fizerdes, também socorrerei os pobres, acenderei velas sobre o vosso túmulo e rezarei sempre pela vossa alma. Amém.

ORAÇÃO A MARIA BUENO

Minha querida Maria Bueno, Espírito Iluminado, Mensageira de Cristo na Terra, junto às criaturas vulneráveis como nós! Eu venho pedir o auxílio certo para as minhas dificuldades, pois tenho certeza que serás a minha protetora e me ouvirás, como sempre fazes quando estou desamparado(a). Com a tua assistência, meu pedido não ficará no esquecimento. Imediata resposta obterei de ti. Portanto, confio e entrego em suas mãos espirituais o meu problema que é... (dizer o problema e a *graça* desejada). Maria Bueno, sinto o meu espírito tão agitado, desesperado, amargo como fel por esta provação que me invade. Ser de Luz, tenha pena de mim, ajuda-me como melhor achares, faze com que tudo chegue aos caminhos certos para que a alegria, a saúde e a paz voltem ao meu espírito atormentado. Por tudo, muito obrigado(a). Em troca de tua maravilhosa ajuda, prometo socorrer todos os que mandares em meu caminho, Amém!





DEVOÇÃO
CENTENÁRIA

Conceição A. dos Santos



AGRADECIDO
I.M.AGRADECE A
BONDOSA ALMA DE
MARIA BUENO
8-11-57

AGRADECIDA
L.R.
AGRADECIDA
A.R.
AGRADECIDA
FAMÍLIA
C.D.P.
15-7-1958

AGRADECIDA
A.I.M.

AGRADECIDO
PELA GRAÇA
CONCEBIDA DE
MARIA BUENO
OFERECE
JOÃO LINHARES
ITAJAI

HOMENAGEM DOS DEVOIS
DE
MARIA DA CONCEIÇÃO BUENO
★ 8-12-1864
± 29-1-1893

AGRADEÇO A MARIA E
A GRANDE GRAÇA ALC
EM 03

AGRADECIDO
11-55

D^{NE} ROSA BALLOCK
AGRADECE A MILAGROSA
MARIA BUENO
PELAS GRAÇAS ALCANÇADAS
CURITIBA 21-6-57

ELI
AGRA
6-1

Agradeço a
graça recebida.

Há mais de cem anos Maria Bueno vem sendo venerada pela gente de Curitiba e de outras regiões do Paraná. Segundo dizem seus admiradores, entre os devotos há, inclusive, estrangeiros. É difícil precisar quando ela começou a ser cultuada, mas a imprensa, principal

fonte de documentação, registrou as primeiras manifestações de culto no local onde Maria Bueno foi barbaramente assassinada, como pode ser visto pelo texto publicado no jornal *Gazeta do Povo*, de 18 de janeiro de 1934, transcrito a seguir com atualizações gramaticais.

MARIA BUENO, A MÁRTIR QUE SE GLORIFICA PELA FORÇA ESPIRITUAL DOS SEUS CRENTES.

A vida e o martírio da vítima da sanha assassina de Inácio Diniz: o criminoso que pagou com a vida os males praticados. Pormenores sobre a tragédia que abalou a pacatez de Curitiba há 40 anos.

A 28 de janeiro de 1893 a pacatez da vida curitibana foi quebrada por uma tragédia. Quase no centro urbano da cidade. Quase Campos Geraes (hoje Av. Vicente Machado) em um terreno baldio jazia uma mulher morta a facadas. Era Maria Bueno, uma desconhecida da sociedade seleta e, por sua vez, uma criatura de seleção, pela bondade de seu sentimentos, nos meios modestos da cidade. Por muitos dias, o triste episódio foi objeto dos comentários gerais. Quem matara Maria Bueno? E depois que descobriram o assassino: por que a matara esse perverso?

O inquérito policial prosseguia e a opinião do público continuava viva de comentários e de indignação. Que era que alimentava a preocupação popular em torno do assassinio de uma desconhecida? Ninguém saberia dizer e, entretanto, nenhum crime dessa natureza abalara tanto o sentimentalismo curitibano. Por quê? Passaram-se os meses, passaram-se os anos e a lembrança desse crime continuou. Passaram-se 40 anos e a lembrança da vítima não perdeu intensidade. Por quê? Porque Maria Bueno foi uma

vítima da sua própria bondade, que a fez mártir. Por isso todas as almas ansiosas e sensíveis, todas as criaturas sofredoras lhe prestam, ainda hoje e o farão por largo tempo ainda, o culto da sua devoção.

Em torno do seu túmulo, no cemitério da cidade, as promessas se multiplicam de ano a ano. Gerações que não a conheceram lhe prestam à memória, o mesmo culto. E assim se fazem as devoções e se consagram os mártires. O tempo é um criador até de divindades. Daqui a cem anos, quem sabe! A imagem da modesta criatura talvez repouse nos altares, até lá erguida pela força espiritual dos seus crentes de agora. A psicologia das multidões é que faz os heróis e os santos. Para a vida daquela mulher, o destino reservará uma verdadeira tragédia que havia de culminar com o seu martírio. Os gestos de nobreza que trespassavam a vida inditosa de Maria Bueno, haviam de coroá-la na posteridade. Os seus predicados que confrontavam com o modo de vida daquela mulher, faziam-se sentir pelos sorrisos bondosos que colocavam expressões de felicidade nas seitas em que se ocultavam os infortúnios da inditosa dama.

Os seus gestos de maternal carinho tornavam-na estimada das crianças, e todos sentiam, na espontaneidade de sua alma, a amizade de sempre, sincera para com os que a cercavam. O amor que Maria Bueno dedicava ao seu companheiro Inácio Diniz, foi a perdição de sua vida. Possuindo um coração boníssimo, aquela mulher sentira florescer um grande amor por aquele homem que ocultava toda a maldade habilmente disfarçada em carícias. E aquelas cenas de amor trariam, como epílogo, uma tragédia que constituiria a consagração popular da vítima.

O companheiro de Maria Bueno não podia compreender, na obscuridade de sua ignorância, a expansividade daqueles gestos de sincera amizade para com os outros. O seu egoísmo exigia que toda a dedicação daquela mulher lhe fosse dispensada, a ele que trazia como estigma o instinto do crime. E no cérebro ignorante daquele ansejada do 8º Regimento de Cavalaria, o crime iniciou sua ronda, urdindo em silêncio a vingança para a companheira de quem suspeitava. Arquitetara o crime, conservando-se na expectativa, a aguardar o momento adequado para o desenlace. Seus afazeres de quartel não lhe per-

mitiam, no entanto, liberdade suficiente para perpetrar o crime sem ser pressentido. Na noite de 28 de janeiro de 1893, Diniz se encontrava de guarda à porta do quartel onde se acha atualmente o 3º Regimento de Artilharia Montada. No silêncio das trevas, longe da mulher que se achava com o direito de governar, o anspeçada, na sua visão obcecada pelo ciúme, antevia todo o desenrolar da tragédia. E não hesitou em dar vazão aos seus instintos, fugindo da guarda para se dirigir, envolto em enorme capote-poncho, à casa de Maria Bueno. Os seus planos iam ser postos em prática. Marcado encontro em um capão próximo, Diniz dispôs-se à perpetração do crime. Sem desconfiar do intento diabólico do anspeçada, Maria Bueno deixou a roda de pessoas amigas em que se encontrava, numa pequena festa e se dirigiu ao encontro marcado.

A escassa luz que então iluminava a cidade, durante a noite, deixava na penumbra a atual Avenida Vicente Machado e, um capão existente onde hoje se encontra uma casa, logo no início daquela avenida, oferecia excelente local para a cena premeditada do anspeçada.

Fingindo-se ainda mais uma vez o amoroso que sempre simularia ser, Inácio acariciava a sua amante, ocultando sob o capote-poncho a faca que servia de arma assassina. O policiamento reduzido da cidade, então feito apenas por alguns praças do Regimento de segurança, concorria para o ambiente propício à cena de sangue. Tudo favorecia ao covarde para a prática dos seus intentos. Em dado momento, fazendo rolar no chão o corpo ferido de Maria Bueno, depois de fazer penetrar nas carnes da mulher a sua faca criminosa, Diniz deu completa vazão aos seus instintos.

Perpetrado o crime, no isolamento da noite, o assassino dirigiu-se ao quartel, onde voltou ao seu posto com a calma que lhe oferecia a sua ignorância que interpretava a cena brutal como um ato desbravado de companheiro que se vingava, ultrajado. Para dissimular, procurando ocultar o crime a fim de fugir à justiça, o assassino escondeu seu capote-poncho que fora manchado de sangue da vítima em um poço existente no centro da praça do quartel.

O aparecimento de um cadáver de mulher, naquele recanto da então Rua Campos Gerais, foi motivo para os mais desconcertados comentários da população que ficara perplexa com o horroroso crime.

E a polícia iniciou o seu trabalho, procurando descobrir o autor do bárbaro assassinato. A necropsia foi procedida pelo médico de polícia, o senhor Rodolfo Lemos, tendo presidido o inquérito, o chefe de polícia Dr. Basílio do Amaral e tendo servido como amanuense “ad hoc” o Sr. Artur Euclides de Moura.

A inquirição das testemunhas foi procedida pelo juiz distrital Dr. Cícero Gonçalves Marques, sendo que nenhuma delas presenciou a cena, tendo divagado em referências sobre antecedentes da vida da vítima.

Descoberto o criminoso, que negava ser o perpetrado do assassinato, correu o processo no qual funcionou como promotor público o Dr. Estácio Correia. O julgamento foi presidido pelo Dr. Artur P. de Ciqueira sendo que o corpo de jurados foi constituído por 12 membros. O júri se realizou a 12 de julho de 1893 tendo servido como defensor do réu, o solicitador João Antônio Xavier, nomeado pelo juiz.

Em uma das salas da Câmara Municipi-

pal, teve lugar o julgamento que se iniciou às 11 horas da manhã, para terminar à noite. Depois dos debates, o conselho de sentença decidiu pela absolvição do réu, tendo sido lavrada a sentença com a apelação do promotor público. Como se tratasse de crime de morte e não tendo o réu sido absolvido por unanimidade, diante da apelação, foi ele conservado preso e como se houvesse sido desligado do 8º Regimento. Diniz foi recolhido à cadeia civil, então situada na esquina do largo do Mercado, hoje Praça Generoso Marques, com o largo da Matriz, atual praça Tiradentes.

A revolução Federalista, iniciada pouco tempo depois, no Rio Grande do Sul, estendeu-se pelo Paraná, em janeiro de 1894, com a invasão das forças do general Gumerindo Saraiva, chefe do exército libertador. Em Curitiba, o “caudilho” como era cognominado o general, mandou soltar todos os prisioneiros a fim de cumprir o lema que norteava a tropa: “Tudo pela liberdade”. Uma vez livre, Diniz foi classificado em um dos batalhões revoltosos, tendo certa vez seguido a passeio pela Estrada da Graciosa com alguns amigos que costumavam se embriagar. Ao chegarem no Atuba, avistaram o negócio do velho Mehl, um comerciante português, e resolveram praticar um saque de emboscada. Tendo recebido denúncia do fato, o general Gumerindo mandou fuzilar os soldados dentre os quais se destacava Diniz, sempre afeito ao crime. O local da execução escolhido, foi atrás do Cemitério Municipal e as fileiras do exército revolucionário ficavam livres dos ladrões e assassinos, enquanto que Inácio Diniz pagava com a vida pelos males praticados durante a sua existência, e desaparecia, assim, o assassino de Maria Bueno. (Fonte: *Gazeta do Povo*, 18 de janeiro de 1934, p.05. Autoria desconhecida.)

Nessa reportagem — primeira a mencionar a existência do culto religioso — Maria Bueno é retratada como uma mulher incomum, bondosa, afável, simpática, dedicada e de caráter ilibado; provavelmente essas características tenham sido apontadas pelos devotos que, nesse tempo, já a haviam investido de atributos e **atribuições sagradas**. Suas características foram construídas em contraste com a conduta virulenta de Diniz, seu carrasco, que não se sabe se era seu amásio, marido ou namorado. A narrativa jornalística o descreve como um homem ciumento, egoísta, dissimulado e violento. Alguém *diabólico e afeito ao crime* e que, apesar de ter cometido um crime bárbaro, foi absolvido pelo júri. A despeito da absolvição, Diniz permaneceu preso na Cadeia Pública, aguardando que uma apelação para a realização de novo julgamento fosse definida pela Justiça. Nesse tempo, Curitiba foi invadida pelos federalistas e consta que Gumercindo Saraiva, líder da Revolução Federalista, “abriu a porta das prisões”, libertando todos os criminosos, dentre os quais o assassino de Maria Bueno. Em troca da liberdade, Diniz teria se unido às tropas federalistas, mas acabou sendo condenado à morte por

fuzilamento ao cometer um latrocínio; são fatos sobre os quais não há, efetivamente, registros históricos.

Essa versão de que Diniz foi libertado e depois “castigado” pelo líder federalista, Gumercindo Saraiva, tornou-se verossímil porque o assassinato de Maria Bueno (ocorrido em 28 de janeiro de 1893) deu-se em meio a um dos conflitos mais obscuros e violentos da história brasileira, chamado de “Revolta da Degola”; evento deflagrado em fevereiro de 1893, poucos dias depois da degola de Maria Bueno.

Pois bem, o que tornou a morte de Maria Bueno relevante — digna de ser celebrada periodicamente — não foi sua natureza trágica, pois a população de Curitiba vivenciou eventos dramáticos em sua história, a exemplo desse fato histórico citado, quando milhares de homens morreram degolados ou fuzilados e dezenas de mulheres foram estupradas. O que diferenciou Maria Bueno de outros casos foi o fato de sua morte ter adquirido conotação religiosa. Tudo indica que, pouco tempo depois do seu assassinato, começaram a surgir relatos de milagres realizados por ela.

BADERNA GENERALIZADA

O relato do alferes José Niepce indica, no entanto, que quando os federalistas chegaram a Curitiba encontraram a cidade e as prisões vazias: “E assim se desdobrava o impressionante espetáculo de baderna geral, em Curitiba. Sentinelas largando os postos, em pleno dia, deixavam nas guaritas as carabinas ou as espingardas, saindo a correr, ruas afora. Ginetes rapidamente aprestados para curtas jornadas, galopavam aos grupos, para as portas da cidade que estava na febre dos boatos. Carrocinhas guiadas por aurigas, de olhos esgazeados, trotavam de momento a momento cheias de famílias e badulaques às pressas, em busca de seguros esconderijos nos sítios circundos. Um vento morno de insegurança e de pavor soprava de todos os lados, e nas

próprias casernas já vazias de soldados, o populacho desenfreado depredava, destruindo a papelada dos arquivos, entre fortes algazarras e arrebatando armas e munições ainda sobejantes nas arrecadações em abandono. Enquanto que, na cadeia pública, o vetusto sobradão da Praça Tiradentes, os sentenciados viam soar a hora de suspirada liberdade, com a fuga dos praças que os guardavam e a aproximação dos primeiros maragatos que espontaneamente se iam gerando no próprio ventre da cidade, para se apoderar dos edifícios públicos desertos de funcionários”. SECUNDINO JUNIOR, Octávio. *Culto a Maria Bueno*, Gazeta do Povo, 01 novembro 1987, p.5

1 ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992

Como bem aponta Mircea Eliade¹, para o homem religioso não existem coincidências, pois este acredita em uma realidade absoluta, o **sagrado**, que transcende às coisas deste mundo, que se manifesta, santificando-o. Para o homem religioso, a morte, assim como a vida, tem uma origem sagrada, isto é, vida e morte são vistas como algo que existe independente da vontade humana, e estão sujeitas aos desígnios superiores à *esfera mundana*. Por acreditar nisso, o homem religioso busca compreender o **sagrado** (através da teologia ou da magia), prevenir-se em relação à vontade divina, comunicar-se com as divindades, criar e usufruir dos espaços, objetos e entidades sagradas. O mesmo ocorre com o tempo: para aquele que crê no **sagrado**, não basta demarcá-lo em horas, dias e séculos, pois o tempo foi criado pelos homens, mas foi consagrado pelos deuses para que fossem lembrados e celebrados. Segundo Mircea Eliade, o homem religioso experimenta duas espécies de tempo: o **sagrado**, dedicado aos deuses, às festas em homenagem aos santos ou outras divindades; e o **profano** cuja passagem é determinada por processos, acontecimentos e atividades desprovidos de significado religioso. O primeiro é uma espécie de eterno presente mítico que o homem reconstitui periodicamente por meio dos ritos como os que se observa no túmulo de Maria Bueno, no Dia de Finados. Todos os anos, há mais de cem anos, os devotos da *santa* celebram sua morte.

Como demonstra a parte final da reportagem, *Maria Bueno, a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes*, menos de meio século depois, seu culto já havia se popularizado e sua história já era contada segundo o **modelo hagiográfico**, isto é, enfatizando dois elementos essenciais (as virtudes e o sacrifício) para a construção das biografias dos santos:

Na opinião popular ficara indelével a idéia da inocência daquela mulher, e foi sendo criada, em torno de sua figura, uma auréola de santidade cada vez maior, com os milagres que se foram procedendo em favor dos que recorriam a sua alma (...) nas velas que eram colocadas no local em que se verificou o crime. Por muito tempo foram acesas velas naquele terreno baldio da Avenida Vicente Machado, como reconhecimento pelo bem que Maria Bueno prestava aos que a ela recorriam. A cruz que assinalava o local do seu sacrifício, colocada ali por algum crente fervoroso, foi um dia transportada, por ordem da prefeitura, para o Cemitério Municipal, onde começou a ser feita a romaria ao seu túmulo. E, aos poucos, foi se tornando elemento de fé popular, aquela mulher martirizada pelo seu companheiro perverso. No túmulo de Maria Bueno existem sempre muitas flores e inúmeras velas acesas, em paga do bem que fez às almas que lhe pedem graças. E a crença popular é cada vez mais crescente, enquanto são criadas várias lendas sobre o seu amor. A legião de crentes aumenta diariamente, sucedendo-se milagres de Maria Bueno, a vítima de sua própria bondade, que se glorifica através dos tempos².

2 Fonte: Gazeta do Povo, 18 de janeiro de 1934, *idem*.

Há anos Maria Bueno desperta o interesse dos estudiosos, sobretudo dos memorialistas, historiadores e jornalistas, principais produtores de sua biografia. O presente capítulo não versará sobre a “veracidade” ou as “invenções” correntes em suas narrativas, todas elas construídas a partir dos acontecimentos que envolvem o assassinato de Maria Bueno, pois o que nos interessa discutir é como esse evento foi acolhido pela **memória coletiva**. Por isso, é preciso considerar o período histórico durante o qual o culto à *santa curitibana* teve origem.

TEMPO DE TERROR

As inúmeras narrativas acerca do período da Revolução Federalista permitem dimensionar o peso simbólico desse evento na constituição da **memória coletiva**³ das populações do Sul do Brasil. Muitas narrativas referentes a essa época baseiam-se em acontecimentos violentos; histórias trágicas contadas com lances de heroísmo e que confrontam o espectador com questões como coragem, fidelidade, covardia e traição, e versam sobre heróis, vilões e bandidos. Em outras palavras, o evento histórico sucumbiu ao **mito**⁴, transformando a “Revolta da Degola” em fonte inesgotável de narrativas e personagens místicos e míticos.

Nem mesmo entre os historiadores parece haver consenso sobre os eventos e personagens dessas narrativas. Alguns estudiosos, por exemplo, afirmam que a chegada dos federalistas de Gumercindo Saraiva a Curitiba, em 20 de janeiro de 1894, deu início aos “dias de terror”. Com o anúncio de que os federalistas marchavam em direção à capital paranaense, os governantes e os membros das forças militares abandonaram a cidade que ficou à mercê de saques e depredação de prédios públicos. Quando invadiram a cidade, os federalistas encontraram uma população apavorada com o clima de desordem e com os relatos de guerra:

“Ainda nesse período que antecedeu o início da guerra, em novembro de 1892, um importante chefe político dos positivistas fora capturado pelos maragatos que lhe quebraram os ossos de todos os membros, depois lhe abriram o ventre e lhe retiraram os intestinos, para somente então matá-lo, separando a cabeça do tronco”⁵.

3 HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

4 Para o historiador Alessandro Portelli, “um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada, mas uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento singular, transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura”. PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum” In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005. pp. 120-1.

5 LOVE, Joséph. O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 62.

6 ROCHA POMBO, José Francisco da. Para a história: notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980. p.38.

7 SENA, Davis Ribeiro de. 1894: Paraná em chamas. Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

8 O caso do Barão do Cerro Azul certamente é o mais conhecido; Ildefonso Pereira Correia (nome verdadeiro do Barão) foi executado com outros cinco correligionários, em 20 de maio de 1894, no km 65 da Serra do Mar, logo após o término da Revolução. Ildefonso Correia foi acusado de ter colaborado com os federalistas; recorreu das acusações justificando que sua atitude de negociar com os federalistas, durante a tomada de Curitiba, tinha como objetivo a preservação da ordem na cidade sitiada.

9 Absolvido pelo assassinato de Maria Bueno e libertado por Gumerindo Saraiva, Diniz seguia cometendo crimes. Gumerindo Saraiva, por sua vez, era representado ora como bandido sanguinário, estuprador e degolador de mulheres, ora como idealista e grande estrategista, apelidado de “Napoleão dos Pampas”. Na trama que envolve Maria Bueno e o soldado Diniz, Gumerindo é quem pune o assassino de Maria Bueno, contribuindo com um desfecho para o caso.

10 CALAVIA SÁEZ, Oscar C. Fantasmas Falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996, pp.18.

José Francisco da Rocha Pombo, por sua vez, relata que os revolucionários que adentraram a cidade não passavam de horda de famintos seminus ou, nos termos dele, *legiões de bárbaros caindo sobre a terra indefesa*⁶. Circunstância bem diferente daquela apresentada pelo pesquisador Davis Ribeiro de Sena⁷ em cujo relato os federalistas tiveram uma recepção festiva em Curitiba; centenas de pessoas, segundo esse autor, teriam participado de uma missa solene celebrada a pedido de membros da elite paranaense.

Não se sabe ao certo quantos foram, de fato, executados em Curitiba durante a invasão federalista. Se a chegada das tropas de Gumerindo Saraiva inaugurava “dias de terror”, estes não terminaram com a retirada dos revolucionários. No momento em que retomaram o comando da cidade, os Republicanos começaram a identificar os “traidores”, isto é, seus inimigos políticos⁸. As cadeias ficaram cheias de “culpados” e “inocentes” e quando estas já não os comportavam, dezenas de homens foram encostados nos muros do Cemitério Municipal e, sem piedade, foram fuzilados sob acusação de traição à República.

As narrativas sobre a morte e santificação de Maria Bueno surgiram nesse contexto “de terror”, destacando-se pelo viés religioso. Circunstanciada pela “Revolta da Degola”, a morte de Maria Bueno foi associada não só ao seu carrasco, Diniz, como também a Gumerindo Saraiva⁹. Esses três personagens passam, então, a figurar uma série de narrativas; ela como “mártir”, vítima inocente assassinada por motivo torpe; os outros dois são tratados como protagonistas de feitos belicosos e violentos. A despeito da credibilidade histórica outorgada às narrativas mencionadas, canceladas sobretudo pela imprensa, aquelas que nos interessam especificamente referem-se à santificação de Maria Bueno. As versões hagiográficas (termo que remete à história dos santos) foram instituídas muito antes da vida de Maria Bueno se tornar objeto de especulação histórica, o que começa a ocorrer nos anos de 1930.

Assim como a biografia de Maria Bueno, sua santificação não encontra respaldo nos registros históricos e apresenta contradições que, da perspectiva antropológica, fica interessante, pois permite compreender o surgimento da devoção religiosa. Como bem apontou o antropólogo Oscar Calavia Sáez: “é no relato rico em ‘equívocos’ que o santo respira e se cria”¹⁰.

“REVOLTA DA DEGOLA”

A Revolução Federalista ou Revolta da Degola durou de fevereiro de 1893 a agosto de 1895. Começou como disputa política ideológica e terminou como guerra civil. O Partido Federalista do Rio Grande do Sul, fundado em 1892, liderado por Gaspar da Silveira Martins, defendia o parlamentarismo, a revisão da Constituição e a autonomia do Rio Grande do Sul em relação ao Governo Federal, pois se sentiam prejudicados política e economicamente. Júlio de Castilhos, presidente do Estado, e seu grupo político defendiam o Presidencialismo forte e centralizador. O conflito teve início quando os federalistas se armaram, exigindo a deposição de Júlio de Castilhos e a realização de plebiscito quando o povo escolheria a forma de governo, presidencialismo ou parlamentarismo. Então, o que era uma disputa local, tomou proporção nacional. O Marechal Floriano Peixoto, à frente da presidência da República, enviou tropas federais sob o comando do general Hipólito Ribeiro para ajudar Júlio de Castilhos a derrotar os federalistas. Na primeira batalha ocorrida em maio de 1893, os federalistas foram vitoriosos e seguiram avançando em direção à Santa Catarina, chegando ao Paraná: tomaram Paranaguá e Curitiba, partindo em direção à cidade da Lapa, onde enfrentaram a resistência das tropas republicanas no episódio conhecido como o Cerco da Lapa, no qual os federalistas foram derrotados e impedidos de avançar rumo ao Rio de Janeiro, capital da República. Quando chegaram ao Paraná, em 5 de fevereiro de 1894, as notícias dos saques, estupros e degolas já corriam a cidade. Os federalistas tinham fama de executar seus inimigos com requintes de crueldade. Na carência de armas de fogo e munição, os combatentes usavam armas brancas (espadas, facas, facões afiados), de maneira que a degola se tornou o meio de execução habitual. Com as mãos às costas, o prisioneiro era forçado a ajoelhar, tendo o pescoço cortado de orelha a orelha. Segundo os registros, muitas vezes a execução era realizada em meio a zombarias e humilhações. Em alguns casos, antes de ser degolada, a vítima também era castrada. Ou seja, mais do que economia de munição, cortar a carótida do adversário significava humilhação, pois tal prática o diminuía à condição de animal. A cada batalha, o ódio aumentava e a degola passou a ser empregada pelos dois lados, como vingança, somando-se à estratégia militar de não fazer prisioneiros. Uma vez aprisionado, o inimigo teria que ser encarcerado, vigiado e alimentado. Estima-se que mais de 10 mil pessoas foram mortas durante a Revolução Federalista.

NOTAS SOBRE GUMERCINDO SARAIVA

A notícia da morte de Gumercindo Saraiva foi celebrada pelos jornais locais que expressaram publicamente o repúdio e o rancor à Saraiva: “Miserável! Pesada como os Andes te seja a terra que generosamente cobre teu cadáver maldito. Caiam sobre esta cova asquerosa todas as penas concentradas das mãos que sacrificaste, das virgens que violaste, besta, fera do sul, verdugo do Rio Grande. (...) Morto o bandido, é preciso enterrá-lo bem fundo na execração pública, para que as exalações daquela monstruosidade humana não vão empestiar as páginas da história da brava terra gaúcha. (...) Maldita seja para sempre a memória do bandido”. Quase no final da guerra, os republicanos localizaram a cova do general uruguaio-brasileiro e seu cadáver foi exumado e mutilado (REVERBEL, Carlos. Maragatos e pica-paus: guerra civil e degola no Rio Grande. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 91.). Apesar dos votos de que fosse lembrado como bandido, Saraiva aparece em diversas “lendas” do Sul do Brasil, muitas vezes como justiceiro. Além da história de Maria Bueno, fala-se dele na hagiografia do monge São João Maria, outro santo não-canônico bastante popular no Sul do Brasil. Conta-se sobre a presença do segundo João Maria nas tropas de Gumercindo Saraiva. Em uma parceria ímpar entre o “Monge dos Sertões” e o “Napoleão dos Pampas”, o líder do “Exército de São Sebastião” e o líder do “Exército Libertador”. O fato é que Gumercindo Saraiva aparece em diversas narrativas (mitológicas e não) da Região Sul do Brasil.

santos que por uma vida inteira de probidade transcorreram suas 89 primaveras soube conquistar a sympathia do povo Pontagrossense, onde vive a mais de meio seculo.

Boa viagem.

Luz electrica.

Em consequencia da limpeza do material destinado a luz electrica, fica a respectiva iluminação interrompida até 3 o corrente mez.

Como as noites são de luar, essa medida não dará lugar a ovos attentados...

Fallecimento.

Fomos dolorosamente sorprehendidos com a noticia de aver fallecido em Castro, onde gosava de grande estima e consideração, o nosso distincto e prestimoso amigo Tenente-Coronel Claudio José de Madureira.

O finado era um digno paranaense e honrado cidadão, xornado das mais bellas qualidades moraes.

A sua morte abre um enorme claro no seio da sociedade castrense, da qual era um dos mais brillantes ornamentos.

Profundamente penalizados ante o luto do acontecimento. é com verdadeira magoa que traçamos estas linhas, apresentando á distincta familia do finado os nossos sentimentos e cineros pezames.

Assassinato

Na madrugada de 29 do mez que acaba de findar-

se, deu-se nesta Capital, em um capão do matto afastado da rua dos Campos Geraes o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno.

As autoridades policiaes tendo conhecimento do facto, dirigirão-se os locais, e, depois das precisas investigações, fizeram o transportar o cadaver para o microterio, onde procedeu-se a corpo de delicto, verificando-se que o crime foi cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora devida a uma quasi decapitação.

O sr. Chefe de Policia está procedendo, na respectiva repartição as precisas indagações, achando-se indiciado como auctor do crime o aspeçada de 8º Regimento de cavallaria, Ignacio José Diniz, que estando de guarda no quartel, fugira a meia noite apresentando-se ás quatro horas da madrugada, mais ou menos. Esta pratica estava amasiada com a infeliz Maria e com ella queria casar-se ultimamente.

E' voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se pode dizer, pois do depoimento dos testemunha nenhum esclarecimento ainda tem colhido.

Louvamos a actividade que tem desenvolvido o dr. Chefe de Policia para descobrir o autor ou auctores desse crime.

C. Erichsen, 1º adjunto o Sr. ministro A. de Moura, 2º adjunto o Sr. ministro F. de Barros. Não tomaram conhecimento por pretensão de formalidades, com advertencia ao escrivão unanimemente.

N. 12—Idem — Aggravante, mesmo. Aggravados, os mesmos. Relator, o Sr. ministro F. de Barros—1º adjunto, o Sr. ministro C. Erichsen, 2º adjunto, Sr. ministro A. de Moura:—Não tomaram conhecimento por não ser caso d'elle, com advertencia ao escrivão, unanimemente.

Nesta sessão concedeu-se licença ao cidadão João Carlos Queima, pelo tempo de 4 annos para solicitar nos aulitorios da comarca desta capital.

SESSÃO EM 31 DE JANEIRO DE 1893

Distribuições:

Appellação Commercial

N. 12—Curitiba—Appellante Felippe José & Comp. Appellados, José Na-sar e José Elias:—Ao Sr. ministro Pires de Albuquerque.

Telegrapho

Consta-nos que será nomeado sub-chefe deste districto telegraphico o nosso distincto amigo dr. Manoel Francisco Ferreira Correia.

Inspec'oria geral de hygiene

Expediente

Dia 28 de Janeiro

Nesta data foi concedida licença ao pharmaceutico Francisco Jeronymo Pereira Pinto Lequão para fabricar, de recordo com as formulas que apresentou e q' foram approvadas por esta Inspec'oria, e exportar a venda neste Estado os seguintes preparados de sua invenção:—Elixir depurativo iodurado de velame e tajuja, vinho de Piu-

FOTO 1 | Primeira reportagem sobre a morte de Maria Bueno.

Fonte: Diário do Comércio, 30 de janeiro, 1893, p.02.

“Na madrugada de 29 do mês que acaba de findar-se, deu-se nesta Capital, em um capão do mato afastado da Rua Campos Gerais o assassinato de uma mulher de nome Maria Bueno. As autoridades policiais tendo conhecimento do fato dirigiram-se ao local, e, depois das precisas investigações, fizeram transportar o cadáver para o necrotério, onde se procedeu a corpo delito, verificando-se que o crime fora cometido na madrugada do referido dia e que a morte fora devida a uma quase decapitação. O senhor Chefe de polícia está procedendo, na respectiva repartição, as precisas indagações, achando-se indiciado como autor do crime o anseçada do 8º Regimento de cavalaria, Ignácio José Diniz que, estando de guarda no quartel, fugira à meia-noite apresentando-se às quatro horas da madrugada, mais ou menos. Este praça estava amasiado com a infeliz Maria e com ela queria casar-se ultimamente. É voz geral ser Diniz o culpado, mas ao certo nada se pode dizer, pois do depoimento das testemunhas nenhum esclarecimento ainda se tem colhido. Louvamos a atividade que tem desenvolvido o doutor Chefe de Polícia para descobrir o autor ou autores desse crime¹¹.”

“Graças aos esforços do cidadão Dr. Chefe de Polícia e do ativo comissário em exercício, acha-se concluído o inquérito policial sobre o assassinato da infeliz Maria Bueno e por ele está evidentemente provado que o autor desse horroroso crime é o anseçada do 8º Regimento de Cavalaria, Inácio José Diniz, amasiado da assassinada¹².”

11 A República, 01 de fevereiro de 1893, p. 03

12 A República, 02 de março de 1893, p. 04.

“Abriu-se ontem a segunda sessão ordinária do júri desta cidade sob a presidência do Sr. Dr. Cerqueira, juiz de direito desta comarca. Servindo de promotor o Sr. Gabriel Ribas da Silva Pereira e escrivão Sr. Jerônimo Medeiros. Compareceram 14 jurados pelo que foram sorteados da urna suplementar 31 jurados, sendo multados em 20 mil os que deixaram de comparecer sem causa justificada. Hoje, se houver número, consta que entrará em julgamento o anseçada do 8º Regimento de nome Diniz, acusado do assassinato da pessoa de Maria Bueno, dado nesta cidade há meses e que tanto prendeu a atenção do Público¹³”

“Tribunal do Júri: Ontem, ainda não foi possível instalar o tribunal do júri. Compareceram apenas 33 jurados pelo que o Dr. Juiz de direito sorteou 15 jurados da urna suplementar e ordenou que fossem notificados para comparecerem hoje às 10 h da manhã. Foram, além disto, multados em 20 mil cada um dos Senhores Jurados que deixaram de comparecer, sem motivo justificado¹⁴.”

13 A República 11 de julho de 1893, p. 01.

14 A República, 12 de julho de 1893, p. 02.

“Tribunal do Júri: Com a presença de 46 jurados instalou-se ontem a 2ª sessão do júri deste termo. Sob a presidência de Doutor Artur Pedreira Cerqueira, funcionando como promotor de justiça Sr. Gabriel Ribas e escrivão Jerônimo Medeiros. Compareceu à barra, o réu José Diniz acusado do assassinato de Maria Bueno, tendo como defensor o cidadão João Antônio Xavier, visto ter-se recusado a presta-lhe o socorro de sua palavra o Dr. Claudino dos Santos. O conselho de jurados ficou composto por Sr. Veríssimo Pereira, Antônio Ricardo do Nascimento (...) e Candido Mello. Os debates estiveram frouxos deixando mesmo muito a desejar em uma causa importante como esta e que justamente emocionou o espírito público. Até a hora em que escrevemos, o conselho de jurados ainda não tinha lavrado o seu vereditum.¹⁵”

“Encerrou-se anteontem a 2ª sessão do júri, tendo sido julgado o processo em que era réu Ignácio José Diniz, foi absolvido por 11 votos. Semelhante procedimento do júri causou profunda estupefação nesta capital, onde era geral a crença de que Diniz era o assassino de Maria Bueno. Contra ele havia um acervo de provas que não foram distribuídas pelo seu defensor. Não queremos magoar os jurados que tomaram parte no conselho, pois que são soberanos em suas decisões, mas como jornalistas não podemos deixar passar em silêncio este fato, pois absolvição de Diniz importa grave perigo para a sociedade e incentivo à reprodução de novos crimes¹⁶.”

15 A República, 13 de julho de 1893, p. 01.

16 A República, 14 de julho de 1893, p. 02.

A MORTE DE UMA MARIA

“Mas quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte dos seres, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis porém mais vivazes, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações”

Marcel Proust¹⁷

17 PROUST, Marcel. Em busca do Tempo Perdido, Volume I. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p.15.

Muito já foi dito sobre essa personagem. Há quem diga que era cabocla (meio índia). Para outros, tratava-se de uma “bela mulata”. Especula-se até que fosse de origem espanhola. Ora é qualificada como “mulher de vida alegre”, “marafona”, “prostituta”, ora como “mártir”, “donzela que morreu defendendo a honra”, e “santa”. A bem dizer, a morte trágica parece ser o único dado “inequívoco” sobre Maria Bueno. Mulher vinda das camadas populares, pouco se conhecia sobre a vida dessa personagem que se tornou figura pública a partir do evento de sua morte.

Pesquisando os jornais publicados à época do assassinato de Maria Bueno, verificou-se que o evento foi tratado sem foto nem destaque por dois periódicos de Curitiba, o *Diário do Comércio* e *A República*.

Quando os periódicos *Diário do Comércio* e *A República* noticiaram que uma “pobre mulher de vida alegre, parda havia sido encontrada morta em um capão de mato afastado da Rua Campos Gerais, degolada pelo praça com quem vivia amasiada e com ela queria se casar”, estipularam como Maria Bueno deveria ser lembrada. Contudo, a versão difundida nessas notas não resistiram à ação corrosiva da mitificação¹⁸. O assassinato de Maria Bueno perdurou na memória popular associado ao modelo hagiográfico. Quase 40 anos mais tarde, sua história seria recobrada pela imprensa: em 1934, a *Gazeta do Povo* publicou um artigo que enfatizava suas *virtudes*, bem como seu *martírio*, além do destino de seu assassino. Foi nesse ínterim de quase meio século que Maria Bueno se tornou objeto de culto religioso e de várias narrativas populares, galgando importância social, histórica e cultural.

Dois anos depois dessa publicação da *Gazeta do Povo*, ou seja, em 1936, o jornal *Estado do Paraná* fez menção às manifestações religiosas junto à sepultura da santa, no Dia de Finados. Nessa reportagem,

18 ELIADE, Mircea. A provação do labirinto. Lisboa: D. Quixote, 1987, p.124.

observa-se mudança significativa em relação à de 1934. Enquanto na Gazeta do Povo, Maria Bueno fora retratada como “mártir”, “vítima da própria bondade”, no *Estado do Paraná*, ela foi retratada como *ébria e boêmia*:

“Há no Cemitério Municipal um túmulo humilde que a crença popular vai consagrando. Guarda ele os restos mortais de uma pobre mulher. Que passou pelo mundo desgraçadamente. Viveu no lodo. A vida fácil das infelizes. Em um dia os seus olhos se cerraram com rictus de dores. Um grupo de soldados ébrios e sanguinários retalhou seu corpo. Foi na Avenida Vicente Machado. Há muitos anos. O crime impressionou. E a vítima se chamava Maria Bueno, teve sua triste memória consagrada pela credence popular. À sua tumba vão postar-se genuflexas, a tecer preces, gentes abastadas e humildes. Já se murmura dos milagres de Maria Bueno. Ela ainda será em santa transformada. A santa Maria Bueno. O nome até se presta. Será que a pobre Maria Bueno, ébria e boêmia pensou algum dia no seu destino? Certamente não. Ela poderia ter pretensões a tudo, menos à santificação.”¹⁹

19 Fonte: Estado do Paraná, 04 de novembro de 1936, p.03.

Dois outros textos produzidos pouco tempo depois – num artigo de Dicesar Plaisant e uma crônica de Euclides Bandeira²⁰ – seguem essa linha de desqualificação da *santa* e do culto. Admirado, ao tomar conhecimento de que até a “elite curitibana” teria aderido ao culto a Maria Bueno, Dicesar Plaisant, no artigo “*Maria Bueno é, em Curitiba, um paradoxo, é a santa dos hereges*”, comparou o culto à *santa curitibana* no Cemitério Municipal de Curitiba ao culto a personalidades do Cemitério do Père-Lachaise, o maior e mais famoso cemitério de Paris, onde estariam enterrados Auguste Comte, Balzac, Oscar Wilde, Allan Kardec e outras figuras ilustres²¹.

20 BANDEIRA, E. Crônicas Locais. Curitiba: Tip. Da Escola de A. Artífices, 1941.

Euclides Bandeira, outro autor da época, também deixa evidente sua visão em relação à religiosidade:

Com olhos rasos de interesse, Curitiba vem assistindo ao *fiat* de uma Santa, isto é, a metamorfose em santa de uma pobre mulher assassinada. A canonização popular não se delonga, porém, na tartarugice da outra; é mesmo expedita que equipolente do ritual eclesiástico, faz justiça à moderna: encurta os longos prazos interlocutórios e salta os degraus hierárquicos conducentes ao definitivo incenso no radioso nicho. Rápido o processo hagiológico de Maria Bueno. Na caligem de turva noite de janeiro de 1893, a infeliz tombou quase degolada, a punhal, pelo sinistro amásio, soldado de cavalaria. Dentro em pouco apareceu a luz de palejante vela no baldio que fora palco da tragédia, na rua Campos Gerais, ora

21 PLAISANT, Dicesar. “Maria Bueno é, em Curitiba, um paradoxo, é a santa dos hereges. In: Revista A Marinha, Paranaguá (PR), nº 36, agosto de 1940, s/pág.



Avenida Vicente Machado. Preito de saudade de algum parente, de alguma sócia de boemia ou desobrigada primeira promessa? Seguiram-se outros círios saudosos ou votivos, já agora acompanhados de flores naturais e de artifícios, modestas coroas e papel. Joelhos em terra, companheiras da assassinada, em compungida prece. O número foi crescendo e com variação epidérmica: não mais só os mulatos e pretos, também brancos e louros. Homens e mulheres. No “Sistema dos Mitos”, assevera Oliveira Martins, “por toda parte são as mulheres as depositárias das superstições”. É querer eximir o sexo forte de uma fraqueza, em que da mesma arte incorre. O mausoléu de Maria Bueno foi paga de milagre financeiro; o comerciante, assim pontual nos compromissos, haveria talvez de safar-se da borrasca da falência por força da própria correção, sem adjutório extra-terreno. Os menos opulentos saldaram os débitos com toscos ex-votos, roxas palmas de glicínias; ramalhetes pobres; de preferência velas, e tantas são que o túmulo e adjacências resplandecem em luminária, perene como a pira das Vestaes. Grosso filete de cera derretida escorre sinuoso e lívido. A credence, porém, não se contenta: há fitas baratas e ricas, com franjas de ouro, papelucho com gatafunhos, cartões de agradecimento, bilhetes a lápis, mão trêmula no mármore fúnebre...

“— Obrigada, ele já voltou”.

“— Santa Maria Bueno faça que minha ferida feche-se. Salve rainha Mãe de misericórdia...”

Ao lado, triste portadora de câncer entrega-se à miraculosa terapêutica prometendo um rosário, isto é, nada menos de 15 padres-nossos, e 150 ave-marias. “— Fazei com que me case com a pessoa que mais amo no mundo”. Outra pede aflita: “—Tenho fé que meu marido viva comigo”. Além: “— ponho Zizi sob a vossa proteção”. Enfim, inúmeras súplicas relativas aos mais variados interesses. Até estudantes! “—Fazei com que eu passe no exame, que acendo uma vela”. Predomina, porém, o peditório sobre assunto de amores. Deve ser a especialidade da santa. Decoram os agradecimentos, anônimos ou com iniciais.

Pouco se lhe dá, ao bateiro maribuenense, a objulatória da Igreja ou que Santo Agostinho fosse desentusiasta do culto dos mortos, com a intolerância: *se eles viveram mal, quem quer que seja, não deve ser adorado*. A decaída apunhalada continua, entretanto, objeto de adoração fetequista. Não preocupa a corte dos seus fiéis que São Gregório Nazianzeno duvidasse das almas, mesmo as santas, *pudesse ouvir estas coisas*, as súplicas dos vivos; ou que teólogos e exegetas, saturados das escrituras, afirmem que os anjos e os santos não são intermediários junto de Cristo; a santa Maria Bueno permanece inacessível em seu supersticioso altar. Mas, enfim, que fez ela para que a veneração animista da arraia social se dilatasse, subindo em halo, até contagiar as camadas superiores? Sabê-lo-íamos se a canonização

fosse católica, em cujo processo há, sobre a vida do candidato, esmerilhador debate entre o Advogado de Deus, procurador da Sacra Congregação, e o promotor, Advogado do Diabo.

Sabe-se ao certo que Maria Bueno, filiação desconhecida (pelo menos de Antônio José Gomes que fez as declarações no Registro Civil) era uma parda de 30 anos quando foi vítima do punhal do amásio, sendo inumada a 29 de janeiro de 1893, no cemitério municipal, sepultura número 3.903.

Do registro de óbito, a 30 deste mês, pelo escrivão Jerônimo Gomes de Medeiros, consta: *Faleceu em consequência de hemorragia devido a ferimentos profundos do pescoço, hontem das 2 para as 4 horas da manhã, nesta cidade. Atestado médico: Dr Antônio Rodolpho Pereira Lemos.*

A vivíssima atualidade que goza Maria Bueno dá a impressão de ser de ontem o caso, entretanto são passados 46 anos e já se acham embaralhadas as versões. Alferes do 8º Regimento de Cavalaria, ao tempo, o senhor major Alcebíades Plaisant escreveu que o criminoso se chamava José Diniz, anspeçada desse corpo, a vítima era marafona (meretriz) e navalha, a arma empregada.

Escrivão do crime, o senhor Otávio Secundino informa: Maria Bueno, lavadeira da Rua Saldanha Marinho, assassinada a punhal pelo amásio cabo Diniz Silva, de profissão civil, barbeiro.

Deste pormenor, talvez aquela substituição do punhal pela navalha. Fora de dúvida: a mancebia e o assassinato e a controvérsia dos detalhes não destrói a essência da lenda.

Ao que se assegura, a fama de Maria Bueno nasceu com a descoberta do assassino, o que foi rara obra de sortilégio. Para logo a suspeita de autoria do crime recairia no amante, mas o cafuz nordestino escudou-se em invulnerável álibi: praça do 8º Regimento de Cavalaria, José Diniz estivera de guarda na caserna, sem faltar aos brados na rendição dos quartos. Nada mais convincente. Esmagador. Aconteceu, entretanto, que uns recrutas faxineiros, lidando no poço movido a roldana, içam o velho balde cuja beirola larga, uso rendilhados de bicos aos quais se enrosca pequena trouxa. Admirados, abriram-na; envolvia ensanguentado punhal, uma gandola azul-ferrete; às costas certos números de algarismos brancos. Era o número do soldado. Confessou. Vestira a gandola por cima do uniforme: noite alta, saíra sorrateiro ajustando contas de ciúmes com a amásia, voltara, tudo em acelerado. Graças a essa intervenção divina, foi condenado a trintênio da pena máxima. O impressionante passe de taumaturgia estaria incontrastável se outro (e este fora da lenda) não viesse por sua vez beneficiar o réu: pouco depois, no ano seguinte, a cidade é tomada pelos federalistas, que desferrolham as portas da cadeia. E o assassino de Maria Bueno respira, impune, as auras



da liberdade. Aliás, por breve tempo: reincide logo no crime perpetrando um homicídio no Pilarzinho; a justiça revolucionária, embora incoerente, pois soltara a fera, foi pronta: Diniz, de joelhos junto ao portão do quartel, recebe a descarga mortal. Para os fanáticos de Maria Bueno, este desfecho não entra em linha de conta : o que vale é aquela liberdade com o escancarar das portas presidiárias, exatamente o primeiro milagre da nova santa, atendendo-se a que a desgraçada, apesar de tudo, amava o bandido.²²

22 BANDEIRA, E. Idem.

A popularização do culto transformou Maria Bueno numa *santa de Curitiba*. Porém, à medida que a devoção deixava de ser exclusividade de segmentos sociais específicos (*os pretos, os pobres, as companheiras de boemia, gente supersticiosa*) e começava a atrair devotos de todas as classes sociais, os setores doutos, constrangidos, instituem um contraponto à representação consagrada pelo povo.

Palco desse debate, os jornais retrataram esse confronto de interpretações. Os comentários veiculados nos artigos jornalísticos mencionados, bem como na crônica de Euclides Bandeira, representam Maria Bueno como “mulher de vida alegre”, isto é, uma prostituta, na contramão da reportagem publicada na Gazeta do Povo 1934, que destaca sua retidão moral, atributo da vida pregressa associado à condição de santidade.

A despeito das controvérsias, os jornais da época comprovam a importância social do culto religioso no túmulo de Maria Bueno. Euclides Bandeira se mostra cético em relação às virtudes da *santa*, mas exalta o caráter leigo e dinâmico de canonização popular que admite que figuras ambíguas, como Maria Bueno, sejam santificadas.

A MÁRTIR

Para Michel de Certeau²³, estudioso do Cristianismo, quatro elementos foram determinantes para o surgimento e consolidação do culto aos santos: a figura do **mártir**, em geral seguidores do cristianismo perseguidos e mortos pelo Império Romano; o lugar que simbolizaria sua morte (martírio) e a promessa de ressurreição, o **túmulo**²⁴; o **calendário litúrgico**, momento em que os mártires seriam lembrados e celebrados; e **as igrejas**, nome dado aos grupos e comunidades cristãs locais.

23 CERTEAU, Michel de. Uma variante: a edificação hagiográfica. In: “A escrita da História”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

24 Ou então, a terra natal, os locais onde viveu, por onde peregrinou ou morreu, onde foi sepultado, ou seja, os espaços associados à vida do santo se tornam referências.

Interessante notar que na primeira reportagem a registrar o culto a Maria Bueno, ela é considerada **mártir**, isto é, “a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes”.

Com o surgimento e ascensão do Cristianismo, a figura do **mártir**, o herói da fé, tornar-se-ia tão popular na cultura medieval quanto os heróis míticos o foram na Antiguidade Clássica. Assim como o herói mítico, o mártir era retratado como indivíduo incomum, corajoso, abnegado e sempre disposto a morrer por suas crenças. Para alguns historiadores, figuras como Ulisses, Aquiles, Hércules, Perseu e outros heróis míticos, pouco a pouco, deram lugar aos mártires, figuras fundamentais para a constituição de uma “mitologia cristã”. Na Idade Média, a história dos santos era narrada em alta voz para as multidões de peregrinos e devotos que visitavam os santuários cristãos. Os santos também eram exaltados através dos cânticos, outro meio de difusão dos feitos extraordinários, dos milagres e de suas histórias de vida exemplares. Em geral, esses cânticos e narrativas ressaltavam a trajetória do santo, no caso dos mártires: a conversão, a perseguição, o testemunho de fé, o sofrimento e a morte violenta.

Oscar Calavia Sáez²⁵ defende que, com o Cristianismo, as sociedades ocidentais passaram a enxergar algo de sagrado no sofrimento humano. Assim como as primeiras comunidades cristãs trataram de imbuir as vítimas dos conflitos político-religiosos, de sua época, com atributos divinos, no nosso tempo, há inúmeros casos de vítimas de mortes violentas consagradas pela religiosidade popular. Aí estão Maria Bueno e outros santos não-canônicos para confirmar isso.

Em estudo realizado na Argentina, Felix Coluccio²⁶ sistematizou uma tipologia que propõe a existência de duas categorias principais de santos não-canônicos: a dos *Iluminados* e a das *Vítimas de Morte Violenta ou Injusta*. A primeira abarca aqueles que dedicaram a vida às atividades de caridade e defesa dos mais pobres; a segunda, mais complexa, desdobra-se em outras três subcategorias: 1) *Anjos*, categoria reservada às crianças que morreram ainda pequenas, vitimadas pela negligência social ou pelo abandono; 2) *Vítimas Inocentes*, qualifica adolescentes ou adultos (a maioria do sexo feminino) espancados, estuprados e assassinados por motivações perversas ou banais; 3) *Pessoas de Vida Errada*, isto é, bandidos e prostitutas que se arrependeram e obtiveram perdão dos seus pecados.

Em certos casos, observa-se um investimento da Igreja Católica na divulgação do culto aos *iluminados*. São casos em que a devoção popular é incentivada, legitimada pela instituição que se encarrega de instaurar o reconhecimento canônico, processo que aconteceu, por exemplo, com Frei Galvão e Madre

25 CALAVIA SÁEZ, Oscar. Religião e restos humanos – Cristianismo, corporalidade e violência. In: Revista Antropologia em Primeira Mão. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

26 COLUCCIO, Felix. Cultos y Canonizaciones populares de Argentina, Biblioteca de Cultura Popular, n° 6. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1986.

Paulina. O inverso parece ocorrer, porém, com a categoria das *vítimas de abandono, violência e injustiça*, que a exemplo do caso de Maria Bueno permanecem margeando a institucionalidade.

O LOCAL DO MARTÍRIO

Na cultura fúnebre de outrora, e ainda hoje, é comum demarcar os locais onde ocorreram os assassinatos ou acidentes, com uma cruz, símbolo cristão que lembra aos vivos que é preciso rezar pela alma dos mortos, sobretudo por aqueles que tiveram morte violenta e repentina. Conforme registra a imprensa, o corpo de Maria Bueno foi encontrado em um terreno baldio na Rua Campos Geraes, no dia 29 de janeiro de 1893. Uma cruz teria sido colocada no local do crime e as pessoas passaram a frequentá-lo para rezar por sua alma e solicitar seu auxílio e proteção. Tempos depois, essa cruz “foi transportada, por ordem da prefeitura”, para o túmulo de Maria Bueno, no Cemitério São Francisco de Paula. Os devotos mais velhos lembram vagamente da época em que não existia a capela, período em que as práticas devocionais se concentravam em torno do túmulo simples, construído nos fundos do Cemitério Municipal. Desse local, seus restos mortais foram trasladados em 1961 para a atual capela. Alguns devotos comentaram que seus pais e



FOTO 2 | Reprodução da capa do livro *Retrato de Maria Bueno*.

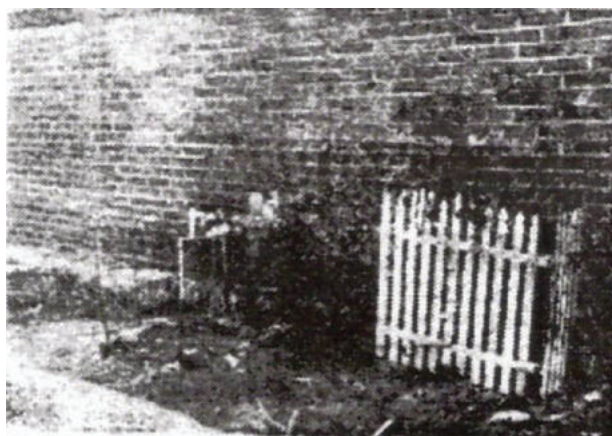


FOTO 3 | Primeiro ponto de devoção a Maria Bueno na Rua Vicente Machado.
Fonte: Octávio Secundino – *Retrato de Maria Bueno*, p.30.

avós conheceram e frequentaram o ponto de devoção da Rua Campos Geraes, mas eles não lembram ou não sabem como era o espaço de devoção e que rituais eram ali praticados.

O livro *Retrato de Maria Bueno* (1991), de Octávio Secundino Jr²⁷, apresenta uma foto do local que, segundo se afirma, foi o primeiro ponto de devoção da *santa curitibana*.

De acordo com Octávio Secundino, Maria Bueno foi encontrada morta em uma manhã de domingo; jazia em uma poça de sangue com o pescoço cortado. A notícia correu a cidade, muitas pessoas foram ao local. A cena trágica teria levado uma moradora da vizinhança (Stela) a acender uma vela junto ao corpo. À noite, Stela viu uma luz no local onde Maria Bueno foi encontrada morta. Curiosa, foi ver do que se tratava: era a vela que deixara ali, pela manhã, e que ainda queimava. Tinha queimado o dia todo sem se consumir. Stela decidiu recolher a vela e levá-la ao padre da paróquia para saber dele se havia algo especial nela. Mas voltou para casa com a resposta de que se tratava de uma vela igual a todas as outras. Stela colocou a “vela de Maria Bueno” em seu altar doméstico onde, mesmo queimando dia e noite, levou semanas para se consumir. A história da vela milagrosa se espalhou e logo começaram a aparecer outros círios votivos, seguidos de uma cruz de madeira que depois foi substituída por uma de ferro. À medida que os relatos de milagres alcançados através de Maria Bueno se difundiam, crescia o afluxo de pessoas no local, rogando-lhe auxílio, proteção e curas e/ou pagando *promessas* com velas, flores e placas de agradecimento. Há outras narrativas que associam a acontecimentos “fora do comum”, o cenário da morte de Maria Bueno. Uma delas narra que, do dia para a noite, teria aparecido uma roseira florida no lugar e as pessoas passaram a frequentá-lo para cultuá-la. De acordo com Secundino Jr, diversos artefatos costumavam ser colocados ao redor da cruz de Maria Bueno: *Foi construída um cerca branca ao redor onde eram fixadas placas de agradecimento, ex-votos e flores.*

Mesmo depois de mudarem o culto para o Cemitério Municipal, aquele espaço urbano continuou sendo associado ao culto a Maria Bueno. Até meados da década de 1990, havia um nicho de pedra com uma imagem dela, uma espécie de oratório, localizado nos fundos de um bar

27 SECUNDINO JR, O. *Retrato de Maria Bueno*. S/ ed, 1996.



FOTO 4 | Estacionamento construído no terreno em que, supõe-se, Maria Bueno foi assassinada e onde surgiu a devoção a ela.

que fora construído no terreno onde o culto teve origem. Esse bar foi demolido para a construção de um estacionamento. Duas pessoas que trabalhavam nesse local revelaram que, vez ou outra, devotos da santa visitam o local. Apesar de não existir nenhum vestígio da devoção de outrora, nenhum símbolo votivo, segundo eles, o lugar ainda atrai devotos e curiosos: “Umas quatro pessoas. A placa do carro era de Minas Gerais. Não eram fracos, não. Gente de dinheiro. Estavam num Jaguar. Deixaram o carro ali na entrada e pediram para rezar. Rezaram lá no canto e foram embora.”

Os dados de que dispomos são insuficientes para dizer se a mudança do local de culto a Maria Bueno ocorreu à revelia da vontade dos devotos ou se foi negociada com eles; se houve manifestação contrária ou cerimônia religiosa; ou ainda, quando aconteceu a mudança e que medidas foram adotadas para evitar que devotos continuassem a venerá-la no terreno da Rua Vicente Machado? Contudo, como afirma Roberto da Matta²⁸ não é preciso especular muito para descobrir que existem espaços concebidos como eternos e outos como transitórios e que tudo que diz respeito ao poder político é, na nossa sociedade, conotado como duradouro ou eterno, digno de ser transformado em monumento. Geralmente, esses espaços representam o poder constituído e institucionalizado como, por exemplo, as igrejas, os templos e os palácios. Há, porém, espaços que são vistos como problemáticos, de passagem e desordem, desprovidos de importância como o terreno baldio em que Maria Bueno foi encontrada degolada. Aqui, cabe acrescentar algumas referências históricas sobre esse espaço ordinário que, após a morte, torna-se ponto de devoção.

Segundo Romário Martins²⁹, em 1900, a população de Curitiba chegou à marca dos cinquenta mil habitantes, dos sessenta mil em 1910 e passava dos setenta mil em 1920. O crescimento populacional fez a cidade se expandir, alcançando áreas antes consideradas inabitáveis e degradadas que foram anexadas ao conjunto urbano. Contudo, o adensamento populacional, aliado aos conflitos sociais, tornava Curitiba uma cidade dividida, onde muitas pessoas viviam no limiar entre a sobrevivência e a criminalidade, como mostram alguns estudos sobre a violência referente a esse período. Nesse contexto, emergiram uma série de discursos (médico-sanitarista, administrativo, burocrático, criminalista, religioso) enunciando os comportamentos e categorias sociais que deveriam ser objeto de controle estatal. Diversos estudos sobre urbanização e reforma urbana apontavam a região onde ficava o ponto de devoção a Maria Bueno, como das mais “problemáticas” da cidade. Os casarões e bordéis do final da rua XV de Novembro, da rua Visconde de Nacar e Vicente Machado eram frequentemente citados como reduto do meretrício de Curitiba. Essas “casas

28 DA MATTA, Roberto. A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher, e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

29 ROMERO, Martin. Quantos somos e quem somos. Curitiba: Empresa Paranaense, 1941.

de tolerância” se espalhavam pela região e se misturavam às moradias familiares criando uma atmosfera de conflito permanente.

É possível que nesse contexto de reforma urbana, a devoção a Maria Bueno, locada em uma área da cidade a ser urbanizada, “modernizada”, “moralizada” e integrada ao centro, tornara-se um “obstáculo”, sendo “forçada a mudar de endereço”.

Secundino Jr. chegou a afirmar que Maria Bueno teria sido enterrada no local do crime, dando origem às práticas religiosas que a consagraram:

“Todos os dias, e até tarde da noite, a movimentação prosseguiu durante meses cada vez com mais assiduidade, numa forma espontânea que ninguém contestava. A romaria intensa continuou, até que o progresso pediu uma solução para aquele canto de rua tão acanhado. Vencidos os entraves eclesiásticos, o corpo foi transportado para o Cemitério Municipal, inicialmente numa cova rasa e simples no alto e nos fundos³⁰”.

30 SECUNDINO JR, O. idem, p. 34.

Essa informação não foi confirmada pela administração do Cemitério São Francisco de Paula, que registrou o sepultamento de Maria Bueno no túmulo nº 3903 (quadra 13, rua 4) no dia 30 de janeiro de 1893, isto é, em seguida ao seu assassinato.

O estudo realizado pelo historiador Antônio Augusto Fagundes³¹, expõe a predileção popular por cultuar os santos não-canônicos no local onde morreram ou foram sepultados. Muitos desses cultos têm como referência o local da morte e não o de sepultamento: é o caso de Maria do Carmo, cultuada em uma ermida construída na chácara em que fora morta (em São Borja/ RS); e de Maria Degolada, cultuada em um bairro da periferia de Porto Alegre; e do Negrinho da Sanga Funda cuja capelinha fica na beira da estrada (no interior de São Gabriel/ RS) e dos Irmãozinhos Fuzilados, cultuados junto ao muro do quartel, local onde foram executados (São Gabriel/RS). Embora todos eles possuam um túmulo no cemitério, o culto permaneceu no lugar de morte, ou seja, onde ocorreu o *sacrifício*. Por exemplo, várias crianças (*anjinhas*) foram enterradas junto à ermida de Maria do Carmo, constituindo um pequeno cemitério ao redor de seu ponto de devoção. Segundo Fagundes, muitos devotos pensam que Maria do Carmo esteja ali enterrada e chamam o lugar de *túmulo*. Em relação a Maria Degolada, o que se verifica é o surgimento de um bairro popular, no entorno do ponto de devoção, conhecido como Vila Maria da Conceição e é considerado o *enclave de pobreza* da cidade de Porto Alegre. Em todos os casos apresentados, a morte funda um território.

31 FAGUNDES, Antônio Augusto. As santas prostitutas: um estudo da devoção popular no RS. Martins Livreiro: Porto Alegre, 1987.

VÍTIMAS DE MORTE VIOLENTA

Sobre Maria do Carmo, os relatos são imprecisos, bem como a imagem dela que ora aparece branca, ora mulata ora negra dos olhos claros; em algumas versões ela era prostituta, noutras, mulher promíscua dada a bebedeiras e farras, mas muito bondosa. Convidada a “ir ao mato” por um grupo de soldados, foi assassinada e esquartejada num dia incerto, entre 1900 e 1910. Seu corpo foi encontrado sendo devorado por cães vira-latas em uma chácara. Maria Degolada teria morrido no final do século XIX. Foi assassinada pelo soldado Bruno Soares Bicudo com quem vivia amasiada e a quem era infiel. Desejando vingar-se da adúltera, convidou-a para um churrasco. Após comerem e beberem, o amante traído colocou em prática seu plano: degolou-a com a faca de churrasco. “Diz a lenda” que muitas pessoas teriam visto o espírito dela no local do crime, vestida de branco e gemendo. Negrinho da Sanga Funda, menino negro chamado Antão, morava no interior de São Gabriel. Foi assaltado e morto na estrada quando voltava da cidade vizinha onde fora comprar erva-mate. O povo ergueu, na Sanga Funda, uma capelinha para o Negrinho Antão e começaram a fazer pedidos ao menino que, a partir daí, ficou conhecido como Negrinho da Sanga Funda. Irmãozinhos Fuzilados foram dois soldados fuzilados na metade do Século XIX. Os dois teriam reclamado da comida (do rancho) servida à tropa. Por esse motivo foram submetidos à lei marcial e condenados à morte.

LUGAR ASSOMBRADO

Segundo a crença popular, os lugares onde ocorreram mortes violentas teriam potencial de atrair as *almas* de pessoas que não estavam preparadas para morrer, que morreram de forma abrupta ou violenta e/ou não se conformaram com sua nova condição. Na visão dos que praticam o culto às almas, a presença delas nesses lugares demandaria gestos como orações e queima de velas, enfim, rituais capazes de apaziguá-las e encaminhá-las. Essa visão temerosa e respeitosa em relação aos mortos é uma das características marcantes da religiosidade brasileira. Desde o período colonial, o culto aos mortos esteve ligado à crença de que eles devem ser lembrados e reverenciados, do contrário, podem se ressentir e revidar perturbando os vivos. Cultuá-los seria uma forma de estabelecer relações amistosas. As orações e rituais também visam afastá-los dos apegos, desejos e impulsos terrenos e, em relação aos que tiveram morte violenta, como Maria Bueno, ajudá-los a superar o “passamento traumático” e a “descansar em paz”.

A HAGIOGRAFIA



FOTO 5 | Reprodução da capa do livro *Maria Bueno (História - Romance - Agiografia)* (sic).

conforme o imaginário cristão, a castidade é uma das principais virtudes femininas³³. A partir da versão divulgada no livro de Izidoro, a *santa* de Curitiba passa a “representar” essa virtude, inserindo-se dentro da longa “linhagem” de santas que, desde os primórdios do cristianismo, são veneradas por terem se conservado castas até a morte.

O que poucos sabem é que o enredo do livro de Izidoro foi escrito com base no testemunho oral de Sebastiana Garcia. Ambos – Izidoro e Sebastiana – aparecem lado a lado na foto 7, que ilustra o livro: ela, uma senhorinha negra, miúda, mas bem apumada para os seus 109 anos, trajava roupas simples; ele, um homem branco, de meia idade, trajando terno e chapéu, fotografa enquanto se dirige a sua “testemunha ocular”.

As narrativas hagiográficas, isto é, os relatos sobre os feitos e qualidades sagradas atribuídas a Maria Bueno, foram sintetizadas e aprimoradas pelo major Sebastião Izidoro Pereira, autor do livro *Maria Bueno (História, Romance e Agiografia)* (sic)³², obra importantíssima no processo de consolidação da versão hagiográfica da vida da santa e da difusão do seu culto. Como o próprio título anuncia, o autor pretende apresentar a personagem Maria Bueno a partir de uma abordagem tripla: 1) *histórica*, com base em fontes escritas; 2) *literária*, produzindo um romance a partir de narrativas orais; e 3) *hagiográfica*, exaltando as virtudes e milagres da santa.

Sebastião Izidoro endossa a virtuosidade de Maria Bueno, afirmando que, a exemplo de centenas de santas católicas, ela era “uma donzela que morreu em defesa da castidade”;

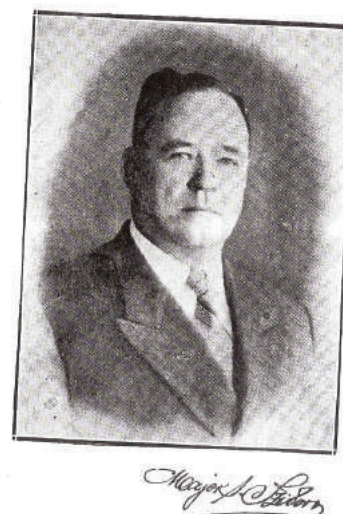


FOTO 6 | Major Sebastião Izidoro Pereira.
Fonte: livro *Maria Bueno (História - Romance - Agiografia)* (sic).

32 IZIDORO, Sebastião. *Maria Bueno (História - Romance - Agiografia)* (sic). Curitiba: Mundial, 1948.

33 A construção da santidade feminina e masculina é definida dentro do conjunto de comportamentos socialmente aceitos e atitudes e qualidades determinadas por uma comunidade. Assim, castidade e pureza são (ou eram) critérios eleitos por um grupo para considerar uma mulher como venerável.



FOTO 7 | Sebastião Izidoro ao lado de sua informante, Sebastiana Garcia.
IZIDORO, Sebastião. *Idem*, p. 09. Major Sebastião Izidoro Pereira. Fonte: livro Maria Bueno (História - Romance - Agiografia) (sic).

No prefácio, o escritor descreve dona Sebastiana como contadora de “causos” e cantigas, que afirmava ter conhecido não só Maria Bueno, como outras figuras ilustres de Curitiba:

“Uma popular macróbia, a Sebastiana Garcia, que ainda vive e pode confirmar o seu depoimento aqui convertido em detalhes históricos da vida de Maria Bueno. Dona Sebastiana tem boa memória apesar dos seus 109 anos de idade. Quem quiser ouvir da sua própria boca o triste romance de Maria Bueno, poderá procurá-la em sua residência na Alameda Dona Isabel nº. 19, onde ela mora com seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos. Foi a única testemunha viva que encontramos e que conheceu, pessoalmente, aquela que foi objeto deste livro, da qual foi amiga e conversou com ela e a viúva do Sr. Basso, amiga de

Maria Bueno, em sua residência na casinha de madeira cujos restos ainda hoje podem ser vistos na Rua Saldanha Marinho, 708. Sebastiana Garcia nasceu em 1838. Foi escrava do professor João Batista Brandão de Proença, o avô de Raul Leite, hoje funcionário aposentado. Ela conheceu muitos homens ilustres, com eles falou e contou suas pilhérias: o Barão do Serro Azul, Vicente Machado, Lamenha Lins, o coronel David Carneiro, Monsenhor Celso, o senador Padre Alberto José Gonçalves e muitos outros. Dado o estado de avançada idade da conhecida Sebastiana, é possível que nesta história haja um pouco de exagero ou falhas, porque, falando sobre um passado tão remoto e fazendo referências sobre fatos e pessoas relacionadas com a vida de Maria Bueno de quem ouviu a própria história, naturalmente deixa escapar muitos detalhes importantes e adiciona outros que vêm à sua imaginação já um tanto gasta e cansada. Entretanto, não deixa dúvida nenhuma de que Maria Bueno está no pensamento de Sebastiana Garcia como se estivesse num retrato. A velha descreve, não só o tipo de Maria Bueno, como a origem e a vida dessa milagrosa alma. Sebastiana relata o que ouviu e viu, o que não deixa de ser muito interessante, esta história calcada na verdade da informações, do que está escrito nos autos da justiça arquivados e nas notícias dos jornais. É, pois, Sebastiana Garcia a quem devemos a maioria dos detalhes do romance e da história. Dela tiramos duas fotografias que, com prazer, inserimos nesta obra. As chapas foram batidas no mesmo dia em que a entrevistamos em sua residência. Ela está muito forte e é curioso ver-se como tem gênio alegre e folgazão. Enquanto vemos senhoras de 50 anos arrastando-se, penosamente, doentias e tristes, Sebas-

tiana cozinha, remenda, lava roupa, recita versos que descrevem os feitos dos nossos soldados da guerra do Paraguai, conta anedotas e dá boas gargalhadas. Sua alegria é muito comunicativa e seu desembaraço para trabalhar é, positivamente, muito grande. A nossa primeira pergunta à Sebastiana foi sobre o físico de Maria Bueno. Seria muito interessante que ela nos desse informações sobre aquela beleza que alguns informantes descreveram como sendo “uma beleza rara de cabocla”. Desejamos saber como eram aqueles dentes, aqueles cabelos, aqueles olhos que embriagavam Diniz e o levaram à prática de um crime tão horrendo. E o seu corpo, o seu porte, o seu andar? Como não seriam admiráveis e atraentes! Sinteticamente, Sebastiana Garcia assim falou em linguagem simples, a seu modo, que traduzimos para a nossa, porém, sem exageros de adjetivos e superlativos: Era uma moça muito bonita, uma cabocla e tanto. Os pais dela chamavam-se Pedro e Julia. Tinha ela mais três irmãs que se casaram e sumiram. Quando ela nasceu, o pai ficou odiando a filha e tomou um pileque no dia em que a viu, dois dias depois que chegou de uma viagem. Nesse dia, ele quis dar com uma garrafa na menina e não pôde porque um relâmpago fortíssimo o prostrou por terra no quarto, onde ficou dormindo embriagado. A mãe de Maria Bueno, um dia ante de lhe dar a luz, sonhou que viu Nossa Senhora da Conceição que lhe disse: “Essa menina vai cumprir uma missão na terra”. Pedro, o pai de Maria Bueno, fugiu para Guerra do Paraguai. Uma filha dele, a mais velha, que morava na Capela do Tamandoá, na ocasião estava em casa deles. Quando regressou com o marido e os seus três filhos, levou a mãe e Maria Bueno para morarem junto com eles. Pedro nunca

mais apareceu. Morreu, talvez na guerra. O marido da filha chamava-se José Ribeiro e seus três filhos chamavam-se José. Todas as irmãs de Maria Bueno também se chamavam Maria. O nome de Maria Bueno era Maria da Conceição Bueno, como uma homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

Pedro Bueno, antes de seguir para Parana-guá, vendeu o sítio para um tal de João Lara, residente em Morretes, mas o dinheiro ele mandou entregar à mulher, ficando somente com trinta mil reis.

Quando Maria Bueno esteve na Capela do Tamandoá, aprendeu a ler e escrever com os padres que moravam no convento que existiu ali. Julia, a mãe dela, morreu de repente lá. Maria Bueno foi muito maltratada pela irmã depois que a mãe morreu. A irmã chamava-se Maria Rosa, que não cumpriu a promessa que fizera à mãe de proteger sua irmãzinha no caso que ela morresse. A pobrezinha sofreu muitos martírios nas mãos de Maria Rosa. Uma vez Maria Bueno estava na Capela do Tamandoá e viu um rapaz que olhou para ela com o interesse de namorar. Vendo-a nesse momento, Maria Rosa obrigou-a a sair dali e seguir para casa, que era longe, e esperar na porteira que era a primeira divisa. Maria Bueno fingiu que foi, mas voltou e se escondeu no forno do convento. No dia seguinte, quando um irmão veio atear fogo ao forno, encontrou Maria Bueno que contou toda a sua história aos irmãos no salão do convento. O irmão-superior, então, resolveu mandar Maria Bueno para Curitiba, mas como ela devia vir na companhia de dois irmãos, houveram que vestir nela roupas de homem e foi assim que ela chegou aqui e foi entre as irmãs de um colégio que as Irmãs Marcelinas iam fundar, mas não chegaram a levar avante

a sua obra. Acabando-se o pequeno colégio, as irmãs tiveram que seguir para a Itália e deixaram Maria Bueno em casa de um casal de italianos cujos nomes eram Mário e Alice Basso. Eu conheci seu Mario e Dona Alice Basso quando moravam no alto do Bigrilho. Dona Alice, no começo, foi ruim para Maria Bueno, obrigando-a a trabalhar demasiadamente e ameaçando-a de pancada. Chegou a dizer-lhe que ela era escrava deles. Depois ficou amiga de Maria Bueno, porque o marido, seu Mário Basso gostava de Maria e modificou seu temperamento. Na casa dele havia muito jogo, muita bebida, muita festa e tudo se acabou, porque seu Mário ficou com ciúmes dos homens que iam à casa dele. Maria disse que, certa vez, seu Mário pegou-a pelo braço e quis beijá-la mas não pôde porque ela pediu a Deus que a livrasse dele. Ele ficou surpreso de ver Maria Bueno sair da mão dele sem o menor esforço, e querendo, ele sabia que a segurava fortemente. A dona Alice chegou a ver aquela cena, mas não disse nada ao marido. Desde aquele dia, ela ficou gostando ainda mais de Maria Bueno, porque seu Mário Basso ficou muito modificado e melhorou o gênio. Depois ele foi para São Paulo, hipotecou, antes, suas propriedades para fazer grandes negócios e ganhar muito dinheiro, mas acabou perdendo tudo e morreu repentinamente em Curitiba. A viúva ficou pobre, restando-lhe somente uma pequena casa de madeira onde foi morar com Maria Bueno na rua Saldanha Marinho. O filho da viúva foi para São Paulo, onde se casou. Uma filha casou e foi morar no Rio Grande do Sul e a outra filha, Áurea, casou-se aqui e ficou morando na rua Riachuelo.

Maria Bueno gostou de um moço, o Artur de

Lara, filho de João de Lara e que residia na mesma casa do sítio que pertenceu ao pai dela e onde ele nasceu. A última vez que eu vi Maria Bueno foi na casa dela e quando ela contou o seu namoro com o Artur. Eu a animei muito para casar com o moço que eu não conhecia. Depois ela foi ao sítio do moço e lá ficou noiva dele. Foi como a viúva Bassso. Quando as duas voltaram, Maria ficou em casa da filha da viúva, porque esta, recebera do filho um telegrama dizendo que se achava muito doente em São Paulo; foi com a filha para lá e ambas nunca mais voltaram. Também a filha foi morar em São Paulo com o marido, mas depois que Maria Bueno morreu. O noivo de Maria Bueno desapareceu dois dias antes de ela ser assassinada. Os pais dele desconfiaram que foi o mesmo matador de Maria Bueno que matou o Artur na serra de Paranguá. Um dia antes de Maria ser morta, ela ainda falou comigo quando se dirigia para casa onde ela ia fazer uns doces para uma pequena festa. Eu só soube da morte dela no dia seguinte, ao meio-dia. Não fui vê-la porque não tive coragem. Fiquei muito penalizada com a morte dela. Mas depois descobriram o criminoso, que era um soldado e também foi fuzilado pelo mesmo Gumerindo Saraiva. Eu soube disso e fiquei contente, porque Deus castigava o bandido que havia matado a minha amiga Maria Bueno. Aquela sepultura que hoje se vê no cemitério foi mandada fazer pelo Sartório, genro da dona Alice Basso, que pagou uma promessa com ela; também a cruz que apareceu no lugar do crime foi colocada por conta de dona Alice. Eu soube disso muito depois do crime.

Foi tudo que Sebastiana nos informou. Ficamos agradavelmente satisfeitos, porque era uma grande base para um romance”³⁴

O SIMBOLISMO DA GARGANTA CORTADA

Um dado curioso mencionado por Oscar Calavia Sáez (2003) é o de que boa parte das mártires da castidade que renunciavam à vida para evitar um estupro, acabam como vítimas de uma *troca fatal*: a violência sexual, em geral, é substituída pela degola ou decapitação. “O tema da cabeça cortada associada à sexualidade poderia parecer artificioso, não fosse a naturalidade com que, na literatura europeia, as damas apaixonadas perambulam carregando a cabeça cortada de um amante que perderam ou não conseguiram; vejamos os casos de *Decameron* e de *Heptameron*, assim como o de Matilde do *Le Rouge et le Noir*, de *Stendhal*, e o da Rainha Margot, de Dumas, ou da *Salomé*, de Wilde, para nos limitar a uma lista improvisada. O tema da cabeça cortada na etnologia sul-americana é definido e analisado por Lévi-Strauss, no terceiro volume de *Mythologiques* (2003: 23)”. E a atitude dessas mártires da castidade atualiza o princípio fundamental do

martírio: *o sacrifício do corpo é caminho para a salvação da alma*. Nesse sentido, a garganta cortada ou a cabeça separada do corpo simboliza a divisão *corpo e alma*, sendo ao *corpo* atribuído o encargo de salvar a *alma*. Em outras palavras, o santo é aquele que transforma o próprio corpo em dádiva. Essa divisão *corpo e alma* se estende a outras categorias como *mal e bem*, *sexualidade e espiritualidade*. A cabeça ou a garganta cortada simboliza o corte radical entre *sexualidade e espiritualidade*, de modo que a resistência à violência sexual conduz ao emblemático sacrifício, quando cabeça e corpo são separados. (CALAVIA SÁEZ, Oscar. *Religião e restos humanos – Cristianismo, corporalidade e violência*. In: Revista Antropologia em Primeira Mão. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995, pp.16-20.)

A maioria dos devotos da *santa* jamais leu o livro de Sebastião Izidoro, mas conhece a versão de que *Maria Bueno foi assassinada por um militar que tentou estuprá-la e que ela morreu defendendo sua castidade*. Versão patrocinada e difundida pela obra de Sebastião Izidoro que foi adaptada por Freitas Branco e virou rádio-novela, nos anos de 1950 — alcançando altos índices de audiência para a Rádio PRB-2 — e que subsidiou a produção da telenovela de Paulo de Avelar transmitida (em 1980) pela extinta TV Paraná. Enfim, a narrativa hagiográfica elaborada por Izidoro se torna conhecida através dessas adaptações e difusão nos meios de comunicação.

O livro de Sebastião Izidoro veio coroar a consagração religiosa iniciada pelo povo. O fato é que o escritor produziu um contraponto, no âmbito literário, à *mulher de vida alegre* das matérias veiculadas pela imprensa. Em outras palavras, a *donzela que morreu defendendo a honra* surge como contraponto à *marafona* de Euclides Bandeira. Vale registrar, ainda, que, no período em que começaram a surgir textos abordando o “curioso fenômeno religioso envolvendo Maria Bueno”, em meados dos anos de 1930, a igreja local não se pronunciou. O silêncio clerical durou até meados dos anos de 1970, época da publicação de vários artigos críticos sobre a crença e a prática religiosa associadas à “santa prostituta”, em órgãos de comunicação da cúria curitibana.

A OPOSIÇÃO CLERICAL

Em notas publicadas no órgão de comunicação oficial da Igreja local — *A Voz do Paraná* — assim como na grande imprensa, os clérigos têm condenado, de maneira sistemática, o culto e a crença em Maria Bueno. Por muitos anos coube ao professor Ângelo Antônio Dallegrave³⁵ atuar como porta-voz da Cúria Curitibana e expressar o descontentamento eclesiástico. Além de esclarecer o posicionamento da Arquidiocese em relação à devoção, Ângelo Dallegrave se dedicou ao levantamento de dados, testemunhos e evidências que refutassem as versões hagiográficas da vida de Maria Bueno. Dallegrave, em artigo publicado em meados dos anos de 1970, escreveu:

“Maria Bueno nunca foi santa, como dizem. Nunca imitou Jesus Cristo nem nunca será canonizada. Nós, católicos, não temos qualquer devoção a esse culto indevido que pessoas sem instrução religiosa manifestam, chamando-a de santa. A filiação da vítima, de acordo com o que disse Antônio José Gomes, em sua declaração para o registro de óbito, era desconhecida. Esse documento traz a assinatura de Jerônimo Gomes que declara que a vítima era de cor parda, e se presumia, quando morreu, estar perto de quarenta anos. Os seus despojos foram inumados em 29 de janeiro de 1893 no Cemitério Municipal, na sepultura que levou o número 3903. No registro de óbito está a nota: faleceu em consequência de hemorragia devido a ferimento profundo do pescoço, ontem, das 2 para as 4 da manhã, nesta cidade. O alferes do 8º Regimento de Cavalaria escreveu que o criminoso era o ansepeçada desse corpo militar, José Diniz e a vítima a ‘marafona’ conhecida como Maria Bueno, e a arma empregada uma navalha. Na ocasião, era escrivão do crime, Octavio Secundino que informa o seguinte: Maria Bueno, lavadeira da Rua Saldanha Marinho, assassinada pelo amásio, cabo Diniz da Silva, de profissão civil barbeiro, vivia amancebado com a vítima. Logo em seguida foi descoberto o criminoso e imediatamente preso, e conhecido como amante da vítima. Seus ‘devotos’ espalharam uma lenda de que na noite do crime estivera a bradar arma na rendição dos quartos, para criar um álibi que o inocentasse, mas que assim mesmo, por milagre da ‘santa,’ mais tarde uns recrutas, ao procederem limpeza do poço do 8º Batalhão, movimentando a roldana trouxeram para cima, junto com o velho balde, uma trouxa ensanguentada, onde havia um punhal. Só então o assassino confessaria o delito. Os fatos são patentes, narrados por pessoas que vive-

ram na época do assassinato que, naquele sábado, a vítima, desobedecendo ao amásio compareceu a um baile em casa de mulheres suspeitas. Que o criminoso a foi buscar, trazendo-a na escuridão da noite e quando se encontravam na então Rua Campos Gerais agarrou-a à força, levando-a para um matagal próximo, onde a degolou. A sua inexplicável devoção teria surgido porque, por aqueles tempos, quando alguém morria assassinado, por piedade, as pessoas assinalavam o local com uma cruz e muitos acendiam velas, pela alma da pessoa morta (...). A morte de Maria Bueno foi um escândalo naquele tempo em Curitiba. Nenhum padre quis encomendar seu corpo e celebrar missa de 7º dia. Se fosse inocente, santa, certamente a repercussão do tempo teria sido diferente (...). O romance do major Isidoro Pereira é fruto da imaginação e fantasia. Tudo quanto fala de Maria Bueno não passa de superstição e invenção popular. Maria Bueno não era uma jovem pura, inocente, de 16 anos, como afirma o major, mas sim uma parda de 30 anos, que vivia bebericando entre a soldadesca, levava uma vida desregrada e foi morta pelo ciúme de seu amásio. Perdoem os leitores, se foi assim reproduzida a biografia de Maria Bueno. É preciso esclarecer, porque muitos pensam que se trata de uma santa, mártir como Santa Maria Goretti, Santa Inês ou outra da Igreja. É necessário esclarecer o povo para que não dê crédito a falsas graças e milagres atribuídos a Maria Bueno. Saibam todos que a missa junto ao túmulo de Maria Bueno não foi celebrada por um sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana. Maria Bueno não é santa, não faz milagres. Maria Bueno foi uma dessas pobres mulheres de vida airada. Santos são aqueles que imitam a Cristo e dão testemunho de sua fé pelas obras praticadas, pela heroicidade de suas virtudes.”³⁶

36 DALLEGRAVE, Ângelo Antônio. *A Voz do Paraná*, 30 de junho de 1974, p. 02.

Um ano depois de ter publicado esse artigo, Dallegrave publicou outro texto reafirmando que a vida de Maria Bueno não condizia com o modelo hagiográfico católico. Esse documento — de título “*Maria Bueno, santa?*” — tornar-se-ia base das arguições do clero local contra o culto. Em matéria editada no jornal *O Estado do Paraná*, no dia 30 de outubro de 1988 (antevéspera de Finados) o ex-arcebispo da Arquidiocese de Curitiba, Dom Pedro Fedalto, escreveu:

“Maria Bueno, santa? é o título do livro do professor Ângelo Antônio Dallegrave, escrito em 1975. Quero neste artigo, chamar a atenção para a veracidade dos fatos em torno da vida e morte de Maria Bueno. Para a Igreja Católica, são santos e mártires aqueles que seguiram a Jesus Cristo, doaram sua vida por causa da fé ou selaram sua morte com o martírio, testemunhando sua fidelidade à (sic) Deus. Ora nada disso se encontra em Maria Bueno. Não consta que tivesse uma vida profunda de fé. Não morreu mártir da virgindade, da castidade. Maria Bueno era uma lavadeira residente na rua Saldanha Marinho. Na época de seu assassinio, estava amasiada com Inácio José Diniz, militar do 8º Regimento de Cavalaria. À noite, nas horas vagas, exercia a profissão de barbeiro. No início da noite de sábado, 28 para 29 de janeiro de 1893, teve ele uma discussão com Maria Bueno que insistia em frequentar um baile numa casa suspeita. Saiu ele mal-humorado para o quartel, onde entraria em serviço. Ela se enfeitou da melhor maneira e foi ao baile. Na manhã de domingo, 29 de janeiro, foi encontrada degolada, com as mãos cortadas por profundos golpes de navalha, numa poça de sangue, onde é hoje a rua Vicente Machado. Os jornais do tempo, “*Diário do Comércio*” e “*A República*” assim noticiavam o fato: *Maria Bueno, segundo consta, era uma dessas pobres mulheres de vida alegre (...)*. A morte de Maria Bueno foi um escândalo naquele tempo em Curitiba. Nenhum padre quis encomendar seu corpo ou celebrar missa de sétimo dia. Se fosse inocente, santa,

certamente a repercussão do tempo teria sido diferente. Naquela época era costume, quando morria uma pessoa de morte violenta, colocar-se uma cruz no lugar, como ainda hoje se encontram cruzeiros à beira das estradas. Logo o povo começou a acender velas e levar flores. É de supor que alguém tenha atribuído a Maria Bueno alguma cura, algum milagre, o que não se prova. Muito mais tarde divulgou-se que teria morrido para salvaguardar sua castidade, sua virgindade o que não é verdade. Espalhou-se que seria uma jovem de 16 anos e que teria sido aluna de colégio católico. Ela tinha provavelmente trinta anos e até mais e nunca foi aluna de colégio católico. Era lavadeira. Foi o médium espírita kardecista, Sebastião Izidoro Pereira, que escreveu um romance sobre Maria Bueno com informações da própria morta através de seus dotes mediúnicos, sem poder provar histórica e cientificamente o que divulgou. Escrevo este artigo para os Católicos a fim de adverti-los sobre a veracidade de Maria Bueno e para prevenir os incautos a fim de que não se deixem iludir.

Finados é dia de prece pelos mortos. A tradição da Igreja Católica ensina que há um lugar de purificação, após a morte, chamado de Purgatório. Estão no Purgatório aqueles que se salvaram. Por isso, mesmo nada podem fazer. Mas em vista dos merecimentos de Jesus Cristo, através da missa, preces, boas obras, sacrifícios, Deus abrevia os dias de purificação dos mortos e introduz na glória eterna os que se encontram no Purgatório.”³⁷

37 FEDALTO, Dom Pedro. *O Estado do Paraná*, 30 de outubro de 1988, p. 03.

38 DALLEGRAVE, Ângelo. *A Voz do Paraná*, 26 de outubro de 1974, pp. 7-8

Interessante notar que os representantes do clero enfatizam que a devoção a Maria Bueno surgiu a partir do conflito com a Igreja, isto é, como resultado do fato desta ter-lhe recusado ritual fúnebre, missa de passamento, de sétimo dia ou qualquer outro ritual católico: “Essa devoção surgiu justamente porque, quando Maria Bueno foi encontrada de manhã, com a cabeça quase degolada e as mãos todas cortadas de navalha, quiseram que o padre fizesse a encomendação do corpo e o padre não aceitou porque ela era uma mulher da rua, muito conhecida. O povo então começou a acender velas porque na Igreja o padre não queria rezar missa como até hoje a Igreja não reza em casos como esse. Daí surgiu essa devoção popular. É coisa psicológica.”³⁸

Pelo levantamento histórico realizado, verificamos que, à época da morte de Maria Bueno, um dos responsáveis pela paróquia de Curitiba era o “polêmico” Dom Alberto Gonçalves, sacerdote originário de família tradicional da oligarquia local, que assumiu o comando da matriz de Curitiba em 1882, período em que a igreja matriz (a sede eclesiástica) funcionava provisoriamente na Igreja do Rosário de São Benedito dos Pretos. A Igreja do Rosário atravessou séculos como capela de rezas do terço, ladainhas e de ritos fúnebres. Os padres da paróquia raramente celebravam missas no local, então reduto das irmandades negras. Por volta de 1870, grande parte dos templos católicos de Curitiba encontrava-se a ponto de ruir. O governo da província, juntamente com o clero local, decidiu nessa ocasião demolir a igreja matriz e construir outra no lugar. O único templo em condição de uso à época era a Igreja do Rosário, que passou então a funcionar como matriz de Curitiba até que se realizasse, pouco mais de 20 anos depois, a inauguração da igreja matriz atual, a Catedral da Praça Tiradentes.

O templo dos escravos, que até então era também espaço de sepultamento dos pretos, passou a ser frequentado por colonos italianos, alemães e poloneses. Quando elevada à condição de matriz, a Igreja do Rosário tornou-se cenário de conflitos religiosos e étnicos.

É possível que a recusa de ritos fúnebres a Maria Bueno, como afirmavam os porta-vozes da Arquidiocese, tenha favorecido o surgimento do culto religioso na rua Vicente Machado. É importante lembrar que a Igreja detém o monopólio da celebração dos sacramentos e ritos católicos e o padre, seu porta-voz e representante, tem poder de oferecer e negar aos fiéis esses ritos e sacramentos³⁹. Contudo, o exercício do poder eclesiástico é sancionado pelos fiéis. Ao recusar-se a conceder determinado sacramento ou realizar algum rito, o padre pode criar uma crise de poder, isto é, se só ele está habilitado a exercer determinada

39 Tudo indica que o pároco responsável pela Igreja do Rosário, à época da morte de Maria Bueno, era Dom Alberto Gonçalves.

função e se recusa a fazê-lo, o rito não ocorre, então, ou os fiéis partem para o “improviso”, ou buscam alternativas noutra igreja ou na “religião mais próxima”. Ao que tudo indica, a recusa de missa de corpo presente e missa de sétimo dia a Maria Bueno, levou algumas pessoas a criarem um rito público, rezando por sua alma no local da sua morte⁴⁰. Em um trecho de suas *Crônicas Locais*, Euclides Bandeira sugere que a queima de vela no local do crime foi a primeira manifestação de pesar pela morte de Maria Bueno. Como vimos anteriormente, colocar cruz e acender velas em locais onde ocorreram mortes violentas é um hábito bastante comum no Brasil. Contudo, os rituais nesse local não se restringiram à queima de velas, mas seguiram-se de oferendas — “flores naturais e de artifícios, modestas coroas e papel” — e de rituais, “joelhos em terra, companheiras da assassinada em compungida prece⁴¹”.

“O número foi crescendo e com variações epidérmicas: não mais só os mulatos e pretos, também brancos e louros. Homens e mulheres”, a partir desse trecho da crônica de Euclides Bandeira, é possível questionar: será que os membros das Irmandades Negras foram os primeiros devotos de Maria Bueno? Ou ainda, será que foram essas Irmandades que instauraram o culto à *santa*? Mesmo que não existam dados efetivos sobre o papel das Irmandades Negras de Curitiba na promoção da santificação de Maria Bueno, é válido lembrar que diversos estudos têm demonstrado a importância dessa santificação na reprodução da religiosidade popular, sobretudo das tradições fúnebres. Essas confrarias religiosas ofereciam socorro nos momentos de necessidade, além de conforto espiritual, investindo em rituais que garantissem um “bom passamento” aos irmãos falecidos.

O processo de santificação de Maria Bueno teve início com contemporâneos seus, nos rituais realizados, primeiro, no terreno baldio onde se registrou sua morte, posteriormente, no cemitério; locais públicos que possibilitaram às pessoas de todas as crenças, frequentarem os espaços sagrados a sua devoção. De outro lado, o caráter popular do culto possibilitou que devotos de diferentes camadas sociais a adotassem como *santa*, tornando-se, assim, a *santa* que atende a todos. Porém, a *santa* do povo é também a *santa* das causas particulares, da religiosidade que independe das doutrinas.

Nesses cem anos de devoção, milhares de fiéis e admiradores da *santa* contribuíram com a difusão da sua devoção. Por caminhos diversos, como se verá nos capítulos que se seguem, a crença em seus milagres se difundiu por diferentes camadas sociais e estendeu-se para além da cidade de Curitiba. Há colaboradores na difusão da devoção, porém, sobre os quais nada se sabe, é o caso das Irmandades Negras de Curitiba que,

40 Vale ressaltar que não há registro documental dessas atividades, apenas indícios percebidos também por outros pesquisadores, como os historiadores Edvan Ramos e Vera Irene Jurkevics (2004) que reconhecem a importância das Irmandades Negras na constituição dos cultos populares como o de Maria Bueno. Em entrevista ao programa de TV Meu Paraná, Edvan Ramos apresentou o seguinte convite: “Missa de 30 Dias: O clube 13 de maio por sua diretoria reunida mais uma vez em missão espiritual, vem convidar todos irmãos e irmãs da Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário e do Glorioso São Benedito dos Pretos de Curitiba para assistirem à missa pelos 30 dias do seu(sic) passamento da nossa irmã Maria Bueno, assassinada covardemente no dia 29 de janeiro do corrente ano. Este ato de caridade cristã será realizado em nossa Igreja do Rosário às 8 h da manhã do dia 13 de maio de 1893. Contamos com presença de todos. A diretoria, Manoel Pereira dos Santos (secretário)”. Infelizmente, não tivemos acesso ao documento, de modo que não há como certificar sua autenticidade, porém, não se pode ignorar a importância deste que, autêntico ou não, dá margem a diversas interpretações como as realizadas neste tópico.

41 BANDEIRA, E. *idem*, p.31.

ao que tudo indica, reivindicaram ao clero realização dos rituais de passamento de Maria Bueno e, frente à negativa, reagiram a seu modo, cuidando dos ritos fúnebres. Centenas de devotos anônimos também colaboraram, recomendando, a parentes e a conhecidos, preces a Maria Bueno. O mesmo fizeram os “especialistas em assuntos espirituais”, apresentando-a à clientela.

AS IRMANDADES NEGRAS

Karina Kosicki Bellotti realizou um apanhado dos estudos sobre irmandades religiosas no Brasil. Em relação às irmandades negras, a autora destaca que as ações destas se concentravam em torno de dois eixos principais: a devoção às almas e a caridade. Isso implicava em dar esmolas para sustentar a organização, comparecer ao funeral dos “irmãos”, e ajudar os membros necessitados. Segundo a autora, a organização das irmandades seguia a lógica hierárquica da sociedade de corte, onde valores como honra, o prestígio e a nobreza eram signos de distinção social. Para ser reconhecida, a pessoa deveria pertencer a alguma associação que lhe conferisse identidade. As irmandades negras (escravos e forros) não fugiam a essa regra. A principal via de acesso a essas distinções era pertencer a uma irmandade. Nesse sentido, diversos estudos têm demonstrado que o surgimento das irmandades não se explica somente pela crença religiosa ou pela demanda por espaços de resistência à escravidão.

Para Mariza de Carvalho Soares, as irmandades eram lócus de devoção que se fundamentavam na conjugação de hierarquias sociais e étnicas. O pertencimento à determinada irmandade, bem como a devoção a determinado santo padroeiro indicavam a posição que os indivíduos ocupavam na sociedade, ou mesmo, o grupo étnico com qual se identificava. No caso estudado por Mariza, a elite (branca) costumava agrupar-se em torno das Irmandade do Santíssimo Sacramento; os pardos, nas Irmandade de Nossa Senhora da Conceição; e os negros e crioulos, nas Irmandades de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. De modo semelhante, a devoção aos santos se pautavam em hierarquias sociais e étnicas.

Segundo o historiador Silvio Weber, há notícias de existência de pelo menos seis Irmandades Negras no Paraná: a mais antiga de que se tem notícia (criada em 1694) é a Irmandade de São Benedito, de Paranaguá; a Irmandade de São Benedito, de Antonina; da cidade da Lapa, que até hoje promove congadas; de Castro; a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Pretos de Curitiba; além da Irmandade de São Benedito, de Morretes. Os registros mais antigos da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, de Curitiba, são de 1727. As irmandades negras têm sido objeto de vários estudos que ressaltam a importância dessas confrarias na manutenção da cultura e da sociabilidade dos negros durante e depois do Regime escravocrata. Outra questão bastante pontuada é o papel das irmandades na constituição de uma “cultura fúnebre”.

O PÁROCO

Conhecido pela rispidez com que tratava os paroquianos, conta-se que durante uma cerimônia em que os fiéis beijavam o “Senhor Morto”, Dom Alberto Gonçalves teria expulsado um preto da Igreja do Rosário. Diante de uma platéia estarrecida, escorraçou o homem a chutes e bordoadas, alegando aos berros que ali não era lugar de bêbados. Em outra feita, durante a homilia da missa dominical, teria chamado a atenção de um jovem tenente que flertava com uma senhorita; ofendidíssimo com a “bronca”, o militar teria intimado o vigário a resolver a contenda fora da igreja.

Ao que tudo indica, os maiores conflitos, porém, eram de ordem religiosa. A Igreja do Rosário que, até então, era reduto da religiosidade popular, era um local de práticas e crenças dissonantes, dentre as quais se destacavam as festas religiosas e congadas. Dom Alberto sempre foi ativo em relação às causas e ideologias da Igreja, pois, sob seu comando, a cúria curitibana criou várias paróquias novas. À frente do clero local teria empreendido a construção de um seminário e o término da Catedral de Curitiba. Ele também ocupou o cargo de deputado e senador pelo Estado do Paraná. Foi ferrenho defensor do ensino religioso nas escolas e, frente ao fortalecimento do laicismo e do anti-clericalismo, incentivou a criação de colégios religiosos como o Auxiliadora, o Santa Úrsula e o Marista. Idealizou um boletim diocesano mensal que posteriormente receberia o nome de A Voz do Paraná. Em 1908, foi nomeado Bispo de Ribeirão Preto pelo papa Pio X. Sua trajetória eclesiástica só terminaria em 1945 com a sua morte. Dom Alberto sempre manteve ligações com os altos escalões da Igreja Católica e, a julgar pelas suas iniciativas e empreendimentos, seguia as coordenadas de Roma que, à época, lutava para suplantiar o catolicismo instituído no período colonial, de forte enraizamento popular. À frente da matriz de Curitiba, Dom Alberto se empenhou no sentido de refrear as práticas próprias do catolicismo popular e se distanciar da religiosidade praticada pelos fiéis. Provavelmente, a dificuldade de relacionamento com os paroquianos apontada em sua biografia seja decorrência dessa sua postura.

A IGREJA

Acredita-se que a Igreja do Rosário (como é chamada) tenha sido construída em meados da década de 1730, pelos escravos da então Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. O templo, mantido pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, tornou-se local de sepultamento dos Irmãos do Rosário, na sua maioria escravos. Os registros de sepultamentos mais antigos datam de 1764. Com as mudanças legislativas que proibiram os enterramentos em regiões centrais e populosas, a Igreja do Rosário se tornou parada obrigatória para “encomendamento da alma” dos falecidos que por ali passavam a caminho do Cemitério Municipal, o que lhe rendeu o título de “Igreja dos Defuntos”. O itinerário fúnebre pela Rua São Francisco era acompanhado pelo badalar dos sinos que anunciavam aos vivos, o “passamento de alguma alma”.

“Em 1876, quando da demolição da velha matriz, e essa igrejinha de escravos, humilde, porém acolhedora recebeu as alfaías preciosas e a própria Virgem da Luz. Após procissão de lamentos, as senhoras não se conformavam de ter que ir rezar na igreja de suas aias. Nesse tempo, a igreja era pequena, sem luz e desasseada, a ela acudiam grade número de pretos, colonos italianos, polacos, alemães católicos e nacionais, durante as missas conventuais regurgitando de povo, metade dos fiéis se retiravam, por causa da concorrência e aperto, nos dias santificados. Porém, honra da verdade os pretos, irmãos de São Benedito mostravam-se sempre mais fervorosos pela conservação do seu edifício, e pelas festividades do padroeiro, do que os irmãos de São Francisco das Chagas.” LEÃO, E. Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná. Curitiba: IHGER, v. 5, 1998, pp. 1998-99.

IRMANDADE MARIA BUENO

Não se pode concluir este capítulo sem mencionar a projeção alcançada pelo culto com a construção da capela no cemitério municipal, obra empreendida pela Irmandade da Conceição Maria Bueno. Criada nos anos de 1960 por um grupo de devotos, essa entidade foi responsável pela construção e traslado dos restos mortais de Maria Bueno do antigo túmulo no Cemitério Municipal para o atual mausoléu onde até hoje ela é cultuada. Segundo relato de Arnaldo Azevedo⁴² (falecido em 1983), um dos fundadores da Irmandade, o grupo inicial era formado por pessoas de diversas religiões. Conta ele, em entrevista concedida à revista *Panorama* (1977), que a construção desse mausoléu teve “orientação mediúnica”. Conforme seu relato abaixo, ele convocou sua equipe de médiuns, virgens e videntes, e preparou a sala (de sua casa, onde eram realizadas as reuniões) para entrar em contato com Maria Bueno. Iniciados os trabalhos, conta Arnaldo:

42 Segundo a atual presidente da Irmandade, Lenira Azevedo, a capela foi construída com recursos próprios, isto é, angariados junto aos devotos, mas o terreno onde se localiza a capela foi concedido pelo prefeito de Curitiba à época, Iberê de Matos. Portanto, a capela é administrada pela Irmandade que, há pelo menos 48 anos, é capitaneada pela família Azevedo, mas o terreno em que se localiza é propriedade do cemitério.

“Vieram os pretos-velhos que limparam o ambiente e foram embora. Em seguida, aparece a mãe, que também limpou a sala e partiu, nesse momento desceram os anjinhos que, depois de limparem, tomaram seus lugares na sala. Depois de descerem as virgens ou arcanjos, tocou um sino, que como tudo o mais, só foi ouvido pelos videntes. Então aconteceu a maravilha... Uma escadaria linda, descrita pelos videntes, apareceu. As virgens com lírios nas mãos, a flor preferida de Maria Bueno, desceram as escadas seguidas pela tão esperada santa. As virgens jogavam os lírios enquanto Maria Bueno dava volta na mesa conversando com os presentes. As virgens começaram a limpar Hilda, devota desde criança e a escolhida para ser incorporada. Depois disso, incorporada em Hilda, Maria Bueno deu volta na mesa abençoando a todos, um por um. Virou-se para mim e iniciou o contacto. Ela reconheceu como sua, a foto que lhe foi apresentada, dizendo havê-la tirado no Passeio Público e que fui buscar em Paranaguá. Quando lhe apresentaram a planta do que deveria ser sua capela, em forma de pirâmide, no Cemitério Municipal, Maria Bueno disse que não gostara e descreveu outra que lhe agradava mais.

Nesse momento, Arnaldo Azevedo demonstra toda sua admiração por Maria Bueno: “Ela mostrou uma incrível inteligência, aliando o conforto à beleza. Disse para fazermos mais baixa a capela, com escada para entrar, facilitando também a colocação das flores no alto. Mas quando ela falou em escadas, dado o meu estado de grande concentração, cometi o absurdo de discutir com ela, dizendo que era impossível por ser muito complicado. Mas

ela entendeu e indicou também o local a ser construída a capela, onde seria mais fácil para todos localizarem e onde haveria gente por perto para impedir os roubos.

Segundo Arnaldo, muitos problemas foram enfrentados para que se pudesse realizar o desejo da santa, pois a planta original já havia sido aprovada pela prefeitura e havia cinco outros túmulos no local escolhido. Mas todos os problemas foram vencidos. Arnaldo conta que se interessou por Maria Bueno, na infância: “Quando vinha com minha mãe para o centro da cidade, passávamos pela cruz erguida no local onde Maria Bueno foi morta, e minha mãe parava para fazer suas preces. Naquela época só sentia pena pela moça assassinada. Mais tarde, ao visitar seu túmulo, disse aos presentes que era preciso erguer uma capela à santa. A idéia logo foi aceita, pois eu era campeão sul-americano de tênis e dois rapazes hoje amigos meus, se propuseram a construir a capela ⁴³”.

43 KARAM, Miriam. Maria Bueno segundo seu mais devoto fiel. In: Revista Panorama, nº 16, março de 1977, p. 12.

À época dessa entrevista, Arnaldo Azevedo afirmou que a Irmandade contava com aproximadamente três mil sócios que pagavam mensalidades:

“Os que não podem pagar, não são aceitos, pois a Irmandade tem estatutos bem definidos que também prevêm sua extinção se os sócios forem em número menor de dez. Arnaldo conta que as diretorias anteriores eram compostas de mulheres, como previam os estatutos, mas como estas não foram eficientes e o número de sócios era zero, o regimento foi mudado, e ele eleito presidente, posto que manteve por três anos. A diretoria, composta por ele e mais um secretário e um tesoureiro, não recebe pagamento algum por isso, mas pretende lançar uma campanha em todo Brasil para levantar fundos para a construção de um hospital e um templo para Maria Bueno. Com o dinheiro levantado, a diretoria pretende comprar o terreno onde Maria Bueno foi assassinada e onde existe uma casa hoje, localizada na atual Vicente Machado, entre a Visconde de Nacar e a Visconde do Rio Branco. O hospital, acredita a diretoria, é a melhor forma de atender aos pedidos de Maria Bueno, que os videntes dizem ter visto escrito no espaço com enormes letras: “Vocês ajudam aí, que eu ajudarei vocês daqui”. Apesar de afirmar que a melhor forma de agradecimento a Maria Bueno é a colocação de uma flor em sua capela, a Irmandade tem recebido inúmeras doações, inclusive de pessoas de outros estados brasileiros. Arnaldo gosta de contar que uma senhora muito devota, de Minas Gerais, pediu para andar novamente, e seu desejo foi realizado. E outra senhora de Santos, que para pagar sua promessa veio a pé, tendo sido presa alguma vez, mas conseguido chegar até Curitiba. Essas são apenas algumas das histórias registradas pela Irmandade de Maria Bueno⁴⁴”.

44 KARAM, Miriam. Idem, p. 13.

Conforme registra a matéria publicada no Jornal *Estado do Paraná* de 1968, o projeto de Azevedo de construir um espaço de acolhimento e peregrinação dos devotos da *santa* fora do cemitério, era antigo:

“A Irmandade de Maria da Conceição Bueno decidiu ontem em reunião de Diretoria, lançar um ampla campanha entre seus membros cujo número sobe a mais de 2 mil, e o público curitibano, a fim de arrecadar verbas para a construção da Casa de Maria Bueno onde serão atendidos todos os deserdados da sorte, desde mães solteiras até mendigos e doentes. Segundo a presidenta da entidade, Sra. Odete Vieira, estamos primeiro dirigindo esforços para comprar o terreno, que será o mesmo em que Maria da Conceição Bueno foi sacrificada. Maria Bueno foi vítima na Rua Vicente Machado, onde existe uma cruz demarcando o local em que foi morta.

Apelo: a atual diretoria, empossada recentemente, espera poder terminar a Casa de Maria Bueno ainda em sua gestão, que se prolongará até 1970. Para tanto, estão fazendo um apelo a todos os adeptos da mártir, pedindo o apoio da rádio, da imprensa e dos canais de TV para essa causa. Três engenheiros (César Rodaki, Antônio Amazonas e Adolpho Oswald) já se dispuseram a projetar a construção, logo que o terreno seja adquirido. Por outro lado, afirmou dona Odete, vamos estender a campanha a outros estados onde Maria Bueno tem muitos adeptos. Os donativos podem ser desde jóias, vestidos, até verbas e outros valores. Também o presidente de honra da entidade, Rubens Bailão Leite, está convocado para a campanha. Quem quiser enviar recursos desde já, pode fazê-lo através do Banco Inco, em nome da Irmandade⁴⁵”.

45 Adeptos de Maria Bueno querem fazer sua casa. O Estado do Paraná, 04 de junho de 1968, p. 10. Fonte: Seção de Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná.



FOTO 8 | Foto de Arnaldo Azevedo, em frente à capela de Maria Bueno, publicada na Revista Panorama, março de 1977, p. 14.



FOTO 9 | Panfleto distribuído pela atual diretoria da Irmandade Maria da Conceição Bueno.

Ainda que os recursos arrecadados não tenham sido suficientes para a construção da Casa de Maria Bueno, essas campanhas eram divulgadas por meio de *santinhos* com foto e oração da *santa*; no verso vinha o pedido de colaboração.

Nesse meio século de existência, a Irmandade tem se incumbido de divulgar a devoção a Maria Bueno e, em algumas situações, de resguardá-la das investidas dos seus críticos, assim como de associações religiosas não aprovadas pelos dirigentes:

“(...) Os padres não a reconhecem por ciúme, talvez, mas ninguém pode contestar sua santidade. Já que o Pai nos deu livre arbítrio, posso chamá-la de santa, se quiser (...) Ela não vai contra a vontade do Pai, como o próprio Cristo não foi. Depois da autorização do Pai, conseguida através de Maria Bueno, os médicos intervêm salvando seus devotos. (...) Os exus são perigosos, mistificam e fazem alguns crer que ela é uma simples pombagira, mas Maria Bueno não incorpora em ninguém e tampouco vai a terreiros. Só consegui falar com ela uma única vez. Na vez em que ela permaneceu na terra por quinze minutos e nunca mais consegui fazer contato e não acredito que alguém consiga. A última mensagem que ela enviou foi aquela que está no altar, no espaço da capela. Depois disso, eu precisava receber outra mensagem e me dirigi a um centro espírita muito bom, mas nada aconteceu. Porém quando os trabalhos terminaram, todos os que participavam disseram que havia acontecido uma coisa linda: Maria Bueno esteve presente e tentou mandar uma mensagem, mas não houve nenhum médium capaz de recebê-la.”⁴⁶

46 KARAM, Miriam. Idem, p. 13.

A capela de Maria Bueno foi inaugurada no dia 12 de outubro de 1961 e, diferentemente dos ritos espíritas que precederam sua construção (ocorridos na privacidade da casa de Azevedo), para a inauguração, a Irmandade optou por uma cerimônia pública, em data de grande significado para os católicos, o dia de Nossa Senhora Aparecida dos Santos.

Inspirando-se no modelo canônico, a santificação de Maria Bueno adotou o **calendário litúrgico**, consagrando três datas: o nascimento de Maria Bueno (8 de dezembro), a data de seu martírio (29 de janeiro) e a instituição das romarias ao seu túmulo (Dia de Finados), marcos simbólicos que tangenciam os modelos e práticas estabelecidas pelo catolicismo clerical. O mesmo se observa com relação à administração do culto: a exemplo dos sacerdotes, os membros da Irmandade advogam a favor da devoção, administram o espaço de celebração religiosa, além de intervir e mediar práticas desenvolvidas nesse espaço. Na entrevista

47 KARAM, Miriam. Idem, pp. 12-14.

concedida por Arnaldo Azevedo à *Revista Panorama*⁴⁷, fica evidente que, apesar da sua orientação espírita, ao discursar para um público heterogêneo, ele privilegia os símbolos e modelos católicos comparando a santa a Jesus Cristo e, sobretudo, negando que ela pudesse ser comparada às pombagiras ou à outra entidade da umbanda. *Ela não vai aos terreiros, nem incorpora* — disse ele. Cabe acrescentar que o discurso de Azevedo parece responder a dois propósitos: atenuar os preconceitos da sociedade curitibana em relação à devoção afro-brasileira que concorre no culto à *santa* (assunto que abordaremos nos capítulos seguintes) e legitimar a devoção junto a certos setores sociais como, por exemplo, a imprensa.

No trabalho de campo realizado para a produção deste livro, foram entrevistados cinco dos doze membros da atual diretoria: Lenira Azevedo (presidente), Marciel Colonetti (vice-presidente e porta-voz da instituição), Marelis e Claudia (as secretárias) e Jadir (o tesoureiro).

Com a morte de Arnaldo Azevedo, em 1983, sua esposa, Adelaide, assumiu o comando da Irmandade e da capela. Depois da morte desta, coube à sobrinha, Lenira, substituí-la. Durante a gestão desta última, a Irmandade passou por um período de estagnação. Durante esse período, final dos anos de 1990 até meados de 2004, a capela permaneceu fechada a maior parte do tempo. Segundo os funcionários da limpeza, isso não desestimulou os devotos que continuaram a visitar a capela para realizar seus rituais. Finalmente, em 2008, reorganizada a Diretoria, novos e antigos projetos, como a reforma da capela e a construção da Casa de Apoio Maria da Conceição Bueno, começaram a ser levados adiante:

Marciel - *Entramos com documentação junto à prefeitura que já está em tramitação e estamos aguardando uma resposta; entramos também com o pedido para melhorias aqui no cemitério municipal, principalmente em relação à rede de esgoto, também em relação ao relevo só que teve uma mudança na administração do cemitério e isso ficou parado. Uma das propostas é de, no futuro, construir uma nova capela, mais elevada... Mas tudo é uma questão de conversar com a prefeitura. Eu já, nós já entramos em contato com o vereador R. H., com toda documentação da instituição, agora é aguardar, existe toda uma tramitação. Hoje a gente não tem nem sede; nessa sede a gente pretende fazer uma capela de oração, também levar todos os objetos, criar uma sala de milagres. Porque a capela da Maria Bueno hoje é mais do que um lugar onde está o corpo dela, tornou-se um centro de turismo religioso, vem excursão de todo Brasil e até de fora do Brasil. Nós precisamos ter esse local porque a capela se tornou uma referência religiosa.*

Dentre seus novos projetos, a Irmandade Maria Bueno acena com a pretensão de inserir o culto a Maria Bueno no circuito do turismo religioso contemporâneo.

Segundo o historiador Pierre Nora⁴⁸, uma das grandes transformações ocorridas no mundo moderno se deu no âmbito da memória social. Se nas sociedades ditas “tradicionais” a memória estava associada à vivência cotidiana das tradições e costumes, nas chamadas “sociedades modernas”, a memória se desvincula dessa vivência e passa a se vincular aos *lugares* e a depender da atuação de agentes dedicados a sua produção e reprodução. Por *lugares* entende-se *lugares materiais* (museus, arquivos, monumentos, túmulos) e *imateriais* (datas de aniversários, necrológio, solenidades). O conceito de “lugar de memória”, proposto por Pierre Nora aplica-se aos novos propósitos da Irmandade de constituir um espaço destinado tanto ao arquivamento quanto à exposição do acervo referente a Maria Bueno.

A insistência da Irmandade em estabelecer parcerias com a prefeitura para reformar a capela e construir a sede da Irmandade pode ser tomada como um indicador de que a atual diretoria tem buscado a legitimação política do culto, tendo em vista, dentre outros, o reconhecimento da importância social e histórica do culto a Maria Bueno.

A grande dificuldade em transformá-la em símbolo da cidade continua sendo de ordem religiosa. A Irmandade, a exemplo dos devotos, defende a versão heróica de Maria Bueno, concebendo-a como personagem que levou uma vida muito sofrida e morreu *em defesa da honra* (castidade). A essa versão se opõe a alguns leigos e também à Igreja Católica os quais sustentam que seu comportamento em vida destoa completamente daquele definido pelo modelo canônico. Em outras palavras, a legitimação do culto a Maria Bueno via Igreja é improvável. Em última análise, via Estado, a legitimação é possível no sentido de torná-la ícone da história e da cultura da cidade.

48 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, 1993, n.10, pp.12-13.





IMAGENS DE
MARIA BUENO E SUA
CIRCULAÇÃO

*Jeslline Jiorana Braga
e Vanessa Durando*



O devoto que visita o túmulo de Maria Bueno no Cemitério Municipal de Curitiba não é apenas um passante, ele vai até lá para pedir ou agradecer. A relação devocional se estabelece por meio de objetos simbólicos: os que são deixados na capela comunicam graças alcançadas ou materializam pedidos; os que são levados cumprem a função de disseminação do culto. A circulação de objetos sagrados propaga, portanto, a devoção no ambiente doméstico, assim como o culto no cemitério.

AGRADECER

Ex-voto, do latim *pela graça*, é o nome dado a objetos deixados em lugares de culto em agradecimento aos santos por graças alcançadas. De acordo com Julita Scarano¹, o uso de **ex-votos** é muito antigo e, depois do Concílio de Trento, no Século XVI, a própria Igreja Católica estimulou o seu uso, portanto, essa forma de agradecimento chegou ao Brasil pelas mãos do catolicismo português. Os **ex-votos** são uma forma de retribuição que cumpre a dupla função de agradecer aos santos e, ao mesmo tempo, comunicar aos homens a quantidade de milagres realizados. Os **ex-votos** são, portanto, expressão material da relação humana com a santidade.



FOTO 1 | Em Iguape, no litoral sul paulista, por exemplo, são comuns os **ex-votos marítimos**, pequenas maquetes de barcos construídas em vários materiais ou **ex-votos riscados** (desenhos em tabuletas) que contam a história de um naufrágio.



FOTO 2 | Em Campo Largo, na Região Metropolitana de Curitiba, cidade conhecida como Capital Nacional da Louça, no túmulo Padre Edgar Marochi, milagreiro dessa cidade, são deixados agradecimentos gravados em azulejos e pratos.

1 SCARANO, Julita. *Fé e Milagre*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

2 Bandeiras do Divino são bandeiras vermelhas confeccionadas para o dia do Divino Espírito Santo; são levadas por romeiros cantadores, de casa em casa, para abençoar os lares. Depois da festa, a bandeira é deixada em algum local sagrado.

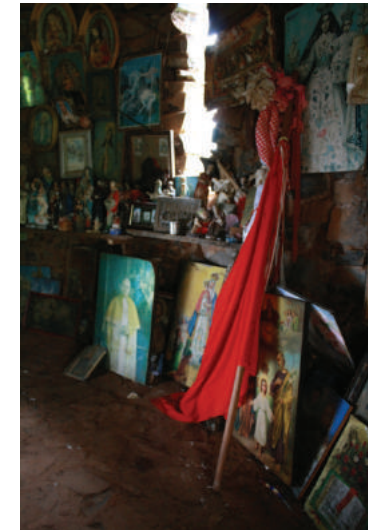


Foto 3 | Em Guarapuava, Região Centro-Sul do Paraná, no Parque do Rio Jordão, dedicado a São João Maria, santo popular do Sul do Brasil, predominam as imagens de santos e as *Bandeiras do Divino*².

Existem muitos santuários, no Brasil, dedicados a santos milagreiros, canônicos e não-canônicos, onde são depositados **ex-votos**; em cada um desses lugares, os objetos utilizados como forma de agradecimento são diversificados, o que pode ter relação com aspectos culturais da região, como podemos observar nas fotografias 1, 2 e 3.

PLACAS

Em Curitiba, no túmulo de Maria Bueno, predominam as placas de agradecimento (foto 4). Alguns devotos mencionaram ter deixado cabelos, moldes de cera e fotografias como **ex-votos**, no entanto, esses

objetos não estão expostos. De acordo com o pesquisador local Edvan Ramos³, quando o culto ainda era realizado na Rua Vicente Machado, já eram deixadas placas de agradecimento por graças alcançadas, “algumas inclusive de ouro”, garante.

Como sugerem as fotografias 1, 2 e 3, a natureza dos **ex-votos**, por vezes, está relacionada a questões geográficas, culturais ou a práticas econômicas de determinadas localidades. Em comum, os santuários apresentam a estética do excesso e do acúmulo, não apenas visual, mas simbólico, uma vez que o po-



FOTO 4

der do santo é mensurado entre os crentes pela quantidade de **ex-votos** expostos. Quanto mais objetos, mais milagres. A profusão diversa de objetos arranjados desordenadamente nos santuários, porém, nem sempre é vista como bela ou como uma manifestação da cultura popular a ser valorizada. Em alguns lugares, como no caso do Parque do Monge da Lapa, na cidade de mesmo nome no Paraná, há **ex-votos** depositados nas paredes das grutas, são placas, cabelos, muletas, fotografias e estátuas de santos. Durante as reformas para

³ Em entrevista concedida a Geslline Giovana Braga, no dia 27 de janeiro de 2010.



FOTO 5

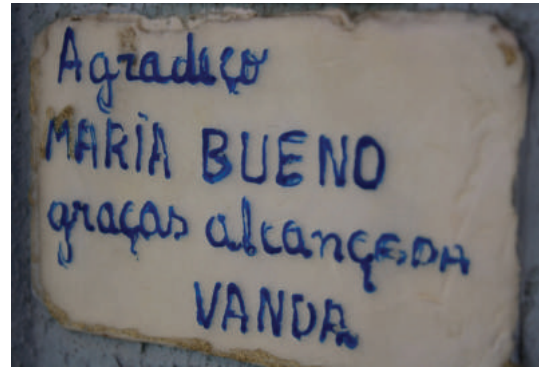


FOTO 6



FOTO 7

a reestruturação física do espaço, recentemente realizadas, **ex-votos** centenários foram retirados das pedras onde se encontravam incrustados, por serem considerados poluentes ao meio-ambiente.

O lugar de culto onde fica o túmulo de Maria Bueno não é exclusivo a ela. O Cemitério Municipal de Curitiba é espaço de culto aos mortos, especialmente os nobres da cidade, visto que esse local concentra os túmulos de famílias tradicionais da cidade. A proliferação de todo tipo de **ex-votos** pelos corredores do cemitério é tida como incompatível com o **ethos** local. As inúmeras placas expostas como **ex-votos**, dedicadas a Maria Bueno, sugerem uma estética limpa e ordeira, o que remete ao título auto-conferido à cidade de Curitiba de Capital Ecológica. Embora alguns devotos afirmem ter deixado outros tipos de objetos, a predominância das placas sugere a existência de algum tipo de controle daquele espaço.

Placas afixadas nos muros, ao redor e nas paredes do túmulo de Maria Bueno, demarcam o território de culto. As placas mais antigas datam das décadas de 20 e 30 do Século XX e os materiais utilizados na confecção das placas de agradecimentos são os mais diversos, encontrando-se até mesmo isopor e plástico, (como mostram as fotos 5 e 6) confeccionadas pelas mãos do próprio devoto. Essas placas demonstram que os devotos de menor posse pagam promessas confeccionando suas próprias placas, pois não teriam condições de arcar com os custos das placas em madeira, mármore ou metal, como mostram as fotografias 7, 8, 9, 10, 11 e 12.

Em agradecimento, graça alcançada, agradecida, agradecido, são os dizeres mais frequentes; nomes e



FOTO 8



FOTO 9



FOTO 10

4 Também notou-se que as prostitutas da cidade cultuam especialmente Maria Bueno, justificando a simpatia pela *santa*, a sua história e sua morte violenta. Para elas, Maria Bueno significa proteção contra a violência masculina. Ver etnografia em Box no texto “*Santa de casa em trânsito: Devoção na bagagem*”.



FOTO 11



FOTO 12

datas complementam as frases. A maioria dos devotos, conforme pudemos constatar, é formada por mulheres, o que pode ser explicado se associarmos ao tipo de morte sofrida por Maria Bueno, bem como às especificidades a ela atribuídas⁴.

Essa forma de agradecimento pelas graças alcançadas gravadas em placas talvez seja uma forma típica entre os curitibanos, pois na capela da Santa Casa de Misericórdia, na Praça Rui Barbosa, também prolifera esse tipo de **ex-votos**. O mesmo se observa na Igreja do Rosário, situada no Largo da Ordem, no entorno do sarcófago de Monsenhor Celso. Em outros santuários – como no de Madre Paulina, por exemplo, em Nova Trento, Santa Catarina – também se observa grande quantidade de placas afixadas nas paredes, mas elas não representam a forma mais usual de agradecimento.

Hoje, são mais comuns os **ex-votos** fotográficos em decorrência da popularização dessa tecnologia, entretanto, a Irmandade responsável pelos cuidados da capela de Maria Bueno diz que não há espaço para a exposição desse tipo de objetos, por isso são recolhidos, mas garante que quando a *santa* tiver seu lugar próprio e exclusivo, os demais objetos serão ostentados.

BILHETES E CARTINHAS

De acordo com o antropólogo Oscar Calavia Sáez⁵, os santos estão mais perto dos humanos do que outras divindades. Suas características extraordinárias – sua vida na terra, em geral cheia de sofrimento e caridade – santifica-os, tornando-os próximos ao divino, porém não inteiramente distantes dos homens. Essa condição limítrofe é o que os torna mediadores especiais entre o humano e o divino.

Alçada a essa condição, Maria Bueno é *santa de casa*, pois sua história de vida remete a espaços urbanos muito familiares ao curitibano – as ruas Vicente Machado, Saldanha Marinho, o Largo da Ordem, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Sociedade Treze de Maio – que hoje integram o centro histórico da cidade. Esses espaços urbanos são marcos de produção de sua memória. O mesmo se dá em relação ao Cemitério Municipal, “bem ali” onde se encontram os nomes das famílias tradicionais da cidade, estão enterrados os restos mortais de Maria Bueno.

Essas marcas biográficas no espaço público fazem de Maria Bueno uma personagem da cidade, ou seja, uma *santa local*, portanto, não apenas íntima, mas também conterrânea. Devido a essa proximidade, ela é considerada mais sensível que outros santos às demandas de moradores locais. O teor dos bilhetes que lhe são endereçados, em tom pessoal e íntimo, é indicador disso.

Registramos, na Cidade de Palmas (PR), numa pequena capela⁶ (foto 13), às margens da rodovia, espaço dedicado a Nossa Senhora Aparecida, uma carta endereçada a Maria Bueno. O tom direto, a intimidade e o teor do texto sugerem uma grande aproximação e certa recorrência, pois ao mesmo tempo em que um pedido está sendo feito é dado agradecimento por outros já realizados. O grau de intimidade com o santo aumenta à medida da convivência: experimentado em seus poderes em diferentes situações de aflição, o santo torna-se tanto mais íntimo quanto mais é sujeitado à experimentação de seu poder, ou seja, quanto mais participativo da vida cotidiana dos devotos⁷.



FOTO 13

5 CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os Santos podem fazer pela antropologia? http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200010&script=sci_arttext

6 Nesse lugar há um olho d'água que, segundo a população, é de São João Maria - santo não-canônico da Região Sul do Paraná, conhecido por abrir pequenos olhos d'água na terra, no lugar onde dormia. De acordo com a zeladora, a capela foi construída como retribuição a uma graça alcançada: “Um pai vinha trazendo um filho desenganado pelos médicos, quando estavam passando aqui na estrada, o menino pediu para parar que queria beber água do olho. O pai não sabia que tinha água aqui, mas mesmo assim parou, o olho estava coberto de mato, ele disse para o filho que não tinha nada. O menino insistiu, desceu do carro, foi lá tomou a água do olho, entrou dentro, tudo. Chegou em Palmas curado, sem nada, o médico disse que ele não tinha nada. Ai o pai, que era devoto de Nossa Senhora Aparecida, mandou construir esta capelinha e o povo começou a vim pedir e depois trazer a santa, imagem dela, porque também recebeu graça”.

7 MENEZES, Renata - A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidades e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004

OBJETOS DE DUPLA FUNÇÃO: PEDIR E AGRADECER

VELAS

A oferenda mais tradicional a Maria Bueno são as velas. A grande quantidade encontrada em volta da capela, no cemitério, explica-se pelo seu uso por diversas religiões. O uso católico das velas é uma prática corrente, elas são oferecidas aos santos para interferirem na vida dos vivos e aos antepassados mortos para que encontrem iluminação; vez ou outra se acende uma vela para que um familiar morto auxilie nos problemas do dia-a-dia. Segundo Edvan Ramos, essa prática marca as origens do culto a Maria Bueno, pois, de acordo com esse pesquisador, nos dias seguintes à morte de Maria Bueno, foi acendida uma vela no local e esta não se apagou, o que foi compreendido pelos moradores do entorno como sinal de santidade. Edvan afirma também que o culto a Maria Bueno foi deslocado da rua Vicente Machado para o Cemitério Municipal porque a rua era tomada por velas: “a cera derretida transformava a rua num mar de velas”.

A maioria das velas no entorno do túmulo são brancas, raramente vê-se queimar, perto da capela, velas de outras cores.



FOTO 14



FOTO 15



FOTO 16



FOTO 17

ROSAS VERMELHAS

No Dia de Finados, o azul e prata do túmulo contrastam com o vermelho das rosas deixadas pelos devotos. Esse é um dos elementos visuais mais marcantes do culto a Maria Bueno, no Cemitério Municipal de Curitiba. Levar rosas pode ser tanto uma forma de agradecer pelas graças alcançadas, como de pedir bênçãos e milagres (foto 15, 16 e 17).

As rosas instaladas no túmulo de Maria Bueno parecem, por contato, contagiar-se dos poderes da santa. Os fiéis trazem rosas que depositam no túmulo e, ao saírem, levam flores depositadas por outros devotos. Dessa forma, o que era oferenda se transforma em relíquia, com usos diversos, por vezes flores ou pétalas são guardadas em meio à Bíblia ou colocadas para curtir em água e depois usada como unguento em patologias da pele, ou dos ossos. A noção de **contato** é um dos princípios da magia, segundo Frazer⁸ e Mauss⁹; acredita-se que o **contato** com o **sagrado** pode transferir boas influências, no caso, bênçãos ou

8 FRAZER, James George. *La rama dorada*. Fondo de Cultura, 1956.

9 MAUSS, Marcel. “Esboço de uma teoria geral da magia”, “Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia”, in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.



FOTO 18

10 BESANÇON, Alain. "A arte e o Cristianismo", in *Imagem e Conhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

proteção. A mesma noção rege certos **ex-votos** como roupas, cabelos, unhas e até mesmo fotografias, pois se acredita serem veículos da bênção, na medida em que continuam a atuar sobre as pessoas com as quais outrora estiveram em contato.

As rosas vermelhas, deixadas no túmulo de Maria Bueno, circulam entre os devotos, passando da condição de oferenda a **ex-voto**, assim materializam a crença no poder do santo, ou seja, difundem a crença em sua eficácia: aquilo que o santo "toca" reveste-se do seu poder e se torna objeto de bênçãos e proteção.

Outro uso possível é a prática de simpatias realizadas por meio da oferenda de rosas vermelhas a Maria Bueno, no Cemitério Municipal ou em qualquer outro cemitério. Foi o que observamos no cemitério de Orleans (foto 18) em Curitiba, local em que benzedadeiras e prostitutas disseram ir para rezar, fazer pedidos e simpatias para Maria Bueno, deixando rosas vermelhas no Cruzeiro do Cemitério, por três dias seguidos.

OBJETOS PARA CULTUAR E LEMBRAR

Fitas, santinhos e estatuetas são outros objetos por meio dos quais se expressa materialmente a devoção a Maria Bueno. Através desses e de outros artigos, o culto à *santa* se difunde dentro do cemitério e, também, além dele. As casas de muitos dos devotos, assim como o local de trabalho de benzedadeiras, que em geral atuam no espaço doméstico, bem como alguns centros de Umbanda de Curitiba (sobre os quais veremos melhor nos textos a seguir), são outros espaços nos quais são encontradas imagens de Maria Bueno que difundem o seu culto.

Originalmente, o catolicismo não permitia o culto às imagens. De acordo com Alain Besançon¹⁰, a partir do Concílio de Trento, no Século XVI, o uso delas foi permitido como estratégia de difusão entre as classes não-letradas, já que estas não tinham acesso às escrituras sagradas. Santos não-oficiais, cultuados nos mesmos moldes que os santos canônicos, também têm sua adoração produzida imagetivamente. No caso de Maria Bueno, além das estátuas de gesso, sua imagem encontra-se reproduzida em chaveiros, terços, pingentes e ímãs. Estatuetas e santinhos são, certamente, a forma mais frequente de sua representação encontrada nos espaços privados, principalmente nos altares domésticos, enquanto os outros artigos transitam por outros lugares. Com outros formatos, a imagem do santo pode ser levada junto com a pessoa, na bolsa, na

carteira, no carro, servindo como elemento de “proteção”, bem como testemunho da intimidade do devoto com o santo.

Onde os devotos adquirem esses artigos? Durante a nossa pesquisa, identificamos algumas lojas no centro da cidade, que os comercializam. Esses estabelecimentos, assim como a Irmandade Maria Bueno que distribui gratuitamente fitas e santinhos no Cemitério Municipal, participam do processo de disseminação do culto à *santa curitibana* como se verá adiante.

FITAS

A tradição de se amarrar nos pulsos fitinhas coloridas com o nome do santo gravado, é baiana, vem do Senhor do Bonfim. Diz-se que originalmente essas fitas eram pintadas à mão. Hoje são produzidas industrialmente para muitos outros santos. Essas fitas costumam ser amarradas no pulso, seguidas de pedidos de bênçãos e/ou milagres. Segundo o dizer popular, quando a fita “cai sozinha” o pedido se realiza.

Fiéis de Maria Bueno amarram fitas, com o nome dela gravado, nos pulsos; outros as levam para casa e guardam junto a outros objetos sagrados, ou ainda presenteiam amigos e vizinhos (foto 19).



FOTO 19



FOTO 20



FOTO 21

11 A reprodução da gravura não foi autorizada pelo portador.

SANTINHOS

Os *santinhos* impressos e distribuídos gratuitamente têm um importante papel na disseminação do culto a Maria Bueno. Por meio destes, além de conhecer a imagem da *santa*, o devoto entra em contato com sua história de vida e ainda pode utilizá-los para fazer a leitura da oração que pretende realizar em forma de novena e/ou para fazer pedidos. A exemplo do cartão de visitas, o *santinho* é a primeira forma de contato (foto 20). As estatuetas são adquiridas mais tarde quando a devoção se torna uma prática, ou seja, quando o santo se torna objeto de culto.

Durante a pesquisa, obtivemos uma grande quantidade de reproduções de *santinhos* de Maria Bueno. Como não são datados, não é possível precisar exatamente o momento de sua produção e quando começaram a circular entre os devotos. Dispomos apenas dos relatos como pista para definir a época em que o *santinho* foi impresso. Os mais antigos são reproduções de gravuras. Maria Bueno morreu numa época em que a fotografia já era bastante utilizada no Paraná, pois existiam fotógrafos de estúdios e outros que registravam o cotidiano da cidade, mas a fotografia não estava ainda disseminada entre as camadas mais populares. Apenas eventos especiais como casamentos e batizados eram registrados por meio da fotografia. Como Maria Bueno não era uma figura pública antes de sua morte, não há uma iconografia precisa que a retrate. Edvan Ramos possui uma gravura de Maria Bueno¹¹ que ele diz ser a original, nesta ela é mais jovem, mais negra e tem os cabelos mais compridos do que as imagens mais difundidas.

De acordo com os devotos, os *santinhos* mais antigos de Maria Bueno datam da década de 70, do século XX. Dona Santa, moradora da cidade de Palmas (PR), ganhou seu *santinho* de Maria Bueno em 1972. O retrato (foto 21) foi emoldurado e permanece no seu altar desde então: “Eu tinha uma hérnia no braço, ia perder o braço, fiz o pedido pra ela num copo d’água e rezava o terço, dali 15, 20 dias terminou. Daí eu fui lá no túmulo dela pagar promessa.” Dona Santa diz não lembrar qual foi a paga, mas diz que muitas pessoas em Palmas receberam graças de Maria Bueno.

Dona Maria, benzedeira da cidade de Rebouças (PR), ganhou seu *santinho* de Maria Bueno em 1976, do padre Severo Preima, pároco de Mallet (PR). Desde então, mantém-no dentro de uma emba-

lagem de cartas de baralho junto com uma coleção de *santinhos* de outros santos. Declara que sua devoção é feita exclusivamente através do *santinho*, pois nunca esteve no túmulo e não tem uma estatueta da *santa*. Nesse *santinho*, o segundo nome, Conceição, não aparece como ocorre em outros (foto 22).

Na oração localizada no *santinho* (foto 23), Maria Bueno é evocada como espírito do luz e mensageira de Jesus, e não como *santa*, como Dona Maria e outros devotos a classificam. Tal fato sugere aproximação ao espiritismo; ignorada pela benzedeira, porém, a idéia do “serviço” como retribuição pela bênção recebida remete à noção espírita de caridade em troca da realização de um pedido, o suplicante promete ajudar “os que mandares em meu caminho”. Forma de retribuição que distingue as benzedeiros dos demais devotos: ao receberem uma bênção pessoal, elas não apenas fazem ofertas diretas ao(s) santo(s); elas se comprometem a retribuir as graças recebidas utilizando seu dom para promover a cura de terceiros.

Cumprindo função ritual, os *santinhos* são encontrados em todo o espaço doméstico, não só nos altares. Pode tornar-se uma espécie de retrato, quando colocado em um porta-retrato como se faz com a fotografia de familiares; pode ganhar as páginas da Bíblia, ficando assim consagrado, ou ainda ser guardado dentro de uma caixa reaproveitada, junto a outros *santinhos*, o que o transforma num objeto *sagrado*. No caso de Dona Maria, a pequena caixinha que tem uma superfície transparente de plástico na frente, é usada como porta-retrato (foto 22).

Nota-se, pelas imagens que representam Maria Bueno, que sua representação não condiz com os padrões de vestimenta e da moda entre as mulheres das classes populares que viviam no final do século XIX, época em que ela viveu e faleceu. Os cabelos curtos se popularizaram somente nas primeiras décadas do século XX, roupas com golas até então eram consideradas masculinas. Podemos supor que a difusão do culto a Maria Bueno, especialmente entre os católicos habituados a cultuar imagens de seus santos, criou a necessidade de produzir uma representação da *santa curitibana*. Na ausência de retratos, uma prática corrente entre as classes dominantes, especialmente no caso de figuras ilustres, era a de criar imagens. Assim, as imagens de Maria Bueno começaram a ser criadas no início do século XX, espelhando valores e moda da época, como sugerem as vestes e seu corte de cabelo.

Em entrevista publicada na Revista Panorama (Curitiba), publicada em 1977, Arnaldo Azevedo, presidente da Irmandade Maria da Conceição Bueno, legitima essa representação imagética afirmando que esta foi endossada por uma médium: “*incorporada* em Hilda, Maria Bueno deu a volta na mesa abençoando



FOTO 22



FOTO 23



FOTO 24



FOTO 25



FOTO 26



FOTO 27

a todos, um por um. Virou-se para mim e iniciou o contato. Ela reconheceu como sua a foto que lhe foi apresentada, dizendo havê-la tirado no Passeio Público”.¹² (grifo nosso).

Há outras imagens de Maria Bueno em *santinhos* que parecem ser mais antigos, a exemplo do *santinho* reproduzido na fotografia 24, encontrado na capela de **ex-votos** dedicada a São João Maria, no Parque do Rio Jordão, em Guarapuava, Região Centro Sul do Paraná. Os **ex-votos** vêm sendo acumulados há décadas naquele local; neste vê-se uma Maria Bueno com traços mais africanizados: os cabelos negros, curtos, notadamente mais encaracolados, os lábios grossos e o nariz mais largo.

Há uma acirrada polêmica, que vem se estendendo por décadas, quanto às características físicas de Maria Bueno. Aqueles que defendem sua herança africana sustentam, como argumento, que ela participava ou era ligada à Sociedade Treze de Maio, único Clube Negro da Capital do Estado, local onde foi realizada sua Missa de Sétimo Dia, em decorrência da recusa da Igreja em conceder-lhe os ritos de passamento. Edvan Ramos garante que Maria Bueno era “mulata”, tendo como “prova” um retrato que ele possui em que de fato vê-se uma jovem negra. O **branqueamento** de Maria Bueno, observado nos *santinhos* mais recentes (foto 25 e 26) – marcado pela diferença na cor de pele, seus traços mais finos e os cabelos alisados – pode ter relação com os padrões estéticos que determinam padrões de beleza ligados a uma supremacia branca; ou com uma tentativa de evitar a associação da *santa curitibana* a entidades e Orixás afro-brasileiros, afastando-a assim dessas matrizes religiosas; ou como uma forma de se reforçar a invisibilidade a que os negros estão sujeitos no Estado do Paraná.

Chama a atenção, nas imagens dos *santinhos* de Maria Bueno (fotos 24, 25, 26 e 27), o fato de ela não ser representada com vestes tradicionais de santo ou de corpo inteiro; seu *santinho* é um retrato do tipo “portrait”, como uma 3x4 de documentos. Forma de representação que a aproxima de nossa época, pois se trata de uma representação com a qual estamos mais acostumados a ver cotidianamente. Esse modo de representação pode torná-la ainda mais familiar, a exemplo dos retratos de familiares e parentes que expomos em nossas casas. Representações mais recentes introduzem mudanças nesse modelo, caso do *santinho* que reproduz a imagem existente no Cemitério Municipal onde ela é retratada de corpo inteiro, usando um manto e coroa (foto 28).

Hoje, é comum pagar as promessas aos santos mandando confeccionar “um milheiro” de *santinhos* em gráficas especializadas. A distribuição destes, porém, não é realizada pessoalmente pelo devoto e, em

12 Revista Panorama, 1977.



FOTO 28

larga medida, não ocorre em espaços **sagrados**, pois estes podem ser encontrados em balcões de anúncios, tótems de distribuições de impressos publicitários, lanchonetes, lojas do mais variado comércio. Não é o caso de Maria Bueno cujos *santinhos*, como já mencionado, são distribuídos gratuitamente, no Cemitério Municipal, em especial no Dia de Finados.

ESTÁTUAS E ESTATUETAS

As únicas estátuas da Maria Bueno de corpo inteiro que encontramos em Curitiba estão no seu túmulo, no Cemitério Municipal (foto 29 e 30); as cores e o estilo das vestes (túnica branca e xale) da estátua de dentro da capela remetem ao modelo católico de representação dos santos (foto 29). Suas vestes, seja de



FOTO 29



FOTO 30



FOTO 31

santa (foto 29) ou executiva (foto 31), sugerem dignidade, ao passo que as vestimentas brancas, semelhante a de uma noiva, da imagem em tamanho real (foto 30) localizada do lado de fora da capela do cemitério, remetem à noção de pureza. Na capela de Maria Bueno em Morretes uma das estátuas também veste um véu branco. (foto 31)

As formas de representação convivem, pois não se trata de simples substituição. Como podemos observar nas fotografias 29, 30, 31, os modelos se fundem: as vestes, a cor branca da pele e os traços do rosto traduzem o processo de embranquecimento de sua representação, assim como uma aproximação ao modelo católico de representação dos santos; porém, os cabelos curtos permaneceram, diferenciando-a das mulheres de sua época, assim como da representação feminina de santidade.

Não saberíamos precisar se as gravuras dos *santinhos* inspiraram as estátuas ou se ocorreu o inverso, mas em geral esculturas são feitas a partir de desenhos ou fotografias.

Apesar das variações estéticas, na maioria das imagens encontradas predominam a roupa de cor azul, em tonalidades claras. Os olhos da *santa* também são predominantemente azuis, o que no Paraná remete à imigração européia, polonesa e alemã principalmente. Muitas *santas* têm o mesmo matiz nos olhos, o que parece caracterizar pureza em nosso imaginário. Azul é também a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida, de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, das Graças, das Neves, da Conceição etc. O azul, de fato, parece ser a cor preferida de todas as variações de Nossas Senhoras, associando-se ao céu – morada do seres divinos e/ou **sagrados** na visão cristã – e, portanto, associado à pureza, integridade e, também, serenidade. Na religiosidade afro-brasileira, azul é a cor de uma entidade em particular, Iemanjá, sincretizada como Nossa Senhora dos Navegantes, ou mesmo Nossa Senhora Aparecida.

Os traços atribuídos a Maria Bueno variam dependendo do contexto e/ou filiação religiosa dos devotos. A Irmandade Maria Bueno, por exemplo, comercializa, na capela, um busto que define como *barroco*, com bom acabamento e pintura craquelê, com tonalidades douradas e vermelhas. Jadir, tesoureiro da Irmandade, é o responsável por escolher, encomendar e comprar os objetos vendidos na capela. Segundo ele, essa imagem de Maria Bueno, difundida pela Irmandade, remete aos santos católicos e é “mais suave” do que aquelas vendidas nas lojas de Umbanda, definidas por ele como “feias”, “tortas”, com cores “agressivas”.

Os terreiros, como veremos melhor adiante, apresentam, em seus altares, imagens de Maria Bueno com traços “mais rústicos”, e cores fortes mais próximas da estética do panteão umbandista.



FOTO 32

CIRCUITO COMERCIAL, CIRCULAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DO CULTO

Uma vez que Maria Bueno não foi canonizada pela Igreja Católica, sua imagem não é encontrada em lojas que vendem artigos católicos. Portanto, a busca de imagens de Maria Bueno, *santa* de canonização popular, levou-nos a trilhar outros caminhos. As imagens são vendidas pelas floriculturas situadas ao redor do Cemitério Municipal, bem como por lojas que vendem artigos de Umbanda e Candomblé, chamadas “casas de fumo”. O fato de se encontrar imagens da *santa curitibana* em espaços onde são vendidos objetos rituais de cultos afro-brasileiros é um indicador de sua participação nessas práticas religiosas. Como veremos no texto “Santa ou Entidade? Maria Bueno no campo mediúnico”, de fato, Maria Bueno integra o grupo de *entidades* cultuadas em alguns *terreiros* de Umbanda da cidade.

Nas lojas de artigos afro-brasileiros, encontramos estatuetas de gesso, geralmente de dois tamanhos. Na fotografia 32, Maria Bueno é apresentada com cabelo preto, tom de pele mais escuro e uma rosa vermelha



FOTO 33



FOTO 34

no peito. Esta imagem é também a que se vende na floricultura número 8, em frente ao Cemitério Municipal, por R\$25,00. Aqui a *santa* com olhos e lábios pintados.

Na Casa dos Orixás (foto 33), duas versões de Maria Bueno entre as estatuetas de Iemanjá e as pombas brancas que representam o Espírito Santo. Na fotografia 34, trata-se da mesma peça, dessa vez vestida de azul-escuro, pode ser comprada por R\$20,00 na floricultura Estrela Dalva, ao lado do mesmo cemitério.

Na floricultura de dona Leonilda, encontramos outra imagem da Maria Bueno (foto 35), disponível somente em versão pequena; o molde tem acabamentos menos detalhados e o seu preço é de R\$6,00, valor repassado integralmente ao fornecedor, pois, como Dona Leonilda explica, as estatuetas são fornecidas por uma senhora que está pagando uma promessa para a *santa*. A lojista compra as peças brancas, em gesso, e são pintadas por um funcionário da loja que também é devoto de Maria Bueno. Ela não lucra com a venda dessas peças, vende-as para “ajudar” a produtora: “o que ganhamos damos para ela porque com este dinheiro ela faz outras imagens”. Essas estatuetas, diz a vendedora, são benzidas na Igreja antes de serem comercializadas.

Outra versão da imagem de Maria Bueno, em formato de estatueta, foi encontrada na Casa das Placas. Essa loja, como diz o panfleto, comercializa placas “em bronze, em mármore, em aço escovado, em porcelana, fotos em porcelana, puxadores, artigos religiosos, anjos em cimento...”. É um espaço comercial especializado em materiais para decorar túmulos. Ali vendem também imagens religiosas, mas somente cristãs, entre as quais as estatuetas de Maria Bueno definidas pela lojista como de “estilo barroco” (foto 36). É nessa loja que a Irmandade Maria Bueno adquire as estatuetas que revende na capela.

Já na Casa de Fumo, da rua Saldanha Marinho, encontramos também estatuetas em gesso branco, isto é, sem pintura (foto 37). As pequenas custam R\$1,70 e as grandes, R\$4,20; as coloridas são pintadas por uma funcionária da loja que, conta ela, escolhe as cores “segundo os pedidos dos clientes”. Esses produtos custam



FOTO 35

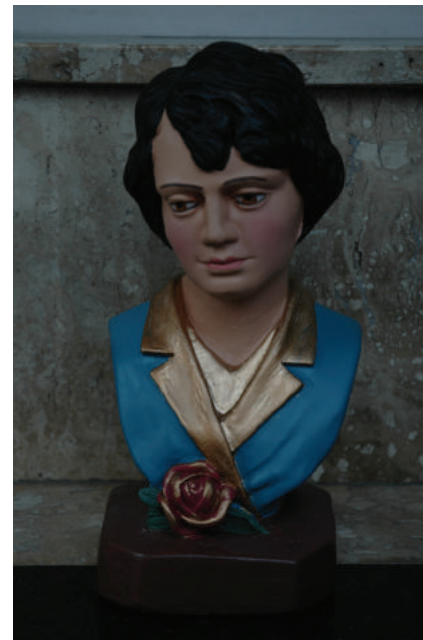


FOTO 36



FOTO 37

13 ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992.



FOTO 38

respectivamente R\$6,00 e R\$10,00.

A Casa das Placas e a Casa dos Orixás vendem no varejo e por atacado, provendo tanto os clientes particulares quanto outras lojas da cidade. Conforme comentários de alguns comerciantes, os produtos com imagem de Maria Bueno são muito procurados, razão pela qual, certa vez, um lojista recebeu a proposta de criar “a marca Maria Bueno”. Ele, contudo, não aceitou. A “boa saída” desses objetos é explicada por Jadir como o resultado da demanda dos devotos. Segundo ele, adquirir as imagens representa uma “necessidade” que traduz a vontade afetiva de “sentir” a *santa* perto de si. Como Mircea Eliade explica, demanda por imagens por parte dos devotos decorre do fato de que estas, aos seus olhos, não *representam* simplesmente o santo: *são*, materialmente, a expressão de sua “presença”¹³. Trazê-las consigo ou guardá-las em casa é uma forma de presentificá-lo, torná-lo próximo, íntimo, uma forma de “proteção” aos desafios que se apresentam na vida cotidiana.

À época da pesquisa, com exceção da Casa de Fumo, as demais lojas comercializavam também chaveiros, terços, ímãs e pingentes (foto 38 e 39). Cada um desses artigos era exposto em um envelope de plástico que continha, ainda, a imagem da *santa* impressa em papel, sua prece e uma fitinha.

Segundo as informações que nos foram dadas pelo dono da Casa dos Orixás, “um freguês”, cerca de dois anos atrás, teve a idéia de mandar fazer essas peças. Esse cliente, descobrimos, posteriormente, era Eliane, devota que trabalhava na conservação da capela. Atualmente, esses artigos não se encontram mais à venda, mas é interessante ressaltar que alguns devotos, além de consumirem os produtos da Maria Bueno, participam de sua produção, acionando, assim, a difusão do culto.

Como vimos, objetos rituais são meios concretos através dos quais a devoção se difunde e se perpetua, tornando-se uma maneira de objetivação da fé e, segundo declarado pelos devotos/produtores, é também uma forma de retribuir à *santa*, as graças recebidas. Essa dinâmica de retribuição pode promover, como vimos no caso da lojista Leonilda, a transformação de alguns comerciantes em co-agentes do culto. Há, portanto, comerciantes que participam da devoção, assim como devotos que participam do comércio religioso. Esse papel é também exercitado pela Irmandade que, além de distribuir gratuitamente material sobre a *santa* (fitas e *santinhos*) comercializa, na capela, uma linha específica de produtos, além da estatueta “barroca”. Essa atividade, realizada apenas em alguns dias da semana, vende chaveiros por 8 reais, terços por 10 reais, dezenas por 8 reais, “bottoms” por 5 reais, escapulários por 5 reais, correntinhas por 15 reais,

cordões com pingente por 5 reais, e colares de silicone com pingente por 5 reais. Estes últimos deixaram de ser vendidos por serem, segundo Jadir, de baixa qualidade e ter “pouca saída”. Além de objetos avulsos, a Irmandade vende também um “kitezinho”, como é definido por Jadir, isto é, uma sacolinha plástica que contém um pingente, uma vela, uma imagem da *santa* e, atrás desta, a prece e sua história de vida. Por esse “kit” são cobrados R\$2,00. Jadir declara que não gosta de vender esses produtos dentro da capela, pois parece-lhe pouco respeitoso fazer comércio no túmulo da *santa*, mas diz não ter alternativa porque a Irmandade não possui outro local onde efetuar as vendas. O dinheiro arrecadado serve, segundo ele, para sustentar as despesas de conservação e limpeza do túmulo.

Os objetos de culto apresentados acima são produzidos por empresas do Paraná e de outros Estados. Em Curitiba, e ao redor da cidade, as mais conhecidas são a fábrica “Artesanato Nossa Senhora Parecida”, em Campo Largo; “Gesso Joly”, no bairro Pilarzinho; e a fábrica de Santa Felicidade, de Ivo Bodel. As estátuas são também produzidas por artesãos locais, trata-se de uma produção de “fundo do quintal”, como comentou o dono da Casa dos Orixás. Algumas empresas de São Paulo também participam desse comércio.

Quando se quebram, acreditam os devotos, as imagens não podem ser jogadas em qualquer lugar, devendo ser depositadas em locais **sagrados**, como os cemitérios (foto 40). Essa crença demonstra que, quando a imagem está em posse do devoto, ela deixa de ser mero objeto. A personificação do santo é produzida e consolidada na relação pessoal com os devotos, daí o seu descarte, quando quebrada, ser prescrito simbolicamente.

Os objetos, como vimos acima, têm função central na prática “devocional”. Oscar Calavia Sáez¹⁴ propõe a substituição dessa adjetivação pelo termo “relacional”, pois considera santo e devoto como sujeitos, em uma relação “horizontal”. Nessa relação, placas, bilhetinhos, velas, rosas e as representações da Maria Bueno em seus diversos suportes (*santinhos* em papel, estátuas e estatuetas, fitas, chaveiros, ímãs etc.) têm a função de **mediação**. Pedidos e agradecimentos por um lado, proteção e objetivação da presença, por outro, são as funções cumpridas por esses itens. Os objetos que são deixados no Cemitério Municipal funcionam como dispositivo de legitimação pública do culto; a visibilidade destes em um espaço público, reforça o reconhecimento de Maria Bueno como *santa curitibana*, bem como a crença dos devotos em seu poder.

A oficialização de um santo implica a institucionalização de seu culto. Esse processo comporta, dentre outros, o regramento da maneira de representá-lo, assim como as formas pelas quais o santo deve



FOTO 39

14 Idem ao 6.



FOTO 40

15 Isto não implica, entretanto, que os fiéis tenham, necessariamente, que seguir esses parâmetros. O culto aos santos oficiais pode ser reformulado de formas distintas dependendo do contexto onde está inserido.

16 KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commodization as process. (64-91). In: APPADURAI, Arjun (org.). The social life of things. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ser cultuado. Quando este é canonizado, por exemplo, a Igreja Católica institui sua imagem oficial e legitima sua história de vida e qualidades¹⁵. Por meio destas últimas o santo “se especializa” como é o caso de Santo Antônio, conhecido com santo casamenteiro; Santo Expedito, santo das causas urgentes; Santa Bárbara, protetora contra raios e tempestades etc.

Como Maria Bueno é uma *santa* de canonização popular, sua não-oficialidade permite uma maior flexibilidade, o que viabiliza diversas maneiras de representá-la, assim como de exercer a devoção. Os devotos, nesse caso, participam ativamente dessa construção, deixando diversas “marcas” nos aspectos visíveis do culto e nos modos de prática ritual. Sendo os objetos culturalmente construídos, como sugere Igor Kopytoff¹⁶, as características variáveis observadas na representação de Maria Bueno não devem ser consideradas como aleatórias. Ao longo do tempo, as imagens de Maria Bueno apresentaram processo de branqueamento (marcado

pela mudança no tom de pele e feitio do cabelo), assim como de elitização: passa-se da representação de uma jovem de baixa renda para a representação de uma mulher de classe média, como sugere em especial suas vestimentas, mulher com jeito de executiva. Ela poderia ter, ao contrário, feições de uma mártir das minorias, mas a representação que se tornou hegemônica, em consonância com o mito da identidade local, é a da mulher com características européias.

No campo religioso, a convivência entre essas diversas representações reflete disputas entre agentes e domínios diversos. A Irmandade Maria Bueno, que gerencia o culto no cemitério e se declara católica, prefere vender uma imagem da *santa* mais afeita a esse universo, em contraposição aos traços por ela identificados como “grosseiros”, característicos dos objetos comercializados nas lojas de produtos afro-brasileiros. Nos altares de benzedeiras e *congás* de terreiros de Umbanda, como veremos a seguir, essas variações são enfatizadas através de um outro marcador: a distribuição espacial dos santos, prática que obedece a hierarquias próprias de distintos segmentos religiosos.



SANTA DE CASA
EM TRÂNSITO:
DEVOÇÃO NA BAGAGEM

Geslline Giovana Braga



Maria Bueno chega aos altares das benzedadeiras por vários caminhos. Uma boa parte das benzedadeiras do interior do Paraná “conheceu” Maria Bueno por intermédio de uma imagem que ganhou de presente de um consulente, ou de um parente que visitou Curitiba e trouxe-lhe a imagem como lembrança. Essas imagens recebidas passam a habitar os altares domésticos e têm uma espécie de “vida própria”, em função do espaço que lhe é conferido.

As imagens dos santos são muito presentes nas casas brasileiras. Em algumas delas, costuma-se colocar a imagem do santo-protetor num nicho pouco abaixo do telhado, na fachada da casa. Em outras, os santos ocupam o interior do domicílio, em altares domésticos, prática corrente do tipo de religiosidade que se constituiu no Brasil. Instalados na sala ou num dormitório, eles ocupam lugar nobre, acumulando-se segundo preferências dos moradores. A escolha pode ter relação com a especialidade dos santos, tradições familiares e/ou nacionais. Em grande parte dos altares domésticos, Nossa Senhora Aparecida é figura central de devoção, a Padroeira do Brasil, tida como grande milagreira.

Benzedeiras e benzedores são especialistas **mágico¹-religiosos** de cura. Eles são procurados para a cura de males específicos, como *bichas²*, *mau-olhado*, *olho-gordo*, *olho-grande³*, *inveja*, e também para as doenças contemporâneas, como estresse e depressão. Embora hoje estejam um pouco escondidos no cotidiano urbano das cidades, esses especialistas continuam a atender muitas pessoas, ou *curando*, como costumam dizer algumas benzedadeiras. *A fé e o dom* para curar fazem desses especialistas, partícipes do campo **sagrado**. Se os santos são mediadores entre o divino e o humano, benzedores e benzedadeiras são mediadores menores, ou seja, hierarquicamente subordinados aos santos. Eles realizam em suas casas um conjunto de práticas que acionam o culto a diferentes santos, de acordo com a especialidade destes. Os rituais de cura sempre acontecem em frente ao altar. Maria Bueno aparece com frequência nos altares das benzedadeiras de Curitiba e, também, de outras cidades do Paraná.

As histórias das benzedadeiras entrevistadas revelam a participação dessa *santa* em suas práticas; dizem elas que Maria Bueno auxilia nos benzimentos: *é ouvida*, aparece em visões, *é incorporada* e, por vezes, são realizadas *simpatias* e *promessas* para ela. As histórias das benzedadeiras permitem compreender diferentes formas de inserção de Maria Bueno no contexto religioso, sendo as variações decorrentes da crença do devoto.

1 Compreendendo magia como a capacidade de manipular objetos simbólicos a fim de produzir transformações no cotidiano. Por exemplo, as benzedadeiras podem realizar benzimentos para uma pessoa encontrar trabalho.

2 Vermes que se instalam nos intestinos.

3 Como são chamados os males vindos pelo olhar do outro.

4 Tipo de ritual em que a benzedeira utiliza um “pano virgem” e linha e agulha; costurando esse paninho sobre a parte afetada do doente vai repetindo: “O que eu coso? Carne rasgada, nervo torcido e osso quebrado”. A costura pode ser oferecida a um ou mais santos.

As benzedadeiras mesclam um conjunto de práticas rituais que compreendem, além de bênçãos, a indicação de ervas e unguentos, *costura*⁴, vidência e adivinhação, práticas que servem como instrumento no diagnóstico da origem da doença e dos infortúnios. Outras formas de evocação de Maria Bueno são praticadas pelas benzedadeiras, sendo a transmissão familiar da devoção pela linha materna apenas uma das formas pelas quais a crença em Maria Bueno difundiu-se pelo interior do Paraná. Vejam-se os exemplos ao lado.

PROF. MEIRE trabalho forte de união abre caminho com Maria Bueno Runas, Tarô. 25 anos de Gazeta F: 3016-2928/ 9821-6367 78592

Não Deixe para Amanhã o que Você pode fazer hoje

Santa Maria Bueno

Trabalha com o poder de Deus a mais de 25 anos no mesmo endereço sem reclamação

NÃO É CENTRO ESPÍRITA

Av. Candido de Abreu

R. INACIO LUSTOSA

Av. Tenda Exotica

Av. BARRIO

Av. PORTUGAL

JOÃO MANOEL

TEJANO REIS

BINQUE DE CAMAS

SANTOS LEME

SHOPPING MULLER

FOTO 2

Uma cartomante de Curitiba, espécie de adivinha que utiliza cartas como oráculo, diz exercer o seu ofício *através de Maria Bueno*. Professora Meire, como ela mesma se denomina, oferece seus *trabalhos espirituais* em panfletos e anúncios no jornal *A Gazeta do Povo*, o mais conhecido do Estado do Paraná.

MEIRE atende jogando tarô e runas, mas esclareceu que não faz *macumbas*, *trabalha na linha católica* e disse tratar os problemas dos consulentes “*junto com Maria Bueno*”, com a qual se comunica por meio de *locução interior* (escuta a voz da *santa*). Ela *combinou* com Maria Bueno que, se a consulente precisasse de sua ajuda, esta apareceria no jogo de tarô como o arcano maior, ou seja, a “*Papisa*”. Quando isso acontece, segundo ela, encomenda-se uma vela especial e se faz uma corrente de oração, que Meire definiu como sendo uma “*corrente forte*”, pedindo a intercessão da *santa*. Essa corrente consiste em um ciclo de orações (por 4 semanas) e leitura do salmo 128, que o cliente e ela devem recitar juntos. Esse ritual, portanto, emprega símbolos do catolicismo (círio), do esoterismo (tarô), além do trabalho mediúnico. A professora Meire não comentou muito sobre sua devoção a Maria Bueno, diz que aprendeu com a mãe e não há imagens da *santa* no espaço onde atende.

PARENTESCO E APRENDIZADO DA BÊNÇÃO

DONA NEOCY, Rio Negro (PR), afirmou ser parente de Maria Bueno; para comprovar, mostrou um documento de sua mãe, Luísa Francisca Bueno Flores, natural de Três Barras. A benzedeira destaca o sobrenome “Bueno” em comum com a *santa*: “essa parte da família era de índio, Maria Bueno era benzedeira”, aprendizado veio por herança familiar. Neocy prepara uma garrafada muito conhecida em Rio Negro: “serve para qualquer doença, principalmente para impotência”. A fórmula foi aprendida, por sua avó, com Maria Bueno que, por sua vez, a ensinou a sua mãe que ensinou à filha.

TÂNIA, Mafra(SC), jovem benzedeira de 36 anos, afirmou ter recebido a revelação de seu *dom* para a cura num encontro que transformou sua vida. Ela caminhava pela praia quando encontrou uma mulher que não se identificou, mas lhe contou tudo que aconteceria em sua vida. Anos mais tarde, na casa de uma amiga, em Curitiba, ela observou a imagem de Maria Bueno sobre um armário e a reconheceu como sendo aquela mulher que lhe fizera várias revelações. Até então, a benzedeira desconhecia Maria Bueno, soube da história de sua morte e sobre a santificação popular. A partir dessa narrativa, Tânia teve certeza de que o encontro, à beira da praia, fora de fato com Maria Bueno, ou melhor, com o *espírito* dela.

Tânia disse que *benze com Maria Bueno*⁵ em situações especiais, principalmente as mulheres. Contou o caso de uma senhora que chegou desesperada a sua casa, por causa da traição do marido. Maria Bueno pediu-lhe que rezasse para ela e essa mulher teve então sua vida transformada, encontrando um marido muito bom e provedor. Segundo Tânia, “Maria Bueno aparece para prostitutas e mulheres traídas” (ver box a seguir). Os serviços de Tânia não são realizados apenas em sua casa: “Eu atendo em todos os lugares onde me chamam, às vezes eu vou às casas das prostitutas e Maria Bueno tá lá (imagem) prá proteção contra os homens”.

Tânia disse que Maria Bueno se tornou *santa* imediatamente após sua morte porque já realizava curas em vida. Assim como Dona Neocy, Tânia afirmou que Maria Bueno foi uma benzedeira conhecida da família de seu sogro (morador do bairro Água Verde, em Curitiba). Na época em que Maria Bueno morreu, as bênçãos eram mais recorrentes e os médicos menos presentes, cada mulher detinha um conjunto de práticas para resolver pequenos problemas familiares ou distúrbios infantis. Aquelas que se destacavam entre os familiares, começavam a ser procuradas pelos vizinhos e a fama se espalhava pela redondeza, credibilizando os fazeres da benzedeira. Em função de suas origens e da época, Maria Bueno provavelmente conheceu algumas rezas e aplicações de ervas, como muitos daquele tempo conheciam.

EVA, Palmas (PR), quando inicia sua oração, entoa: “Salve São Sebastião Santo, São João Maria e Santa Maria Buena⁶”. Há alguns anos fez a promessa de levar vela e flor ao túmulo de Maria Bueno, em Curitiba, e, assim que recebeu a graça, viajou para pagá-la no Cemitério Municipal: “Quando entrei na salinha, escorreu uma água na minha cabeça, lavou todo meu lado direito. A mulher que tava lá disse que eu fui batizada por Maria Buena. Ela é muito abençoada”. Eva interpretou esse episódio como uma legitimação de suas práticas, uma espécie de duplo batizado, católico e umbandista; por meio da água, tornara-se

5 Essa expressão é bastante usada pelas benzedeiras, com isso querem dizer que as curas são realizadas pelos santos, enquanto o benzedor é o mediador que viabiliza a realização da bênção.

6 As benzedeiras do interior usam o sobrenome no feminino: BuenA e não Bueno.

A partir dessa informação de Tânia, foi realizada pesquisa entre garotas de programas em Curitiba, por telefone, envolvendo mulheres que vivem na Rua Riachuelo e imediações. Os números dos telefones foram obtidos nos classificados do jornal “Tribuna do Paraná” e em “cartões de visitas” deixados nos orelhões da cidade como forma de “divulgação dos serviços”. As mulheres dos classificados de jornais foram mais receptivas e deram mais informações, as demais se mostraram desconfiadas, poucas aceitaram conversar e algumas foram agressivas. Aproximadamente 50 mulheres foram contatadas, 38, dos classificados e 12, dos cartões. Desse total, 8 recusaram-se a falar, todas as demais, 42, declararam “conhecer Maria Bueno”, sendo a menção mais comum a lembrança do assassinato “por um homem”. A seguir, alguns dos depoimentos mais significativos: a) Patrícia contou que suas colegas de profissão diziam que era muito “parecida” com Maria Bueno, como ela é de Santa Catarina, não conhecia a santa, nem sua história e, por isto, foi até o túmulo de Maria Bueno no Cemitério Municipal para conhecê-la; chegando lá disse ter se espantado com tamanha semelhança. Contou que, apesar de fazer pedidos e agora frequentar o túmulo para acender velas, pintou o cabelo de louro e deixou-o crescer para evitar o apelido de Maria Bueno: “Agora *tô loira, mas morena sou bem parecida com ela*”. b) A massagista Marli contou que mora em Curitiba há pouco tempo, mas já conhecia a santa desde quando morava no interior. Desde que chegou à cidade, passou a frequentar o

túmulo, contou que quando esteve deprimida, curou-se com uma “graça de Maria Bueno” que foi retribuída com flores e vela. Também pediu emprego para seu filho e foi prontamente atendida. Disse ter em sua casa uma imagem de Maria Bueno, e não a coloca no seu local de trabalho “para não misturar as coisas”. c) A acompanhante Rosana declarou ir ao Cemitério Municipal, no túmulo de Maria Bueno, todas às quartas-feiras; disse que faz todos os tipos de pedido para “Maria Bueno”, e que ela atende a todos. d) A garota de programa Brenda declarou que, apesar de acreditar em Maria Bueno, nunca foi até ao cemitério, pois tem preferência por Nossa Senhora Aparecida: “O cemitério é aqui, mais prefiro ir para Aparecida, *porque é com Nossa Senhora que sou apegada*”. e) Aline, garota de programa, declarou que “quem trabalha na noite” é devota de Maria Bueno porque ela morreu “trabalhando”. Quando perguntado se a santa fora uma prostituta em vida, ela confirma; disse que Maria Bueno trabalhava na noite e por isto foi morta pelo namorado policial que a teria perseguido. Aline disse ter visto imagens de Maria Bueno “em casas noturnas e no terreiro”. f) Giovana, garota de programa, declarou que gostaria de ter uma imagem de Maria Bueno no local em que mora e atende, no centro de Curitiba, mas que “não pega bem”, por isso vai ao cemitério “*ver a estátua grande de Maria Bueno; nessas boates de estrada, tem a Maria Bueno com uma luzinha vermelha acesa*”. g) A acompanhante Marilda diz ser devota porque Maria Bueno é “protetora de todas as *mulheres que vivem dessa maneira*”. Contou

que esteve doente, com uma dor de cabeça que não passava e fez uma promessa: “fiz voto de não cortar o cabelo, já *tô de 8 a 9 meses sem cortar*”; disse que vai continuar sem cortar o cabelo, fazer a oração dedicada a Maria Bueno todos os dias, carregar o santinho e levar velas e flores ao túmulo. Declarou que alguns bares do centro frequentados por “mulheres” têm imagens de Nossa Senhora Aparecida e Maria Bueno, como o Graxaim (Barão do Rio Branco, próximo à Riachuelo) e o “bar da chinesa”, na mesma região; declarou que as frequentadoras solicitaram à “chinesa” a colocação de uma Maria Bueno para proteção. h) A massagista Renata disse que as “casas” têm Maria Bueno: “Mas tem mais Santo Antônio *porque todas querem encontrarr um homem para casar, e Maria Bueno é mais pra proteger dos homens, de confusão*”. i) Mari, massagista, disse que conhece a história de Maria Bueno desde pequena, mas que não imaginava ter uma história “*parecida*” com a dela, envolvendo homens e violência contra mulher. Contou que frequenta o cemitério de Santa Felicidade para deixar flores “que ela gosta”, porque é perto de seu local de trabalho “*qualquer cruzeiro de cemitério é lugar dela*”. As prostitutas de Curitiba, contemporâneas de Maria Bueno, podem ter sido as primeiras a cultuá-la e terem dado origem ao culto, pois o local onde Maria Bueno foi morta era a zona do “baixo meretrício da cidade”, na época; por esse motivo foi realizada a transferência do culto para o Cemitério Municipal, uma das ações de revitalização da região.

simultaneamente afilhada e filha da *santa*. Tal qual a água utilizada nos batizados cristãos, seu *lado direito foi lavado*, indicando a *linha direita* da Umbanda, em oposição à *linha esquerda* (*exu e pombagira*). Dona Eva é umbandista, *filiada à Federação*, por isso a relação que estabelece com Maria Bueno é igual à santa católica; diz que a santa atende a todos os pedidos que faz pelos seus clientes, menos os de militares: “ela não gosta deles, foi morta por um”. Não considera ser possível incorporá-la e jamais viu isso ocorrer, entretanto, Eva recebe caboclo, preto-velho e um baiano.

Cercada por imagens de Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, Sereias, Iemanjá, Caboclos, Negrinho do Pastoreio, São João Maria e, portando, *guias*⁷ no pescoço, Eva evidencia uma religiosidade de fronteiras fluidas, e lamenta não ter uma imagem de Maria Bueno: “minha filha é evangélica, pediu tanto, que eu dei Maria Buena pra ela”, pedido incomum visto que os evangélicos não cultuam imagens.

7 Ver próximo texto.

Esses casos sugerem formas distintas por meio das quais as benzedadeiras se tornaram devotas de Maria Bueno, assim como também é distinta a natureza dos laços que alegam manter com a *santa*, havendo reivindicação de parentesco, transmissão da crença entre mulheres de uma mesma família, revelação e amadrinhamento. A difusão do culto à *santa curitibana* entre as benzedadeiras, e por meio delas em cidades diversas do Estado, parece remeter a um certo regionalismo paranaense que se expressa por meio de um circuito de crença que articula a metrópole ao interior do Estado.

SIMPATIAS E PEDIDOS

Ganham o nome de *simpatia*, rituais com finalidades mágicas que podem ser praticados por não-especialistas, mágicos ou religiosos. Em geral, consiste na manipulação de algum tipo de objeto, **sagrado** ou não, por dias consecutivos, podendo ser, ou não, acompanhado de orações. Nem todas as *simpatias* têm a participação dos santos. São muito populares em todo Brasil, tanto que, muitas vezes, são realizadas de forma tão cotidiana que os executores nem percebem que estão envolvidos em uma atividade ritual com finalidades mágicas.

As simpatias dedicadas a Maria Bueno são parecidas com os rituais de devoção e formulação de pedidos, a diferença é temporal, pois a simpatia normalmente envolve ritos realizados por dias seguidos

e o lugar de realização são os cemitérios. Para os moradores de Curitiba, o túmulo do Municipal é o principal destino, mas muitas pessoas afirmam fazer pedidos em qualquer Cruzeiro de cemitério. Para os devotos do interior, o Cruzeiro das Almas é o lugar de culto a Maria Bueno e o da realização de simpatias.

HELENA, São Mateus do Sul (PR), é ex-benzedeira, disse conhecer uma “simpatia para Maria Bueno encontrar emprego”. A simpatia consiste em fazer o pedido de emprego no Cruzeiro de um cemitério e prometer flores vermelhas e velas para a *santa*, durante três dias consecutivos. Helena diz que realizou a simpatia para seu genro encontrar emprego, no segundo dia foi atendida; ele encontrou o emprego de frentista enquanto estava numa fila de padaria comprando pães: “Não precisou nem procurar, ela enviou para ele”.

CIDA, Irati (PR), mescla saberes tradicionais realizando benzimentos - como a prática conhecida por *derramar cera*⁸, comum na Região em que mora - com saberes mais formais, como mensagens aprendidas em cursos. A estatueta de Maria Bueno fica num altar privado, dentro do quarto da benzedeira e não no altar da sala destinado aos atendimentos. Cida conta que a imagem é fruto de um **ex-voto**: “Eu tive que pedir a ela num caso extremo. Tinha uma pessoa presa, por droga, pedi à mãe para comprar a imagem e trazer. Saiu, comprou a imagem, ele foi salvo, saiu das grades, hoje é pai de família, trabalhador. Maria Bueno é das autoridades e da justiça. Quem tem problemas com a justiça tem que fazer penitência com Santa Maria Buena, levar rosa e vela no cruzeiro”. Destaca que os pedidos podem ser feitos em qualquer cemitério: “Eu pedi e ela me atendeu”.

8 A benzedeira derrete a cera de abelha no fogo, quando entra no estado líquido é passada simbolicamente entorno do consulente, depois é derramada num recipiente com água, pode ser um prato ou uma lata, assim que se solidifica a benzedeira faz uma leitura icônica das formas produzidas.



FOTO 3 | Cida mostra sua estátua de Maria Bueno



FOTO 4 | Altar de Dona Marta

MARIA, Curitiba (PR), mora na Cidade Industrial e é natural de Caçador, em Santa Catarina. Antes de morar na capital, já conhecia Maria Bueno, depois de mudar-se para Curitiba passou a frequentar o túmulo toda segunda-feira, à tarde. É grata à *santa* porque foi através de sua intercessão que conseguiu livrar o filho da prisão. Diz que a desgraça se abateu sobre o filho depois que a ex-mulher o *amarrou com Santa Catarina* e suas próprias bênçãos como benzeadeira não conseguiram *desamarrar e desmanchar o trabalho*. Então, buscou a ajuda de um *médico espiritual*, na cidade de General Carneiro (PR), *que trabalha com Maria Bueno*⁹. Mantivemos contato com ele por telefone, quando ele salientou: “Maria Bueno serve para qualquer quisila”.

MARTHA, São João do Triunfo (PR), é vereadora e devota de Maria Bueno, mas nunca esteve no túmulo dela, em Curitiba. No Dia de Finados, leva flores e velas para a *santa* no Cruzeiro do cemitério local. No altar de Martha, os quadros de pretos-velhos ficam atrás das cortinas; estátuas de Iemanjá e pretos-velhos ficam atrás dos santos católicos e Maria Bueno fica escondida pelos santos oficiais: “junto com o povo da Umbanda”, disse a benzeadeira.

⁹ Trabalhar com espírito, santo ou entidade.



FOTO 5 e 6 | Detalhes do altar de Martha, atrás dos santos católicos, junto às entidades de Umbanda e oferendas.

MÚLTIPLAS FACES

As benzedeiras realizam um enorme conjunto de fazeres mágicos. Entre as práticas, algumas delas remetem ao catolicismo, outras se aproximam do espiritismo e religiões afro-brasileiras. O momento ritual da bênção, em alguns casos, é acompanhado de **locução interior**, prática que a benzedeira descreve como *ouvir* um santo, *guia* ou *entidade* que lhe recomenda *práticas*, ou *remédios*, por meio das quais realiza adivinhações. Há benzedeiras que dizem *receber* Maria Bueno, descrevendo um modelo de **incorporação** mais próximo ao espiritismo, visto que não vem acompanhada de cantos e danças rituais nem mesmo de grandes transformações significativas nos gestos e na voz. Muitas vezes, os consulentes não chegam a perceber a **incorporação**. As benzedeiras usam diferentes termos para falar da *presença* de Maria Bueno; algumas a



FOTO 7 | Dona Victória mostra Maria Bueno, considerada por ela como *espírito de luz*.

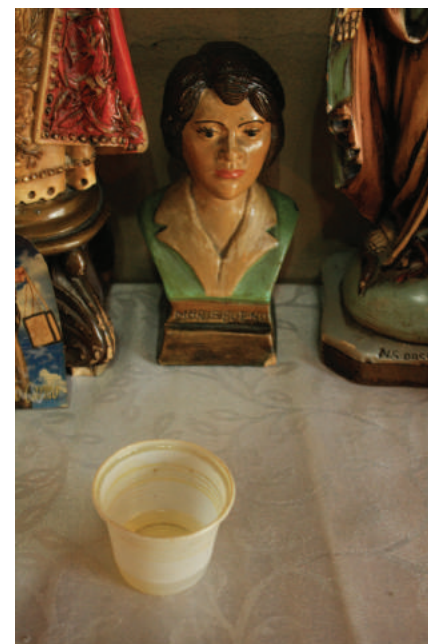


FOTO 8 | À frente de Maria Bueno, o copo com óleo para massagens em crianças.

ela se referem como *santa*, outras como *espírito de luz*. Para Dona Arlete, ela se *apresenta*; Dona Victória diz que a *recebe* e Dona Carmen diz que a *pega*, mas as motivações que mobilizam a *vinda de Maria Bueno* são as mesmas: realizar curas para crianças e mulheres e ajudar em problemas conjugais.

VICTÓRIA TEIXEIRA, União da Vitória (PR), faz uma mistura da benção tradicional, com imposição das mãos, e **incorporação**. Para cada problema, um especialista (*entidade ou espírito*) é *incorporado*. No altar de sua saleta de atendimento, predominam as figuras dos *pretos-velhos*, que na Umbanda são benzedores. Dona Victória conheceu Maria Bueno através do busto que recebeu de um cliente que veio de Curitiba procurar por cura. Depois de colocar Maria Bueno no altar, junto aos outros santos, Victória passou “a receber na parte espiritual, quando é preciso”, ou seja, as **incorporações** são aleatórias, dependendo da necessidade do cliente. No altar, Dona Victória mantém, à frente de Maria Bueno, um copinho plástico com azeite, para usar quando crianças aparecem com *peito aberto*¹⁰; essa patologia infantil é uma especialidade de diagnóstico e de cura das benzedadeiras que realizam massagens e enfaixam os bebês.

Segundo a benzedeira, Maria Bueno foi uma mulher sofredora, por isso ela “*vem para as mocinhas*”, trazendo proteção contra estupradores, auxilia casais com problemas de relacionamento e também tem um papel importante no diagnóstico de doentes: “Quando as pessoas não sabem qual é sua doença, ela vem e eleva na doença da pessoa”, ou seja, diz qual é a doença. Na classificação de Dona Victória, Maria Bueno é um “espírito iluminado, é de Iemanjá, a luz é azul, é da água”.

DONA CARMEN, Palmas(PR), dedica grande parte de seu altar a Maria Bueno: a pequena estatueta em forma de busto está cercada de flores vermelhas, perfumes, junto a galhos de arruda. No quarto da benzedeira, Maria Bueno está na penteadeira cercada de perfumes, pois segundo Dona Carmen, essa é a preferência dela: “O que ela gosta é de ganhar perfume. Espirro perfume assim num pires em frente a ela e o cheiro some imediatamente”.

Os perfumes são oferecidos para a realização de pedidos de clientes; estes devem trazer dois perfumes que são benzidos, um é levado para ser usado, o outro é colocado em torno de Maria Bueno, no altar: “Cada um traz o perfume que gosta, cada um tem seu sabor. Aí eu faço a novena todo dia com o nome”.



FOTO 9 | Altar de Dona Carmen, Maria Bueno cercada de perfumes.

10 Diagnóstico a partir de choros e intensos identificado como afastamento do osso peitoral.

O espaço ocupado pela *santa* no altar de Dona Carmen é proporcional às funções e especialidades de Maria Bueno nos rituais e, de acordo com a benzedeira, tem *guia de médico*¹¹, ou seja, na *linha*¹² de cura da Umbanda: “a oração dela é realizada para cura”. Essas características explicariam a presença de Maria Bueno entre as benzedeiras que consideram como sua principal atividade a de curar. Mas também a sua história de vida é acionada para explicar outras especialidades: “Ela ajuda os casais quebrados; a única coisa que ela gosta é de ver os casais unidos; ajuda as crianças enfermas e os jovens sem sorte; só pra polícia que ela não desce, a gente chama e ela não vem”. Para quem conhece a história provável de Maria Bueno, é fácil identificar as relações entre as especialidades e a hagiografia, a aparente vida “sem sorte”, o assassinato pelo companheiro militar, e as crianças que remontam à figura da mãe, papel que Maria Bueno não chegou a exercer em função da morte precoce. Dona Carmen explica a sua relação com Maria Bueno no espiritismo: “Eu pego ela no Kardequista, Allan Kardec. Trabalhado desde os meus 23 anos”. Nas visitas ao túmulo de Maria Bueno, *ouve*, por meio de **locução interior**, a voz dela, orientando-a a nunca deixar de *fazer o bem* e continuar a curar com bastante fé: “tudo que eu pedi a ela, eu ganhei”. Para chamar Maria Bueno, Dona Carmen fecha os olhos; segundos depois, a voz da senhora, de quase 90 anos, transforma-se numa voz aveludada com um timbre agudo, algumas características do falar da benzedeira desaparecem, os olhos permanecem fechados, enquanto a benzedeira segura a mão de duas consulentes e do filho de uma delas. Na oração de Dona Carmen, quando incorporada de Maria Bueno, notam-se elementos semelhantes a outras incorporações, como veremos no texto seguinte: muitas menções a Jesus Cristo, à capacidade de curar, a referência às flores.

11 Ver próximo texto.

12 Idem.



FOTO 10 | Maria Bueno na penteadeira de Dona Carmen.

*“Meu Deus, Meu Pai, eu vou pedir tuas
 forças divinas.
 Aos pés do mestre pai, oh pai a tua fortale-
 za, todas as forças divinas
 para eu fazer o bem sem olhar a quem.
 (Eu vou chamar Maria Bueno, que a Senhora tem
 curiosismo de conhecer, eu vou chamar e ela vai
 trabalhar pra Senhora ver¹³)
 Me solte, pai, eu vou pedir as graças e a
 proteção que provam de Maria Bueno.
 Aqui tem as crianças. Que a Senhora me
 solte as forças do bem, de Jesus,
 de Maria Bueno e do Pai Eterno.
 Eu te recebo de braços abertos.
 (Mão à testa, acompanhada de um longo
 suspiro, em seguida trança a mão com as mulheres,
 e já **incorporada**, continua a reza)
 Ave Maria cheia de graça Senhor é convosco.
 bendito o fruto do vosso ventre, Jesus.
 Santa Maria Mãe de Deus rogai por nós
 pecadores agora e na hora da nossa morte. Amém.
 Meu Deus, meu Pai, me traz a tua força,
 luz e proteção, as forças dadas por Deus.
 Que os perfumes das flores lá do meu
 túmulo possam fazer maravilhas.
 Que eu possa derramar esse incenso santo
 no caminho de vós,
 na mente, no cérebro, na carne, no sangue.*

*Nas crianças, curai, todos os inocentes.
 Meu Deus, meu Pai, como o Senhor me deu
 força de eu voltar a fazer o bem,
 que eu recebi na madrugada da traição, 17
 facadas do fardado.
 E Deus me deu a luz de eu voltar na terra,
 estender minhas mãos de caridade,
 unindo os casais,
 unindo as famílias.
 Unindo esse anjo que tá dentro da barriga,
 que seja **consagrado**,
 que venha com a saúde, com paz.
 Este outro que tá aqui presente pedindo
 curas divinas, que nada de mal aconteça para estas
 crianças, na vida inteira, nem no nascimento, nem
 no crescer, nem no estudar, nem no viver, que Deus
 abençoe e consagre com a mão do Espírito Santo,
 trazendo a força Divina, mas a doada por Deus.
 Que os lírios do meu túmulo possam
 derramar
 todo o perfume das rosas, da flor,
 curando e tirando a dor, trazendo amor no
 coração de cada um,
 trazendo as curas e as libertações.
 Que Jesus cura e liberta (com a voz ainda
 mais fina),
 tirará todas as cargas pesadas, os olhos-
 grandes, a inveja e a maldade.*

*Abençoa os jovens , cura, defende das
drogas e da maldade, dos maus vícios, das más
bebidas, da doença, da enfermidade,
dos enrabo de saia que atrapalham
a vida do ser humano.
Cure todos os jovens e as jovens,
que nada de mau na sua vida aconteça.
Porque eu pensava que eu não era pessoa
de bem e eu recebi essas facadas pela minha honra,
pela minha capacidade,
que esse fardado achava que eu não era uma pessoa
honrada, não conseguiu tirar a minha honra e eu
levei junto comigo para o túmulo.
Hoje eu agradeço e explico pros jovens e
pras jovens, que sabem,
que conhecem as força de Deus, que sintam
o amor de Deus e não se entreguem pela maldade,
não se entreguem pela maldade,
não se entreguem pelo mal,
porque a pessoa é de Deus.
Eu derramei meu sangue na terra,
mas não deixei minha honra suja, cheguei aos pés
do mestre.
Hoje eu recebo essa honra de poder curar e
libertar todos os fracos, todos os oprimidos,
todos os abandonados. Todos aqueles que
precisam da minha voz, da minha força.*

*Eu estou aqui estendendo a minha mão,
estendendo a minha mão, derramando meus
bálsamos de cura e a libertação que cura e liberta.
Mas tem que ter confiança nos pedidos, rezar e
pedir, não só pedir.
Porque tem que ir buscar, se não for
buscar, não vem,
porque as coisas do vento da maldade, elas
chegam de vereda.
Mas as coisas de Deus, elas custam, ele
chega devagar, para fazer a pessoa sentir na pele,
o que está sentindo e rezar e buscar as
forças ordenadas.
Que Jesus abençoe-vos e derrame as
bênçãos divina lá do alto, que eu desci,
eu vou voltar, abençoe vós, abençoando
esta sala, estas pessoas, que faça esta maravilha,
que cure, liberdade, mal e mal um Pai Nosso,
perdoando, chegando aos pés do mestre, chegando
aos pés do Pai.
Que Deus abençoe vocês e ungue com o
manto sagrado.
Nossa Senhora abençoa e proteja e guie a
mãe.*

(Repete o gesto inicial)

Pai, Filho e Espírito Santo.



FOTO 11 | Reflexo de Dona Carmen na
imagem de Maria Bueno



FOTO 12 | Dona Arlete entre a estátua e a gravura de Maria Bueno

DONA ARLETE, Guarapuava (PR), foi quem pintou a estatueta de Maria Bueno que fica dentro do seu oratório: “ela tava muito apagada, daí eu pinteí ela”. Na parede vê-se um retrato emoldurado de Maria Bueno que ela comprou numa loja, na Rodoviária da cidade: “depois que eu comprei a fotografia, ela passou a se apresentar no benzimento, ela explica a história dela. Ensina remédio. Vem quando tem gente que quer ficar grávida. Conta que sofreu na vida. A gente não se manda, ela vem de acordo com a necessidade da pessoa. Fui no túmulo, num dia chuvoso, fim de tarde, levar flores e a foto do meu piá que tem problema. Lá recebi orientações e ganhei uma alma poderosa”.

IMAGEM EFICAZ

14 CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os Santos podem fazer pela antropologia. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200010&script=sci_arttext

Esses relatos evidenciam e sintetizam como são construídas as relações com os santos. Oscar Calavia Sáez¹⁴ considera essa relação como horizontal, ou seja, de igualdade. Nesse caso, podemos facilmente substituir o termo “devocional” por “relacional”, conforme sugere o antropólogo. Entre as benzedeadas, é comum esse entendimento, por se considerarem portadoras de um dom que as torna especialmente próximas ao **universo sagrado** e que as faz capazes de interferir na realidade de forma **mágica**. Intervenção que realizam por meio dos santos, *guias* ou *espíritos* invocando-os por meio da palavra, de gestos e da manipulação de objetos. O poder da benzedeadora, tal qual o dos santos/*entidades* ou *espíritos* é de intercessão. Portanto, a exemplo destes, o poder das benzedeadas se legitima num contexto de **trocas** e sua reputação se afirma na medida em que as curas que realizam se difundem por meio do testemunho de seus clientes.

O fato de grande parte das benzedeadas entrevistadas serem moradoras do interior do Paraná, sugere que o culto a Maria Bueno adquiriu um enraizamento social mais amplo do que demonstra a romaria do Dia de Finados ao seu túmulo, na Capital. O contato imagético, através da circulação e consumo das imagens, é a principal forma de difusão do culto a Maria Bueno no interior do Estado, sendo que, nesse

contexto, é o espaço doméstico o principal lugar de culto. Nos altares onde essas imagens – fotografias e estatuetas – estão instaladas, diversos são os arranjos estéticos que organizam as significações atribuídas a Maria Bueno, segundo o repertório religioso de cada benzedeira.

Entre as benzedeadas entrevistadas, há alguns elementos comuns no que se refere à relação que dizem manter com Maria Bueno: a) a percepção da imagem como objeto de poder, que por uma relação **mágica** - nos termos de Mauss - confere algum poder à benzedeira; b) as especialidades atribuídas a Maria Bueno pelas benzedeadas têm relação com certos elementos de sua história de morte, bem como de sua vida; c) há sugestão do caráter hereditário – real ou simbólico – no exercício da função de benzedeira, sendo que algumas entrevistadas afirmam ter sido a própria Maria Bueno, uma benzedeira.

Como essas práticas são individuais e domiciliares, as atribuições simbólicas são construídas a partir de repertórios pessoais, o que faz da instrumentalização do poder da *santa* um ritual único, próprio a cada benzedeira. O lugar que cada benzedeira confere à imagem de Maria Bueno, nos seus altares domésticos, sugere formas distintas de representação de seu lugar no **campo do sagrado**.

Como ilustração, sugerimos as reflexões de Alain Besançon¹⁵: “Ora, a imagem edifica o fiel. Ela toca sua inteligência, sua memória, sua afetividade, sua *compotio*. Ela inflama piedade. Orienta as paixões para as virtudes. Persuade, instrui, comove e agrada. É, portanto, retórica no sentido mais intenso e tradicional”.

Se a imagem é um elemento constitutivo da devoção, capaz de torná-la visível aos outros, a escolha do lugar onde ela é instalada explicita padrões de **sociabilidade**. A distribuição dos santos pelos cômodos da casa obedece a regras que marcam graus distintos de intimidade. Segundo as benzedeadas, os santos preferidos e de proteção devem permanecer mais próximos. É o caso de imagens como a de Maria Bueno encontrada na área privada da casa, muitas vezes sobre a penteadeira onde não ocupam uma função ritual mas de proteção, selada em termos de laço de afeto. É o caso da benzedeira Cida que mantém a imagem de Maria Bueno no altar de seu quarto, e também do benzedor João Maria que mantém o busto de Maria Bueno no quarto, em cima da penteadeira, explicando: “Eu preciso me proteger, tenho os que ficam na sala pra benzer o povo e os que estão no quarto pra proteção”.

As benzedeadas Carmen e Arlete, que dizem *trabalhar* ou *receber* Maria Bueno, têm a imagem impressa, bem como uma estatueta de Maria Bueno em seus altares. Dona Carmen guarda o porta-retrato com imagem de Maria Bueno na penteadeira, cercado de artigos de perfumaria, assim como no altar. Embora

15 BESANÇON, Alain. A arte e o cristianismo, in *Imagem e Conhecimento*/ Annateresa Fabris e Maria Lúcia Bastos Kern (org.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

apenas Dona Victória tenha sugerido uma aproximação a Yemanjá, em função da cor azul, a recorrência com que a imagem de Maria Bueno fica às voltas com os perfumes, traz uma identificação com as oferendas de Oxum e Yemanjá no Candomblé e às *pombagiras* na Umbanda, entidades associadas às substâncias cheirosas dadas como presente. No entanto, a benzedeira Martha é a única a afirmar que: “Maria Bueno está junto com o povo da Umbanda”, não junto aos santos católicos (como observamos nas fotos 5 e 6).

O poder conferido a essas imagens é mágico no sentido “metafórico-metonímico” enunciado pelo antropólogo Edmund Leach¹⁶: “Enquanto metonímia implica contiguidade, a metáfora depende da semelhança assumida”, pois Maria Bueno, sua proteção e seus poderes são materializados nas imagens quando atuam junto às benzedeiras. “No entanto, sempre que se faz a representação material da idéia de divindade e se utiliza um objeto, um *ligam*, uma cruz, um altar, um ídolo, uma relíquia, um livro **sagrado**, um templo, dão-se transformações metafórico-metonímicas”.

Enquanto é conferido poder às imagens, a hagiografia cumpre o papel de apresentar as especialidades dos santos, apropriadas pelos devotos segundo o contexto e/ou sua filiação religiosa. Como salientamos sobre a devoção das prostitutas, estas consideram Maria Bueno como protetora devido à analogia que estabelecem entre a sua experiência pessoal e a biografia da *santa*, destacando-se a convivência com a violência masculina.

Os laços observados entre Maria Bueno e as benzedeiras, por sua vez, sugerem, como afirma Renata Menezes¹⁷, que “em torno de um santo é construído um repertório de atributos ou um fundo de representações passível de ser combinado de diferentes formas”, assim, as benzedeiras acionam esse repertório diferentemente dos demais devotos, ao particularizarem uma de suas funções, em especial, a prática de cura.

16 LEACH, Edmund. Cultura e Comunicação. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1976.

17 MENEZES, Renata - *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidades e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.



SANTA OU ENTIDADE?
MARIA BUENO NO
CAMPO MEDIÚNICO

Vanessa Durando

Alle mål i mm

1976.02.26 LS
1981.04.13 LS

Maskinstue - arrang
plan, snit

ODENSE KONSERVESFABRIK

BRANDERENT
Gram A/S

760223 LS

1:50

82 3103 0011



MARIA BUENO NO CONGÁ

No documentário “Prá ver a Umbanda passar”¹, resultado de uma pesquisa que teve como objetivo o mapeamento dos *terreiros* de Umbanda em Curitiba, a imagem da Maria Bueno aparece em alguns altares, o *congá* como são chamados na Umbanda. Além de imagens (estatuetas, santinhos, chaveiros, ímãs, pingentes) que retratam a *santa*, à venda em lojas que comercializam artigos religiosos afro-brasileiros, o fato de se ter encontrado, no túmulo de Maria Bueno, no cemitério municipal de Curitiba, doces e velas coloridas, é um indicador de que o culto a Maria Bueno se estende para além do campo católico.



FOTO 1 | O meio-busto da *santa* aparece coroadado com flores na segunda prateleira, ao lado direito de São Cosme e São Damião, no congá do Centro de Umbanda da Mãe Benedita.

A foto ao lado, tirada no Centro de Umbanda da Mãe Benedita, mostra a imagem de Maria Bueno alocada entre estatuetas que representam *pretos-velhos*, *caboclos* e outras *entidades* da Umbanda.

Queremos aqui entender a posição que Maria Bueno ocupa em relação a outros santos e *entidades*, isto é, qual é o lugar que lhe atribuem os devotos no panteão umbandista e como estes exercem a devoção. Também registramos, através de depoimentos de agentes desse campo religioso, como Maria Bueno participa do ritual umbandista, questões que podemos começar a analisar por meio da observação da alocação de sua imagem nos *congás*.

O trabalho de pesquisa que originou o documentário “Prá ver a Umbanda passar”, conduzido por Luciana de Moraes, em 2006, revelou a presença de 83 *terreiros* oficiais em Curitiba. Segundo artigo da Gazeta do Povo (2010), porém; pesquisas realizadas pelo CEBRAS (Conselho Mediúnico do Brasil) apontam a existência de um número muito maior na cidade; o diretor

1 “Baseado na pesquisa da socióloga Luciana Patrícia de Moraes, “Prá ver a Umbanda passar: do esquecimento à lembrança” – levantamento e mapeamento dos *terreiros* umbandistas em Curitiba, teve por objetivo contribuir para o registro da “memória cultural da cidade”. Esse documentário acompanha o trabalho de oito centros umbandistas de Curitiba, retratando suas diferenças, identidades e um pouco da história de vida dos seus líderes. Dirigido por Luciano Coelho e Marcelo Munhoz. 2007” (www.olhovivo.hdfree.com.br).



FOTO 2 | Detalhe: imagem Maria Bueno.

da instituição, Jayro Pereira Jesus, em 2008, declarou existirem seis mil centros de Umbanda em Curitiba. O descompasso entre os dados é significativo e pode ser explicado, em parte, pelo fato de haver resistência, por parte dos devotos, em assumir publicamente a crença. Ocultar o pertencimento à religião afro-brasileira (Umbanda ou Candomblé) é uma estratégia para se contornar o preconceito em relação às suas práticas. A informalidade de muitos *terreiros*, isto é, sua não-oficialidade, obedece à mesma lógica, contribuindo para a invisibilidade pública desses espaços religiosos. Muitos centros de Umbanda, de fato, funcionam nas residências dos próprios pais de santo, sem qualquer forma de publicidade.

Por essas razões, encontramos dificuldade em mapear os devotos que cultuam Maria Bueno nessa vertente religiosa. Na capela do cemitério municipal da cidade, como já mencionado, há por vezes vestígios de rituais afro-brasileiros, mas raramente foram aqueles no local que se declararam umbandistas. Portanto, o documentário mencionado foi o ponto de partida da pesquisa de campo realizada e dados complementados com pesquisa na internet.

Os centros de Umbanda são encontrados em diversos bairros da cidade. Entrevistamos alguns pais/mães de santo cujos relatos constituem um importante registro do culto a Maria Bueno no meio umbandista. Considerada *santa* pelos católicos, Maria Bueno figura aqui como *entidade*, participando mediunicamente dos rituais como se pode observar nos relatos que seguem.

Descreveremos a seguir algumas das principais características dessa religião que, apesar de não ter uma autoridade centralizada, possui cosmologia e doutrina compartilhada (que os devotos chamam de *fundamentos*). Segundo José Guilherme Magnani, a Umbanda é uma religião sincrética, surgida nos anos 30 do século passado, a partir da combinação de símbolos, práticas e elementos doutrinários de matriz espírita, católica e do Candomblé. O culto da possessão, que aqui implica na existência e possibilidade de comunicação e intervenção entre os vivos e os mortos, conhecidos como *entidade* ou *guias*, é conceito central na Umbanda. As *entidades* que

compõem o panteão umbandista são agrupadas por *linhas*, ordenadas hierarquicamente. Dependendo das características específicas que lhes são atribuídas, as *entidades* são aglutinadas em torno de diferentes *Orixás*, sincretizados com os santos católicos (Oxossi/São Sebastião; Ogum/São Jorge; Iemanjá/Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora Aparecida etc.); são considerados *chefes de linha* ou *matrizes vibracionais* relacionadas a elementos da natureza: Oxossi/mata; Ogum/metais; Iemanjá/água do mar etc. Os *Orixás*, na Umbanda, não são objeto de *incorporação*, isto é, manifestação por meio de possessão, somente as *entidades*

atuam ritualisticamente. Estas são chamadas a se manifestar por meio do corpo/voz de mediadores humanos, os *médiuns*. O *chamamento* é feito por meio de música (palmas, tambores ou atabaques e cantos próprios a cada *entidade*, chamados *pontos cantados*); os *médiuns* recebem os *guias* quando se encontram em *transe*. Os *guias* mais comuns e característicos nos rituais de Umbanda são os *caboclos*, *pretos-velhos*, *ibejins*, *exus* e *pombagiras*. Eles se manifestam por meio de posturas corporais e comportamentos considerados próprios a cada *entidade*, tendo cada qual função ritual específica. Os *caboclos* vinculam-se, dentre outras, às linhas de Oxossi e Ogum, ocupando-se principalmente

TENDA DE UMBANDA VÓ CAMBINDA

Paulo² nos conta da devoção de sua mãe, Valdéria, já falecida. Ela foi *mãe de santo*, *mentora espiritual* da Tenda Vó Cambinda, e *recebia* Maria Bueno. Na época, Paulo era criança, ele nos aconselhou a entrevistar sua irmã mais velha, Sandra³, que auxiliava nos *trabalhos* espirituais. Dona Valdéria era *médium inconsciente*, precisava de uma pessoa que a ajudasse, Sandra então foi sua *cambona* durante o tempo no qual *incorporou*, de 1968 até 1991. Ela, com nove anos, testemunhou a primeira manifestação mediúnica de Maria Bueno através de sua mãe. Conta-nos ela:

2 47 anos, comentarista esportivo.

3 51 anos, dona de casa.

[Paulo] devia ter uns três aninhos a primeira vez que ela (Maria Bueno) se apresentou, inclusive um fato bem interessante foi que a minha mãe ficou muito doente. Até hoje não sabemos o que deu na minha mãe. Eu sei que a minha mãe ficou entre a vida e a morte, esmorecida na cama, não se tinha mais o que fazer. Foi dito que ia ser o final dela, que o coração já estava parando (...) me lembro que minha mãe estava deitada em uma cama de solteiro, fiquei assim de lado, peguei na mão dela e ele (Paulo) pegou na mão da minha mãe, (...) foi aí (...) a primeira vez que nós começamos a sentir aquele cheiro de rosa, rosa, rosa, aquele orvalho, aquela coisa geladinha dentro do quarto. Eu não entendia (mas) foi ali que ela (Maria Bueno) se apresentou *incorporando* na minha mãe. Aí ela *incorporou*, se apresentou e disse que veio por

de curas, limpezas espirituais, proteção e *abertura de caminhos*, atuando de forma mais vigorosa no *terreiro* (as entidades da linha de Ogum, de modo geral, se apresentam como guerreiros: eles saúdam batendo a mão no peito, os *médiuns* que os *incorporam* assumem expressão séria ou brava). Os *pretos-velhos*, por sua vez, *espíritos* tidos como ex-escravos africanos, trabalham principalmente com benzimentos, podendo se ocupar de trabalhos de magia, *quebrando feitiços* e preparando *patuás* (objetos para *proteção* dados aos consulentes). Sua função é ensinar a humildade, atribui-se-lhes *sabedoria* em função da idade avançada, por isso os *médiuns* que

os *incorporam* assumem postura arcada e se movimentam lentamente. Os *ibejins* são *espíritos* de crianças, representam a pureza, enquanto os *exus* e *pombagiras* (*entidades* respectivamente masculinas e femininas) são aqueles que se ocupam das *demandas* (como são chamados os feitiços na Umbanda) e, em alguns casos, das *limpezas energéticas* mais profundas. Tidos como os *espíritos* mais próximos do *plano material*, estes últimos são considerados responsáveis pela viabilização do ritual, tendo função de *guardiães* e *mediadores*.

Este conjunto de *espíritos* é ordenado hierarquicamente segundo dois parâmetros que

os devotos definem como: *suave*, isto é, *mais evoluído* espiritualmente, *versus denso*, isto é, *menos evoluído*. A partir dessa polarização, são ordenadas as *linhas*, as *entidades* e o trabalho ritual. No topo da hierarquia se encontram os *espíritos mais leves*, ligados à *linha* de Oxalá (sincretizado com Jesus Cristo), seguidos pelos *pretos-velhos*, *caboclos* e *crianças*. Esse grupo de *entidades* constitui as *linhas* definidas como *branca* ou *linha da direita*, enquanto os *exus* e *pombagiras*, *espíritos* tidos como *mais pesados*, compõem a *linha* de Quimbanda ou *de esquerda*.

Magnani escreve que “o caráter aberto desta estrutura permite a inclusão de entidades,

uma razão só: pelo amor daquele anjo que estava aí, que era o Paulo. Porque o desespero dele foi tanto, tão grande quando ele viu a manzinha dele... ficou tão desesperado, ele chorava tanto, tanto, tanto e disse que ele pedia demais, depois ela relatando, e foi pelo amor dele que ela ganhou a permissão de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo para se apresentar e ajudar a minha mãe (...)

Sandra prossegue contando que, nessa ocasião, Maria Bueno curou sua mãe e anunciou a forma como, daí em diante, passaria a atuar. Explicou que “não viria caso fosse chamada, mas somente quando recebesse permissão de Jesus, somente para fazer curas em casos muito sérios de saúde”. Isso poderia ocorrer dentro ou fora do *terreiro*. Segundo o relato do Paulo, durante o ritual da Umbanda, isto ocorria depois do *trabalho da linha de preto-velho*, pouco antes do encerramento do ritual. Vó Cambinda, *mentora da casa*, *subia* anunciando a *chegada da moça*, marcada por atitudes e palavras específicas:

Ela esfregava as mãos assim, virava prá gente e dizia “que a paz do senhor esteja convosco”. Esse era o “cartão de visita” da Maria Bueno. A gente sabia que era a Maria Bueno, a *entidade* Maria Bueno que estava ali no *terreiro* (...) a voz dela, parecia uma coisa angelical, celestial.

de acordo com os mais variados critérios”, por essa razão, os rituais umbandistas variam em contextos diversos. Em muitos *terreiros*, por exemplo, encontra-se, além das *linhas* tradicionais, a chamada *linha de Oriente*. No contexto em que pesquisamos, esta é constituída por *espíritos* que, acredita-se, serem oriundos de países orientais (Mongólia, Índia, Egito, países árabes etc.) e sua única função é a cura. Dessa *linha* participam, em alguns rituais, *espíritos* de médicos conhecidos em centros de *mesa branca* (designação popular de centro espírita). Dentre essas *entidades*, destacam-se no contexto desta pesquisa: Dr. Leocádio Correia, Dr. Fritz e Dr.

Bezerra de Menezes. A *linha de Oriente* é tida, hoje, como a *mais suave* dentre todas as outras, ocupando, portanto, depois de Oxalá, o topo da hierarquia evolutiva dos espíritos. Essa *linha* se diferencia ritualisticamente das demais, porque as *entidades* que a constituem não são evocadas por meio de palmas ou tambores, elas atuam num contexto ritual de silêncio.

A finalidade da *incorporação* desse conjunto de *entidades* durante os rituais é *trabalhar*, isto é, atender os consulentes. Os *guias*, com exceção das *entidades* da *linha de Oriente*, usam materiais específicos. *Riscam o ponto*, isto é, desenham figuras geométricas sobre tábuas

de madeira para *selar* sua presença no *terreiro* e efetuam seus trabalhos auxiliados por *cambones* (*médiuns* não-incorporados). Tábuas, *pembas*, isto é, o giz usado para escrever, assim como velas, ervas, bebidas, alimentos, charutos são os objetos rituais. O culto se pratica também fora do *terreiro*, fazendo-se oferendas e *despachos*, práticas fundamentais de devoção aos *guias*. Os adeptos acreditam que as *entidades* recebam materiais e usem sua *energia* (*axé*) para auxiliá-los.

Espalhando cheiro de rosa e orvalho no *terreiro* durante e *incorporação*, segundo contam os filhos de Dona Valdéria, ela tinha uma atitude suave, ficava de olhos sempre fechados, de pé; falava pausadamente, por metáforas. Na lembrança de Sandra “(...) pedia água para fluir e daí ela vinha, ela dava passes, ela falava sempre um trecho da Bíblia, uma parábola de Jesus, uma mensagem de Jesus, de paz, falava de guerras futuras, ela previa ...”. Preparava espiritualmente as pessoas que iriam passar por uma perda familiar e, em casos de doenças graves, passava pétalas de rosa embebidas na água sobre a pele das pessoas e prescrevia remédios homeopáticos. O fato de sua atuação no *terreiro* não envolver o uso de objetos e atitudes corporais próprias da Umbanda (uso de *pontos riscados* e cantados, bebidas alcoólicas e tabaco) fazia com que o ritual se transformasse. No momento de sua *descida*, segundo o Paulo, “tudo silenciava”. O filho de Dona Valdéria identifica o *trabalho* feito por Maria Bueno na Umbanda como da *linha branca*, mais especificamente da *linha de oriente*. A função de cura, alega Sandra, foi marcada desde sua primeira aparição, quando se manifestou na mãe doente. Maria Bueno se dizia acompanhada por *médicos espirituais*, alguns deles bastante conhecidos no meio espírita, como Dr. Leocádio Correia e Dr. Bezerra de Menezes. “Ela sempre dizia que tinha uma equipe”, comenta Sandra, “nunca estava sozinha e citava os nomes dos médicos”.

Antes de *desincorporar*, conforme lembram os dois irmãos, Maria Bueno se despedia com a seguinte frase: “Aqui me despeço como uma pequenina flor aos pés de Jesus Cristo, Maria da Conceição Bueno”.

Segundo Sandra, Maria Bueno *incorporava* também fora do *terreiro*. Ela lembra que, no final dos anos 80, quando Dona Valdéria estava doente e não podia ficar em pé, ela *recebia* sentada. Maria Bueno “dava mensagem, o *passe* e ia embora”. Quando parou de *incorporar*, segundo a filha, a *médium* continuou conversando com ela por meio da vidência, até seu falecimento.

Dona Valdéria conheceu a história da Maria Bueno através do rádio e se tornou devota ao longo das *incorporações*. Ela mandava com frequência a filha ao cemitério municipal para levar flores (rosas brancas e vermelhas), pedindo saúde para si. Também fazia pedidos e orações diante da imagem de Maria Bueno, que segundo seus filhos, estava também no *congá*. Era um meio busto, onde ela aparecia com um traje azul. Na lembrança de Sandra, sua imagem ficava situada “meio do lado da *preta-velha* (...) meio perto de Iemanjá (...) era uma coisa assim (...) estava meio perto de Iemanjá e dos *pretos-velhos* (...) nunca tinha imagem da (*linha de*) *esquerda*... ficava naquele ladinho aí dos *pretos-velhos*... e Iemanjá”.

Também a filha de Dona Valdéria, Sandra, se tornou devota de Maria Bueno. Ela reza e “sabe” que é



FOTO 3 | Tenda de Umbanda Oriental, Ylê Asé Yíatogun – ex-Centro Espírita Maria Bueno

atendida, mas não vai ao cemitério porque não gosta. Sandra plantou uma roseira no jardim em troca do pedido de ajuda durante a fase na qual atendeu a mãe doente, no último período da vida desta. A roseira, ainda hoje, segundo Sandra, “é da Maria Bueno”.

CENTRO ESPÍRITA MARIA BUENO

Alguns anos antes de Dona Valdéria começar a *incorporar* Maria Bueno, foi inaugurado, em Curitiba, o Centro Espírita Maria Bueno (1956). Foi através da internet que obtivemos essa informação. Os trabalhos espirituais eram conduzidos por Dona Anita, já falecida. Quem escreveu a mensagem na internet foi seu neto, Jefferson:

Postagem no blog <http://blogdojefs.blogspot.com>: (...) após sua coroação (dona Anita) acabou abrindo o Centro Espírita Maria Bueno com seu marido, Turíbio Machado, no bairro do Cajuru, em 1956, hoje o local seria próximo ao Centro Politécnico. Direcionou as atividades mediúnicas com grande influência do Espiritismo de Kardec. O Centro Espírita Maria Bueno tinha reuniões para discussão da filosofia espírita, sessões de *descarrego*, doutrinação de espíritos e demais atividades de *mesa branca*, inclusive *cirurgias espirituais*. Mas existindo uma necessidade não atendida pelo Espiritismo, reiniciou o desenvolvimento da Umbanda, mas sem mudar o nome, pois naquela época a religião umbandista era perseguida e proibida. (...) *Postado por Jefferson Gimenez às 13:49, sábado, 8 de março de 2008.*

Em uma entrevista realizada na Tenda de Umbanda Oriental, Ylê Asé Yíátogun — atual nome do antigo Centro Espírita Maria Bueno—Maria Helena (atual mãe de santo do *terreiro*, mãe de Jefferson) contou que sua mãe (Dona Anita) *incorporava* o espírito Maria Bueno:

Ela tinha muita fé. Mas quando ela (Dona Anita) *recebia* Maria Bueno, ela nem era considerada santa ainda. Ela (Maria Bueno) era *entidade*. Ela vinha benzer o pessoal antes do Doutor Leocádio. Ela vinha, benzia todo mundo, dava o *passe* em todo mundo, daí que o Doutor Leocádio vinha. Mas, primeiro era ela. Eu sempre tive uma fé muito grande nela, tanto que eu já consegui graças. Muitos aqui... tanto quando o Dr. Leocádio, atendiam quando era uma coisa assim de doença e ele via que não havia possibilidade da pessoa ter cura, ele mandava ir lá ao túmulo, fazer novena. Aonde muitas pessoas, graças a Deus, conseguiram a graça através dela, do Dr. Leocádio. Geralmente quando trata de saúde... manda fazer novena pra Maria Bueno. O Bezerra de Menezes também. Os *pretos-velhos* mandam. (...) Teve uma menina que o Dr. Leocádio atendeu. Ela não ia nem sobreviver. Acho que era problema no coração. E ela já tava desenganada pelos médicos. A mãe dela a trouxe... Ela era bem pequenininha. Tanto que Dr. Leocádio mudou o nome dela... pôs o nome dela de Rosinha, era a Rosinha dele. Ele a mandou ir várias vezes ao cemitério fazer novena, levar uma fita, e ela se curou através de Maria Bueno e do Dr. Leocádio, através dos dois, não só dela. Tudo que tinha a ver com doença ele mandava entregar lá. Mandava fazer novena, fita, mandava levar uma rosa pra Maria Bueno.

São muitos os casos de cura atribuídos a Maria Bueno. Nesse, em especial, fala-se da colaboração do Dr. Leocádio que teria encaminhado a criança enferma aos cuidados da *santa*. Eis um exemplo de complementaridade entre sistemas de cura: quando os *médicos da terra* dizem que não há o que fazer, os *médicos do plano espiritual* encaminham para a *santa*; são relatos de curas milagrosas como o da menina Rosinha, há muitos, em geral, histórias que correm de boca em boca, difundindo a devoção em Maria Bueno em diferentes círculos sociais e religiosos.

Hoje, nesse *terreiro*, nenhum médium *recebe* Maria Bueno. Nas palavras de Jefferson, ela “parou de vir”. Sua “ausência” nas sessões mediúnicas seria um indício, segundo ele, de que ela teria ascendido espiritualmente. Conta Jefferson:

A diferença entre *entidade* e santo (...) Eles falam muito em força espiritual, em pureza espiritual. Não tem um médium suficientemente puro ou suficientemente forte para *receber* um santo. O santo já não é



FOTO 4 | Casa de Amor, Humildade e Caridade de Pai Joaquim de Angola.



FOTO 5 | Detalhe: Maria Bueno

uma *entidade*. Ela (Maria Bueno) já tem outra função no *plano astral*. Então, depois que ela virou *santa*, ninguém a *recebe*. Assim como ninguém *recebe* São Jorge, Santa Bárbara ou São Sebastião. Maria Bueno tá num outro nível. Tem o nível das *entidades* e ela escalou um degrau maior. Quando ela teve essa ascensão, ela parou de *vir*.

Retomaremos as diferenças entre essas duas categorias – santa e *entidade* – mais adiante. Vale, porém, salientar que como *entidade*, Maria Bueno é associada na Umbanda à *linha de cura*. Diz-se que, nesse contexto, ela integra uma equipe de médicos espirituais cujos nomes são muito conhecidos no contexto espírita. A função de enfermeira, atribuída a Maria Bueno, foi mencionada também em outro centro de Umbanda, “o Casa de Amor, Humildade e Caridade de Pai Joaquim de Angola”.

CASA DE AMOR, HUMILDADE E CARIDADE DE PAI JOAQUIM DE ANGOLA

Eliane e Roberto, participantes da Irmandade Maria Bueno desde sua fundação, nos últimos três anos abandonaram a função de cuidado da capela no Cemitério Municipal, mas deram continuidade ao “trabalho de divulgar o nome de Maria Bueno” no *terreiro* de Umbanda que eles dirigem. Sobre sua relação com Maria Bueno, Eliane afirma: “para mim Maria Bueno é tudo, uma mãe, uma irmã”. Esses termos remetem a um **parentesco simbólico**, denotando intimidade de convivência com a *santa*. Essa prática é bastante comum no meio católico e também ocorre na relação entre médiuns e *entidades* que estes *incorporam*. A exemplo de outros casos acima citados, a devoção de Eliane a Maria Bueno teria começado na infância:

“Minha mãe tinha que trabalhar e para não ficar sozinha em casa, eu vinha para cá (cemitério municipal) e sentava nesta escada. As pessoas passavam e me davam de comer, ofereciam bolacha, chocolate e até dinheiro. Eu me criei aqui. Maria Bueno me criou. Depois eu casei, tive uma filha, Tatá. Maria Bueno salvou minha filha. Ela teve bronquite muito forte. Saí do hospital e vim pedir pra ela, quando voltei ao hospital o médico disse que ela ia ficar boa. Tudo graças a Maria Bueno. Eu prometi que dedicaria a vida a Maria Bueno. Hoje toda minha família acredita nela: eu, meu marido e a Tatá”.

Mais tarde os vínculos de Eliane com Maria Bueno se alargaram: ela passou a *receber* Maria Bueno mediunicamente. A princípio, Eliane afirmava que apenas “conversava com a *santa*”. Depois de algum tempo, Maria Bueno começou a ter participação no *terreiro*, *trabalhando* na *linha de cura*, atuando como *enfermeira* do Dr. Fritz em rituais de *mesa branca*. O médium que a *incorporava* assumia atitude séria, reservada. Esse comportamento nos rituais é considerado próprio dos *espíritos evoluídos*. Por isso, embora tenhamos constatado no cemitério municipal a presença de *entregas* da *linha de esquerda* no velário da capela de Maria Bueno, Eliane classificou-as como atitude equivocada: “Maria Bueno não aceita esse tipo de oferenda”. Ou seja, embora ela admita a participação de Maria Bueno nos *terreiros*, atuando na *linha dos pretos-velhos*, ela afirmou que Maria Bueno jamais atuaria na *linha de esquerda*.

Essa mãe de santo mencionou que Maria Bueno não tem atuado em rituais da Umbanda nos últimos anos, o que ela atribuiu ao fato de Maria Bueno encontrar-se numa posição de transição: “Maria Bueno está em cima do muro, mas nos próximos 100 anos terá que decidir se vai *trabalhar* entre nós (intervindo diretamente através de médiuns) ou se vai *trabalhar* fazendo milagres de longe, como os santos”.

CENTRO DE UMBANDA DA MÃE BENEDITA

4 38 anos, enfermeira.

Débora⁴ é mãe de santo do Centro de Umbanda da Mãe Benedita. Ela se diz devota de Maria Bueno, assim como outros membros de sua família. Essa devoção lhe foi transmitida pela avó materna e tias-avós que moravam em Campo do Tenente, todas católicas. Dona Beth, mãe de Débora, já falecida, também era devota de Maria Bueno. Foi ela a mãe de santo fundadora do *terreiro* de Umbanda que Débora atualmente dirige. Dona Beth costumava fazer orações e ir ao cemitério municipal oferecer flores e velas a Maria Bueno. Uma vez por ano, no dia do falecimento da *santa*, fazia-se uma homenagem a ela no *terreiro*, reunindo nessa ocasião outros devotos. Essa homenagem acontecia fora do ritual de Umbanda; eles acendiam velas e lhe ofereciam flores, frutas e doces (como arroz-doce e queijadinha), conforme orientação de uma *entidade*, a *preta-velha* Mãe Benedita, *mentora* da *casa*. Durante uma dessas comemorações, Dona Beth *incorporou* Maria Bueno. Débora lembra que “quando chegou, abençoou e disse que estava agradecida; comeu um pouco de doce e quando foi embora se despediu assim: “Deus vos abençoe, da vossa irmã Maria da Conceição Bueno”. A partir desse momento, a *preta-velha* Mãe Benedita alegou que Maria Bueno teria começado a *trabalhar na linha* de Umbanda fazendo curas e *trabalhos espirituais*.

Em outra ocasião, Maria Bueno *desceu* durante o ritual, manifestando-se através de Dona Beth, depois que a *preta-velha desincorporou*. Maria Bueno disse ter vindo para fazer cura. Quem precisasse de sua intervenção, deveria levar um copo de água que seria *energizado*; depois deveria oferecer-lhe, em *troca*, uma rosa vermelha, entregando-a onde quisesse. Ao término do atendimento, Maria Bueno repetia, “que Deus abençoe e Jesus proteja”.

Dona Beth fazia também, uma vez por mês, um *trabalho* de *mesa branca* do qual Maria Bueno começou a participar. Ela curou várias pessoas com problemas de saúde (olhos, problemas renais), inclusive a própria mãe de santo (rejeição de prótese na perna).

A forma de apresentação de Maria Bueno na Umbanda e no ritual de *mesa branca* é diferenciada por Débora na Umbanda, diz ela, a *incorporação* de Maria Bueno ocorria durante o *trabalho* da *linha* dos *pretos-velhos* e, Dona Beth, quando a *recebia*, mantinha-se em pé (ao contrário dos *pretos-velhos* que atendiam sentados). Assim ela ministrava o *passe* aos consulentes e em seguida realizava um ritual de *limpeza espiritual*: ela jogava ao lado de cada pessoa um pouco de água, que era em seguida retirada com um algodão, que

sucessivamente era jogado em água corrente. O trabalho de *mesa branca*, também realizado nesse *terreiro*, contava com a atuação de equipes do Dr. Juvêncio e Dr. Fritz, além do *caboclo* Pena Branca e Pai Jeremias⁵. Diz-se que os *médicos espirituais* conduziam as sessões e Maria Bueno atuava como “enfermeira”, “auxiliar”, paramédica do Dr. Juvêncio. Seus trabalhos se complementavam. Depois das *cirurgias*, Maria Bueno *vinha* para dar o *passê* final e conversar com a pessoa para *dar força* ao consulente. Nesse contexto, ela *aparecia* assemelhando-se a uma freira: “andava de mãos juntas e era muito educada”. Passava água com o algodão molhado no corpo da pessoa, na testa, barriga, nos pés (por cima das roupas). Ao término dessa *limpeza espiritual*, solicitava que a água e o algodão fossem jogados pelos consulentes em um campo ou jardim, onde houvesse flores. Quando a pessoa tinha problemas graves de saúde, Maria Bueno pedia que retornasse para uma consulta no ritual de Umbanda, na *linha de preto-velho*, onde deveria se finalizar o atendimento.

Maria Bueno solicitava, nessas sessões, que as pessoas fossem ao cemitério rezar e levar ao seu túmulo flores, velas e água. Segundo Débora, ela mandava ao cemitério “quem tinha *perturbações*; o material solicitado servia para encaminhar os espíritos que atrapalhavam o consulente”. A vela branca era destinada à cura, a vela amarela para se obter emprego. Além disso, em caso de necessidade, Maria Bueno recomendava rezar um terço durante sete dias, devendo-se ao final deixar-se o terço em seu túmulo. Caso isso não fosse possível, depois de se ter rezado o terço, este deveria ser entregue à mãe de santo. Débora afirmou que há sete anos começou a haver restrições por parte do cemitério em relação à entrega desses materiais. Interpelada pelos consulentes, Maria Bueno teria sugerido que se passasse a depositá-los em outro *lugar santo*.

Débora não *incorpora* Maria Bueno, a exemplo de sua mãe, mas alega *sentir* sua presença, o que é confirmado por Dr. Alfonso, *entidade* que ela recebe durante as sessões de *mesa branca*. Este afirma contar com Maria Bueno em sua *equipe espiritual*. Débora continua mandando alguns dos consulentes rezarem o terço, alegando que essa recomendação aos mais necessitados é realizada por intervenção de Maria Bueno, espiritualmente presente às sessões.

Segundo Débora, a presença da Maria Bueno nos *terreiros* gera polêmica, pois ela é reconhecida como uma figura associada ao catolicismo. A mãe de

⁵ Respectivamente, um *caboclo da linha* de Oxossi e um preto-velho que se ocupam de cura.



FOTO 6 | Ilê da Cabocla Jurema. “Quarto da linha de cura”.

santo se defronta com essa questão usando uma frase que atribui a Maria Bueno: onde houver “amor, humildade e caridade”, onde houver pessoas *trabalhando* com “coração puro”, ela (Maria Bueno) estará junto com sua equipe espiritual.

Maria Bueno já não atua mais nesse *terreiro* como *entidade*, mas sua imagem continua presente no *congá* (fotos 1 e 2).

ILÊ DA CABOCLA JUREMA

6 66 anos, joga búzios, cartas, faz consultas pagas *incorporando* suas *entidades*.

Dona Marlene⁶, mãe de santo, dirige o *terreiro* Ilê da Cabocla Jurema, considerado um dos mais antigos centros de Umbanda de Curitiba. Ela se diz devota de Maria Bueno desde jovem. Aprendeu a cultuá-la com sua mãe que, embora originária do Recife, foi criada por uma família de Curitiba. Mas sua devoção se intensificou quando Maria Bueno começou a *incorporar* em médiuns que atuam em seu *terreiro*, na *linha de oriente*.

As sessões de cura começam com o *trabalho de limpeza* do consulente, quando Dona Marlene *recebe* um exu da *linha de Omolu* (ou *linha das almas*, *linha de cemitério*), Seu João Caveira. Essa *entidade*, desde que se apresentou pela primeira vez, declarou que *trabalharia* somente com cura (“feridas abertas, ossos quebrados, nervos torcidos”, comenta Marlene) junto com uma *falange* de *espíritos* composta pelo Dr. Leocádio Correia e Maria Bueno, “enfermeira”, “auxiliar” do “médico”. Segundo a descrição dessa mãe de santo, o exu João Caveira *desce*, *dá sua vibração* para preparar os consulentes e *sobe* em seguida. Dona Marlene, depois de *desincorporada*, se dirige à sala de cura, onde luzes especiais são usadas para aplicação de cromoterapia. O consulente é colocado numa maca. Acompanhada por um grupo de médiuns, Dona Marlene *recebe* então Dr. Leocádio. Nesse momento do ritual, outros médiuns passam a *receber* outras *entidades* que atuam



FOTO 7 | Ilê da Cabocla Jurema. Quarto da *Linha das Almas*.

como anestesistas, paramédicos etc. Maria Bueno (através de uma *médium*) *incorpora*, assim como os demais integrantes da equipe médica; ela prepara o paciente para a *cirurgia espiritual*, por exemplo, colocando sobre seu corpo cristais “para equalizar os *chakras*”. Uma vez encerrada a cirurgia efetuada pelo médico, ela termina o atendimento.

Essa prática ritual que reúne trabalho de *entidades* que atuam em *linhas* e esferas religiosas distintas (exu, *entidade* da *linha de esquerda* versus *entidades* da *linha de Oriente*; exu, *entidade* da Umbanda versus Dr. Leocádio, *entidade* ligada ao espiritismo kardecista) não é comum na Umbanda. Dona Marlene, porém, afirma não haver conflitos, pois o ritual conjuga *espíritos* que operam para a realização de cura, ou seja, atuam com um mesmo objetivo⁷.

A imagem de Maria Bueno está presente no *quarto da linha de cura* junto ao Dr. Leocádio Correia e, em outro espaço do mesmo *terreiro*, no *quarto das almas*, a seu lado fica a imagem do *preto-velho* Pai Tomé das Almas (fotos 6 e 7). O busto de Maria Bueno foi colocado nessa posição, alega Dona Marlene, “por intuição”. Quando um consulente tem problemas de saúde, ele é encaminhado ao *quartinho das almas*, onde se pede que acenda uma vela branca e coloque um copo de água no altar. Antes ou depois da *cirurgia espiritual*, ele também pode ser solicitado a colocar ali flores para Maria Bueno. Nesse mesmo espaço, todas as segundas-feiras, os *filhos de santo* do *terreiro* e Dona Marlene fazem a *firmeza e as obrigações*, colocando água, pão, café doce e amargo para os *pretos-velhos*.

No *terreiro* onde Dona Marlene *desenvolveu* sua mediunidade⁸, Maria Bueno também *vinha* na *linha de oriente*, *incorporando* a mãe de santo Dona Iolanda. Conta Dona Marlene: “(...) Maria Bueno dava vibração, só vibração; ela vibrava e todo mundo pedia bênção para ela e ela dava uma palestra, geralmente (...) sempre falou coisas boas, (...) ela sempre dizia “vocês querem alguma bênção, querem um pedido, vocês vão onde meu corpo repousa e levem uma flor e rezem com fé, (...) que eu sou uma intermediária do grande pai”.

Quando *desceu* a primeira vez no *terreiro* de Dona Marlene, Maria Bueno dirigiu-se à *cambona* dizendo: “eu sou irmã Maria Bueno (...) sou enfermeira e venho aqui no *barracão* para auxiliar o Dr. Leocádio”. Hoje, Maria Bueno é *incorporada* pela filha carnal de Dona Marlene, que também participa do ritual, mas ela já *incorporou* em outros médiuns da *casa*, nem todos devotos da *santa*. Quando isso ocorre, Dona Marlene conta a história da Maria Bueno para o médium que a *recebe* e manda-o visitar seu túmulo no cemitério municipal. Todos os Dias de Finados, Dona Marlene leva e traz uma rosa do cemitério municipal.

7 Como ela explica, exu João Caveira era médico na sua encarnação terrena, e atuava na *linha das almas*, se definindo como “braço direito de Omolu”. Esse Orixá, na mitologia yoruba, é associado à morte, à cura, às doenças.

8 Mais ou menos, há 40 anos atrás.



FOTO 8 | Tenda do Caboclo Rompe Mato e Xico Baiano.

9 62 anos.

10 Segundo define, é a pessoa que cuida de todos os Orixás e das pessoas que incorporam durante o ritual, por isso não *recebe* o próprio santo.

tólicos, rezando o Pai Nosso, acendendo vela branca e fazendo pedidos. Às vezes, ela vai até o cemitério levar-lhe rosas vermelhas. Trata-a como *santa*, no entanto, define-a como *espírito*, conforme o kardecismo.

Andréa, *equede*¹⁰ no Candomblé e ex-mãe de santo, discorda da classificação de Dona Juraci. Ela define Maria Bueno exclusivamente como *santa*. Andréa atende atualmente fazendo *iluminações*, *limpezas* associadas à *linha branca*, *de direita*, com *entidades de luz* (ou seja, não pratica oferendas que impliquem matança de animais e *trabalhos* com *entidades de esquerda*, como exus e pombagiras). Ela atua em sua própria casa fazendo consultas, joga búzios e dá orientações. É devota de Maria Bueno e aprendeu o culto com sua mãe que a levava ao cemitério municipal quando criança. Andréa conta que sua devoção se aprofundou quando sua filha recebeu uma graça a seu pedido (problema de saúde, queimadura). Em agradecimento, ela vai toda segunda-feira ao cemitério levar-lhe flores e velas.

Andréa define Maria Bueno através dos dizeres de uma prece: “ela é uma mensageira de Deus, enviada à terra junto às criaturas. Eu acredito firmemente nisso. Ela voltou para a terra, ela *reencarnou* porque ela precisava *encarnar* para cumprir a missão dela e voltou a ser um ser sublime, que ela é um *espírito* super evoluído realmente”.

Há ainda um outro *terreiro* da cidade em que encontramos a imagem da Maria Bueno, a Tenda do Caboclo Rompe Mato e Xico Baiano. Neste, porém, Maria Bueno não tem função ritual. Dona Juraci⁹, mãe de santo, mantém esse *terreiro* há 48 anos. Ela tornou-se devota de Maria Bueno há trinta anos, quando pediu uma graça em favor da mãe doente (câncer) e a recebeu. Soube de Maria Bueno por uma pessoa que vinha tomar *passo* no seu *terreiro*. A partir das instruções recebidas, Dona Juraci foi até o cemitério e cumpriu o rito católico (levou flores e velas brancas, fez oração e pedido). Quando sua mãe foi curada, ela fez o agradecimento colocando a imagem de Maria Bueno no *congá*. Em seu *terreiro*, Maria Bueno não participa do ritual umbandista, pois segundo Dona Juraci, “ela é da *linha kardecista*”. Apesar dessa afirmação, ela a cultua em moldes ca-

Maria Bueno, segundo Andréa, não *incorpora* porque “não é uma *entidade*”. Com *entidades de luz*, diz ela, pode-se conversar por meio da vidência, mas com Maria Bueno “isso não é possível”. Andréa afirma que se comunica com Maria Bueno pela intuição. Seu trabalho consiste em solicitar a intercessão de Maria Bueno para resolver os problemas de seus consulentes. Às vezes ela os manda ao cemitério levar flores, velas e fazer pedidos. Maria Bueno, segundo Andréa, atua “principalmente quando existe alguma coisa com justiça, quando a pessoa tem algum processo, alguma coisa com a justiça porque ela ajuda muito nessas causas”. Não há imagem de Maria Bueno no espaço onde ela atende, somente a imagem de Nossa Senhora e um *anjo* pintado na parede.

Com o objetivo de sintetizar esses relatos, pode-se articulá-los em torno de algumas questões:

- 1) Como os umbandistas se tornam devotos de Maria Bueno?
- 2) Como Maria Bueno se insere no ritual umbandista e qual o lugar de sua imagem no *conga*? Quais são as práticas corporais que caracterizam sua manifestação nesse contexto religioso?
- 3) Como Maria Bueno atua no *terreiro*? Que tipo de pedido lhe é encaminhado?
- 4) Como Maria Bueno é cultuada fora do ambiente ritual?

Os relatos apresentados nesta pesquisa permitem concluir que:

1) A exemplo do que foi observado no Dia de Finados, a transmissão da devoção no meio umbandista é essencialmente familiar e feminina e, frequentemente, tem como ponto de partida a obtenção de uma *graça*. Os médiuns que *recebem* Maria Bueno são, em geral, também devotos, e originariamente, eles eram todos católicos. No cemitério, as mães de santo devotas obedecem ao rito católico, diversamente do que ocorre nos *terreiros*¹¹.

2) Maria Bueno participa do ritual de Umbanda integrando a *linha de pretos-velhos* e/ou a *linha de oriente* à qual se associam figuras mais conhecidas em sessões de *mesa branca* (em especial os *médicos espirituais*). Quando se apresenta fora do contexto ritual, realizando consultas, pode-se manifestar tanto por meio de *incorporação* (Dona Valdéria), como por meio de intuições transmitidas ao consulente pelo médium (Débora e Dona Marlene). Na Umbanda, Maria Bueno integra a *linha de direita*, também chamada *linha branca*, tida como espiritualmente mais elevada do que a *linha de esquerda*. O panteão umbandista se organiza em

11 É importante ressaltar que os *despachos* no cemitério são cada vez mais raros de serem encontrados. Isso indica, como o relato da Débora confirma que está havendo contenção dessas práticas rituais por parte da instituição que administra o túmulo. A Irmandade age, hoje, no sentido de preservar o aspecto católico do culto a Maria Bueno, desqualificando e barrando as práticas afro-brasileiras. A redução da presença de expressão material do culto umbandista no cemitério municipal da cidade não decorre, porém, apenas de práticas repressivas. A matriz católica que caracteriza a forma de transmissão da devoção, contribui também para sua invisibilização.

12 É importante ressaltar que também nas lojas de Umbanda a imagem da Maria Bueno ocupa esse lugar. Nas prateleiras ela aparece sempre entre entidades da direita, nunca da esquerda.

13 Pode se bater com uma mão no peito (no caso dos caboclos), se arcar muito (no caso dos pretos velhos), torcer e cruzar as mãos (no caso dos exus), se jogar no chão para *bater cabeça*, isto é para saudar.

14 Isso para diversas finalidades: harmonização entre médium e entidades, limpeza do médium e do ambiente etc.

15 Respectivamente um giz e uma tábua de madeira onde as entidades *firmam o ponto*, isto é, desenhando signos que definem como *mágicos*, para atuar no ritual.

torno dessas duas linhas, congregando entidades de esquerda, representadas no *congá* por meio das imagens de exus e pombagiras e da linha de direita, representada pelos pretos-velhos, caboclos e crianças. Alinhada à direita, Maria Bueno normalmente tem sua imagem alocada entre os pretos-velhos (principalmente), crianças e, também, próxima a imagens de Nossa Senhora, bem como dos médicos espirituais. Há que se ressaltar que a linha de oriente não é, de modo geral, cultuada através de imagens. As únicas imagens dessa linha presentes nos terreiros são as dos médicos espirituais (Dr. Leocádio¹² e Dr. Fritz, especialmente, estes representados em formato de meio busto, estatuetas e/ou fotos-desenhos), quando esses trabalham na casa.

3) No ritual de Umbanda, as entidades atuam fazendo pretos-velhos, limpezas/harmonizações, magias (quebrando e/ou fazendo feitiços), desobsessões, curas e oferecendo orientações. Maria Bueno trabalha essencialmente com cura, harmonizações (passes) e orientações, por isso o seu alinhamento conforme acima descrito.

4) Dentro ou fora do ritual de Umbanda, as características de comportamento atribuídas a Maria Bueno são assim descritas: calma, séria, recatada (ela se apresenta de mãos unidas ou esfregando as mãos...), delicada e sábia (dá conselhos, consola). Essas características contrastam com a prática de incorporação do ritual de Umbanda, comumente repentina, em certa medida violenta. No momento liminar do transe, o médium umbandista treme, chacoalha algumas partes do corpo, muda o tom de voz, assumindo atitudes corporais padronizadas segundo o tipo de entidade recebida¹³. As entidades de Umbanda dançam e rodam (fazem a *gira* como é chamado o ato de rodar o corpo sob o próprio eixo em sentido horário ou anti-horário¹⁴). O ritual apresenta características diferentes somente em um caso: quando é tocada a linha de oriente. A incorporação nesse caso é menos acentuada fisicamente, sendo por isso qualificada pelos umbandistas como “mais suave”. As formas de manifestação de Maria Bueno condizem com esse contexto. Quanto aos objetos rituais, os atribuídos a Maria Bueno são diversos daqueles usados normalmente na Umbanda: ao invés de ervas, tabaco, bebidas alcoólicas, pombas e tábuas¹⁵, Maria Bueno utiliza água, pétalas de rosas, algodão. Relata-se sua presença em trajes de enfermeira, irmã (freira), atuando como auxiliar de médicos, o que a aproxima de representações correntes em mesa branca. O relato de Débora constitui uma exceção, pois Maria Bueno é descrita por meio de uma prática mais sincretizada com a Umbanda, como indica o uso de despachos e despejo de resíduos destes em água corrente e/ou jardins. Porém, ao defini-la como irmã (freira) e ao usar o mesmo termo para se referir aos consulentes, Débora desloca a relação da esfera umbandista para

o domínio católico. Essas variações na representação de Maria Bueno transitam num espectro que passa pela *linha de oriente* (Umbanda), pela *mesa branca* (kardecismo) e pelo culto católico. Seu lugar, nesses diferentes contextos, explicita-se pelo uso de categorias diversas: Maria Bueno pode ser definida como *entidade* ou *espírito* (como sugere Débora ao mencionar praticas típicas como os *despachos e entregas*, também como cita Dona Marlene) ou como *santa* (quando se descreve sua atuação segundo a lógica católica por intercessão, como sugere Andréa). Mesmo quando essas representações aparecem sincretizadas, continuam trazendo marcadores específicos como, por exemplo, no ritual de Dona Marlene (primeiro atua o exu fazendo a *limpeza*, depois, em outro quarto, apresentam-se as *entidades da linha de oriente* que inclui Maria Bueno, junto com Dr. Leocádio Correia.¹⁶

16 É preciso lembrar que também no *terreiro* do Jardim Gabinete, a *entidade* Maria Bueno atuava de forma parecida: em um *trabalho de mesa branca* que acontecia em dias específicos, fora do ritual de Umbanda, mas com a mesma corrente mediúnica.

SANTA NA GAVETA

Identificada como *santa* generosa e com muito poder, embora tratada com muita intimidade, Maria Bueno não é apenas reverenciada mas, também tem sido vítima de questionamentos por parte de alguns devotos. É o caso de Dona Maria que começou a se sentir incomodada quando visitava o cemitério e ali encontrava objetos identificados por ela como *macumba*, velas vermelhas e amarelas, bem como garrafas de bebidas alcoólicas. Ela convenceu as amigas (Dona Lourdes, Dona Cida e Dona Lenita) de que visitar um túmulo que era frequentado também por pessoas que, nas suas palavras, “não acreditam em Deus”, que “fazem coisas para o mal”, não era adequado. O que está em jogo nessa posição de Dona Maria é a crítica à tolerância de Maria Bueno. Segundo ela, “o santo é quem escolhe os devotos”, ou seja, decide quais indivíduos e apelos pode ou se dispõe a atender e/ou mediar. Portanto, na opinião de dona Maria, Maria Bueno poderia escolher quem deve ir ao cemitério para visitar seu túmulo: “Maria Bueno é tão poderosa, tão boa, que não deveria deixar fazerem essas coisas no túmulo dela. Então a gente não vai mais; claro que a gente ainda reza pra ela, conversa com ela, mas sempre pedindo pra ela não abandonar o lado de Deus, o lado do bem”. As quatro senhoras dizem ainda rezar para Maria Bueno, mas a imagem perdeu lugar no altar doméstico, indo para a gaveta.

Contam elas que, quando Maria Bueno não quer a presença de alguém em seu túmulo, a *santa* dá alguns sinais: “Maria Bueno é uma santa poderosa, ela escolhe quem ela quer que vá lá, escolhe os devotos, mas ela fica brava também quando você não faz tudo certo. Dizem que ela faz tropeçar na entrada do cemitério pra te avisar que está querendo que você volte pra casa e faça novena, reze mais, faça mais caridade, tem que ajudar os outros. Rezar muito”. Assim, seria responsabilidade da *santa* deixar que devotos usem sua imagem e seu nome para realizar *trabalhos* “para o mal”. Dona Cida menciona que a *santa* teria escolhido, dentre as pessoas que assistiram sua novela, alguns para serem seus devotos.

Esse conflito entre devotos e a *santa curitibana* ilustra a intolerância que persiste entre determinados segmentos sociais e religiosos em relação às práticas de origem afro-brasileiras.

Como esses rituais contribuem para o trânsito dos atores no circuito de devoção? Como mencionado, consulentes de centros de Umbanda frequentemente são encaminhados pelos pais/mães de santo e/ou pela própria *entidade* Maria Bueno ao cemitério, sendo instruídos a seguirem o rito católico. Exceção é o caso de Débora que combina práticas de matriz católica (velas, flores, rezas) com elementos umbandistas (oferenda de doces). Nesse mesmo caso, os consulentes são encaminhados às igrejas para se desfazerem dos terços.

Entre os relatos apresentados, o principal ponto de polêmica consiste na questão da *incorporação*: aqueles que concebem Maria Bueno como *entidade* dizem que ela *incorpora*; outros negam essa possibilidade, alegando que ela se manifesta de forma “mais sutil”, ou seja, pela intuição, forma mais condizente com sua representação como *santa*.

As práticas rituais acima descritas colocam essas categorias em jogo, produzindo formas intermediárias e/ou de transição entre ambas (caso de Débora e Dona Valdéria, que descrevem Maria Bueno apresentando-se entre os *pretos-velhos*, porém contida, esfregando as mãos, citando sempre Jesus Cristo, como uma freira). Na maioria dos casos, sua *descida* e atuação acontecem em momentos liminares do ritual umbandista (no final). Construídas por meio de uma contínua tensão entre as distintas matrizes religiosas – católica, espírita e afro-brasileira – as imagens produzidas são moduladas segundo o jogo de forças desse contexto. Visto que a Umbanda mantém uma matriz fortemente espírita, esta funciona como elemento mediador do culto a Maria Bueno, incorporando transversalmente elementos rituais e simbólicos católicos e os integrando à matriz afro-brasileira¹⁷. A Umbanda tem, portanto, na sua própria estrutura, flexibilidade para modular, em condições diversas, a inserção dessas representações – *santa* e *entidade* – em seu campo ritual. A diversidade das versões correntes a respeito do culto a Maria Bueno não tem a ver com ambiguidade, mas com um processo de reversibilidade que a própria Umbanda permite.

17 Vale lembrar que, segundo as narrativas dos devotos umbandistas, essa religião nasceu por ocasião de uma reunião de mesa branca na Federação Espírita de Niterói (RJ), onde o médium Zélio Fernandino de Moraes teria *incorporado* o espírito de um índio que se apresentou como Caboclo das Sete Encruzilhadas. Este anunciou o início da prática ritual umbandista como novo culto espírita, dando a oportunidade aos espíritos de índios e negros de realizar a própria missão espiritual, já que eram excluídos dos cultos kardecistas.



CONSIDERAÇÕES
FINAIS

Conceição H. dos Santos

MARIA BUENO
PROTEGE AS
VADIAS
CURITIBANAS



Terminaremos este livro com algumas considerações sobre a importância da devoção a Maria Bueno no imaginário e na produção da cultural local. Mas, antes de analisar como essa personagem inspirou dramaturgos, artistas e escritores, faz-se necessário retomar a questão da visibilidade social alcançada por Maria Bueno a partir da popularização do seu culto religioso.

Todos os anos, milhares de pessoas visitam o túmulo de Maria Bueno, em especial, no Dia de Finados. Entre os visitantes, há os que conheceram a devoção no meio religioso: *terreiros de umbanda*, *centros espíritas*, *rituais mesa branca*, grupos de oração, tendas esotéricas, além de benzedadeiras e curadores; há aqueles que se tornaram devotos por tradição familiar, iniciados ainda crianças pelos pais e/ou avós, e há também os que souberam da existência da *santa* através dos meios de comunicação, a exemplo de dona Dirce que conheceu a *santa* através da telenovela “Maria Bueno” — exibida pela extinta TV-Paraná em 1979 — e desde então frequenta o seu túmulo a fim de fazer ou pagar promessas.

Essa telenovela, escrita por Paulo Avelar e dirigida por Roberto Menghini, teve como cenário principal a cidade de Morretes, considerada terra natal de Maria Bueno. Do elenco, participaram a atriz Gilda Elisa, que protagonizou Maria Bueno, Lala Schneider que interpretou a mãe da personagem e Nelson Morrison, desempenhando o papel de José Inácio Diniz. O cantor Agnaldo Rayol, convidado especial, foi o destaque da telenovela, pois além de interpretar algumas faixas da trilha sonora, ele era um dos galãs. A trilha sonora de Heitor Valente e Celso Locker (Pirata) tornou-se um compacto duplo, com as músicas: Rosa Vermelha (de Mano Rodrigues), Rio da Prata (com Heloisa Raso), Quarto-crescente (de Lena Mariano), Fogo de palha (do grupo cantares) e Madrigal (Marcia Santos).

A produção dessa telenovela sobre Maria Bueno, no final da década de 1970, foi um marco na história da devoção. Além de despertar a curiosidade daqueles que pouco ou nada sabiam a respeito da “Santinha de Curitiba”, a telenovela popularizou a versão de que Maria Bueno morreria em defesa da castidade, *endossando*, portanto, a narrativa hagiográfica defendida por Sebastião Isidoro.

Em 2008, quase trinta anos depois, Maria Bueno voltou a ser objeto da teledramaturgia, dessa vez, uma minissérie produzida pela RPC TV, amplamente divulgada na programação da emissora, através

FOTO 1 | Página anterior: Em julho de 2011, foi realizada a Marcha das Vadias em Curitiba (Passeata feminista que aconteceu em vários lugares do mundo). As manifestantes empunhavam placas com a imagem de Maria Bueno e nas faixas liam-se frases como: “Maria Bueno protege as vadias curitibanas”, evidenciando a presença de Maria Bueno e sua história no imaginário curitibano.



FOTO 2 | Capa do disco com trilha sonora da telenovela Maria Bueno, de 1979.

¹ O anúncio, de aproximadamente 30 segundos, começava com música dramática (instrumental de violino) e a imagem de uma rosa vermelha crescendo e desabrochando. O clima de mistério só era quebrado depois dos 15 segundos, quando a voz do locutor anunciava: Maria Bueno! Em breve, na RPC.

de chamada dramática¹. Essa minissérie foi exibida no quadro “Casos e Causos” do programa “Revista RPC”. A produção foi prestigiada com o prêmio “Os Melhores em Cena”, dedicado aos melhores trabalhos apresentados nesse programa. “Maria Bueno” venceu em três das cinco categorias disputadas: melhor filme, melhor produção (João Luiz Fiani) e melhor atriz (Mel Maia). Se no meio televisivo a minissérie foi bem recebida, entre os devotos dividiu opiniões: alguns admiradores da *santa* não gostaram de vê-la retratada como uma mulher destemida, independente, cobiçada pelos homens e que apreciava festas e bailes. Figura bem diferente da mocinha ingênua, recatada e virginal, sustentada na versão apresentada pela telenovela dos anos 70, dominante no imaginário dos fiéis. Por meio de certas características psicológicas atribuídas à personagem, o roteirista da minissérie acabou mitigando seus predicados sagrados, ao contrário do que fez Paulo Avelar, diretor da telenovela dos anos 70, que apostou na imagem da heroína virtuosa, bondosa e inocente, que morre para não se *entregar* ao vilão. Certamente, a telenovela agregou elementos novos à história, bem como à personagem, mas conservou os elementos essenciais da construção da santidade, as virtudes e o sacrifício: “Faz muitos anos, teve na televisão uma telenovela muito bonita, com Agnaldo Rayol. Chamava história de uma vida, eu nem cheguei e ver tudo, mas vi uns pedaços e contava a história da moça que morreu vestida de noiva pra não deixar que o militar abusasse dela. Era Maria Bueno. Uma história sofrida, mas muito bonita. A moça preferiu morrer. Lembro que minha prima viu a telenovela também e disse pra gente ir no cemitério porque a Maria Bueno tinha virado *santa* e fazia milagres, curava doença, trazia dinheiro. Aí a gente foi, viu que as pessoas levavam presentes, flores, muitas flores. Eu achei bonito, fiz promessa e consegui a graça. Minha filha teve doente e ela se curou”.

Esse relato de dona Leni ilustra como a telenovela contribuiu para a difusão e reconhecimento social do culto religioso a Maria Bueno. A despeito das manifestações de desagrado dos devotos, a minissérie exibida recentemente cumpriu função semelhante, como revela o comentário da “internauta” Bianca²:

² Como é de praxe no “universo dos blog’s”, o *post*, nome dado a textos publicados em páginas da internet, costuma vir acompanhado de comentários escritos por pessoas que interagem (incluindo suas opiniões e anotações) a partir das informações postadas. Como os textos sobre a vida de Maria Bueno, os comentários da internauta Bia e Edvan Ramos, alcunha virtual Barão de Potyguaras, confirmam ter feito uma longa pesquisa sobre Maria Bueno. Curiosa com a história apresentada no programa de TV, ela solicita ao pesquisador mais informações sobre a *santa*.

Bianca | março 19th, 2009 at 9:20 am - *Queridos, eu nunca tinha ouvido falar em Maria Bueno, assistindo ao programa Casos e Causos vi a história dela e confesso me emocionou bastante, uma história triste e comovente, quero pedir ao senhor Edvan Ramos que por gentileza mande em meu e-mail um pouco mais sobre a história de vida dessa santa, admiro o trabalho de historiadores pois não deixam a vida passar como se fosse por acaso. Bia*

Além de despertar o interesse daqueles que nunca tinham ouvido falar em Maria Bueno, as duas produções acima serviram como fonte de informação para os devotos, como relata Nádia por exemplo:

“Fiquei sabendo da história dela pela telenovela que passou há muitos anos atrás. A gente já tinha muita fé nela, mas não conhecia a história. Quando fizeram a telenovela, a gente soube de tudo isso, que ela foi morta por um policial que gostava dela, mas como ela não queria nada com ele, aconteceu, o que aconteceu, ele tentou pegar ela a força e como ela não cedeu, ele matou ela, cortou o pescoço dela. Na época da telenovela ninguém sabia direito a história. Uns diziam que ela era mulher da vida, outros que não tinha nada disso. Que ela era uma menina direita, que não tinha nada de errado na vida dela. Mas daí, quando fizeram a telenovela, esclareceu. Esses tempos a Globo fez outra telenovela sobre a vida dela... Não era bem uma telenovela, mas mostrava como é que foi, tudo que ela passou. Eu não assisti porque era muito tarde da noite, mas quem assistiu vai saber te contar direitinho a história dela. Como eu te disse, eu tenho lembrança da primeira telenovela que passou há muitos anos atrás. Era uma moça muito bonita que interpretava a Maria Bueno, a partir da telenovela a gente conheceu a verdadeira história dela.” (grifo meu)

Os *santinhos*, forma tradicional de divulgação da biografia dos santos, têm hoje a concorrência dos novos meios da mídia, em especial a TV e a internet. Nem sempre, porém, no caso destas últimas, a narrativa sai ao gosto do fiel. Por não estar sujeita à rigidez de uma biografia histórica, a vida de Maria Bueno passou por releituras diversas, tanto sacralizadoras, quanto dessacralizadoras.

Em nenhum momento histórico, porém, a vida de Maria Bueno deixou de ser alvo de polêmica. Ora sua história é focalizada como mito local, ora a personagem é apresentada como integrante da história oficial. Essa combinação se revela altamente produtiva para a literatura, para a dramaturgia e para as artes em geral. Podemos citar como exemplo *Crônicas Locais*, livro de Euclides Bandeira (mencionado no texto “Devoção Contemporânea”), no qual Maria Bueno aparece entre figuras proeminentes da cidade, ao mesmo tempo que são enfatizados aspectos “alegóricos” da história da *santa*.

Mito e história oficial se misturaram também no roteiro teatral de Walmor Marcelino, *Os Fuzis de 1894* (de 1970), que versava sobre a Revolução Federalista no Paraná. A montagem teria sido a primeira a levar a vida de Maria Bueno para os palcos, não tivesse sido censurada e sua apresentação suspensa poucos

dias antes de sua estréia.

O primeiro ato da peça teatral de Walmor Marcelino começa com a entrada em cena de duas velhas, um mendigo e uma prostituta que, em procissão, levam uma vela enorme a um mausoléu cheio de **ex-votos**, muletas, cabelos, bonecas. As personagens se ajoelham e começam a rezar para Maria Bueno. Cada um deles roga pela *santa*, do seu próprio jeito. As duas velhas rogam pela Maria Bueno casta que *foi imolada, por sua pureza, que se conservou virgem, mesmo diante da morte*; o mendigo, depois de tentar rezar, se dirige a uma Maria Bueno como ele próprio: miserável, que morava na rua e passava fome; a prostituta, por sua vez, reza pela Maria Bueno que, como ela, *tinha a sina da pombagira*. Ao ouvirem as preces uns dos outros, os personagens começam a discutir. As velhas brigam com a prostituta por considerarem uma blasfêmia a comparação da *santa* com *pombagira* e a prostituta responde-lhes com insultos. As personagens seguem defendendo sua representação particular da *santa* ao longo da primeira cena.

Na sequência, os atores e atrizes saem de cena, a partir daí a peça se encaminha para uma “retrospectiva” da vida de Maria Bueno.

O projeto de encenar a história da *santa de Curitiba* só se concretizou em 1974, com a encenação da peça teatral intitulada “Maria Bueno”.³ Em entrevista concedida ao jornal *Estado do Paraná*⁴, Gemba afirmava: *Eu procurei dar um tom também social à personagem, analisando especialmente o aspecto da moça do interior, que vem para a cidade trabalhar como doméstica e acaba se envolvendo sexualmente em muitas aventuras*. Nessa montagem, as mudanças de cena são pontuadas por uma espécie de cântico à pombagira:

“1ª mudança de cena – Gira, gira, gira/ Minha pomba girou/ Gira, gira, gira/ Gerador de óleo fumaça e vapor/ Da chaminé de perfumes/ Dando incenso de flor/ Das giras, todas as giras/ Da minha pomba que girou em busca do seu amor/ Gira, gira, gira na desgraça e na dor/ Gira minha pomba girou, nas bênçãos do senhor.

2ª mudança de cena – Caminhar por andar/ Por cair numa esquina ou dar voltas no ar/ Foi o que se falou / Foi o que se falou/ De querer fugir/ De tudo no mundo foi o que se falou/ Gente que se rodeia/ Numa roda circular, formando uma teia, você bem pode quebrar/ Maria, Maria da Conceição, Maria da Conceição Bueno.

3ª mudança - Maria, Maria da Conceição, Maria da Conceição Bueno/ Guarda esse sonho de paz/ Que a moenda vai girar/ Tritura em mil pedaços pra tirar de dentro deles, muito suco do azar/ Maria, Maria da Conceição, Maria da Conceição Bueno/ Gira, gira, gira, gira/ Minha pomba girou⁵.”

3 Produzida pelo Grupo Momento, com texto e direção de Oraci Gemba, composição e direção musical de Luiz Antônio Karam, estreou no auditório Salvador de Ferrante do Teatro Guaíra, no dia 27 de setembro de 1974, permanecendo em cartaz até 13 de outubro de 1974, com o seguinte elenco: Regina Bastos (no papel da mãe de Maria Bueno), Tonica (Antônia Eliana Alves Pereira de Arruda Severino Gibran Chagas) como Maria Bueno, Lola Moncada (Maria Rosa, irmã de Maria Bueno), Ronaldo dos Anjos (Padre), Aluizio Cherobin (o patrão da personagem), Yara Sarmento (a patroa), Luiz Henrique Schwanke (o militar Diniz), além dos atores coadjuvantes Felipe Freira, Antônio Karam, Maria José de Oliveira, Renato Penteado Neto, Maria Tereza de Castro, Denise Assumpção, Valdete Peixoto, Rojane Gonçalves e Amauri Schavon.

4 MILLARCH, Aramis. O misticismo em torno de uma lenda da cidade. *Jornal Estado do Paraná*, 22 de fevereiro de 1987, p.02.

5 Boletim Informativo nº06, janeiro de 1975. Fundação Cultural de Curitiba.

Ao longo dessa peça teatral, fica evidente que Maria Bueno conhecia sua “sina”. No princípio, ela luta contra o destino, mas afinal acaba se resignando, o que ocorre na última cena, quando a personagem se posiciona em cima de um altar e convida Diniz para sacrificá-la, como se os dois tivessem um acordo a ser cumprido:

“Maria Bueno - Pois, que seja! Traga a minha fantasia e o pote para aparar o sangue! Decisão deve ser inteira!

Cena: *a mãe de Maria traz uma grinalda, véu e um vestido branco, a irmã Maria Rosa traz o pote de barro e uma trouxa de roupa. A ex-patroa traz perfume e o ex-patrão, que tentou estuprá-la, traz um maço de rosas brancas. Outros personagens trazem uma cruz e velas.*

Maria Bueno – Não quero reverências nem lágrimas! Pra mim basta o que penso de mim mesma! De minha parte cumpri o prometido: no meu tanque de lavar não se fez cama, e o meu quarto de dormir não foi consolo dos meus senhores. Portanto, quero a fantasia mais alva, o pedestal mais alto, na primeira fila do cemitério mais importante pra olhar essa cidade de frente e de cabeça no ar! E não se esqueça, quero uma trouxa de roupas sujas debaixo dos meus pés que é pra eu também pisar na cabeça da serpente!

Cena: *virando-se para o fundo, ela chama por Diniz.*

Maria Bueno – Inácio José Diniz saia do seu esconderijo que eu vou dar o que é que você me pede!

Cena: *Ele aparece com uma navalha.*

Maria Bueno – Venha, Diniz ! Aqui estão meus cabelos, minha boca, meus seios, meu ventre e o corpo (sic) que você tanto sonhou. Só que antes você vai ter que lutar muito por ele. Meu corpo só será seu conforme o prometido, depois de inteiramente frio.

Diniz – Ah, parda de asas negras, se nega a ceder. Sua imagem criou um castelo na minha cabeça e mutilou minha vida num bafejo de recusa. Não, Maria, não pretendo caminhar torto, decepado, deixando em você o que me foi negado. Eu vou lhe servir na mesma taça o que de mim você roubou! Não vai fazer voar seus cabelos ao vento, nem perfumar outros caminhos, nem deixar rastros na areia para me consumir de desejos! Quero acabar com seu vulto vagando nas noites longas de minha insônia.

Maria Bueno – Não demore mais! Venha logo, antes que o sol apareça no horizonte! Quero a fantasia mais alva, o pedestal mais alto, na primeira fila do cemitério mais importante da cidade, que é pra olhar essa cidade de frente! De cabeça no ar, com uma trouxa suja sob os meus pés. Também pisarei na cabeça da serpente!

6 A primeira temporada da peça “Grato, Maria Bueno” durou apenas três dias (de 14 a 17 de julho de 1990), mas, devido ao sucesso, o espetáculo teve uma segunda temporada logo na sequência. Produção CIA das Índias de Teatro, texto e direção de Raul Cruz, estreou no dia 14 de julho de 1990 e se encerrou no dia 17 de julho de 1990, no auditório Glauco Flores, do Teatro Guaira, com elenco composto por Eliane Karas, Letícia Guimarães, Manu Daher, Ridley Raciop e Maria Adélia Ferreira.

7 HELEINE, Marise. Uma santa com pé na rua. *Jornal Correio de Notícias* de 09 de agosto de 1990, pp. 16-20.

Em 1990, foi o artista plástico e diretor de teatro Raul Cruz que retomou a temática, encenando a peça “Grato, Maria Bueno”, de curta temporada⁶. A partir de entrevista publicada no jornal *Correio de Notícias*, é possível ter uma idéia de como foi composta a personagem:

“Grato, Maria Bueno” fala da relação entre religiosidade e modernidade. A questão da fé uma coisa que me interessa muito, especialmente a relação entre a sociedade moderna e a religiosidade. Daí a escolha desse mito que há muitos anos me fascina. Eu tomei conhecimento dele pela fé, pelas graças que as pessoas conseguiam, pelos milagres. Chegar até Maria Bueno foi inevitável. Como a Companhia das Índias queria fazer um espetáculo que lidasse com cultura paranaense, regional, optou por montar um espetáculo que falasse do universo feminino e o primeiro gancho foi Maria Bueno. Um mito importante e supercontraditório. (...) Ela se tornou uma santa popular, mas também foi uma mulher da vida, era ou não era prostituta. Não existe nenhum registro dizendo que cobrasse, mas era uma mulher muito liberada para sua época. Foram muitos meses de pesquisa que revelaram o perfil dessa mulher. Maria Bueno era mal vista porque era muito dada... Sabe-se que gostava de estar entre os soldados, mas também gostava muito de crianças. Lavava roupa para fora e era muito popular. Diz-se que era uma morena bonita, simpática e mal vista pelas mulheres exatamente pelo encanto que causava nos homens. Era uma mulher liberal que não correspondia aos padrões morais de Curitiba na época. (...) é engraçado porque muita coisa mudou, mas Curitiba continua com um pé no século passado. Continua sendo uma cidade superconservadora, mas que tem uma santa com o pé na rua. (...) Acho inclusive que a gente tem que valorizar essa contradição. (...) A gente deve olhar para a cultura do povo com respeito, pela contradição. (...) O material de pesquisa sobre a vida de Maria Bueno não é farto, mas fácil. Como ela foi assassinada, tem registros sobre o fato. Mas, ela só começa a se tornar mito neste século. Duas ou três pessoas resolveram então escrever sobre o assunto, produzindo um material interessante, onde você pode encontrar duas vertentes. A primeira conta que ela foi uma mulher liberada, morta aos 30 anos pelo amante, num crime passionai, por ciúmes. Na outra vertente, para justificar que ela é santa, criou-se a história de que ela era virgem, menor de idade e morreu defendendo a honra⁷.”

Bastante conhecido e respeitado no meio artístico curitibano, Raul Cruz atuou como artista plástico, pintor, cenógrafo, figurinista, autor e diretor teatral. Muitas das personagens pintadas pelo artista

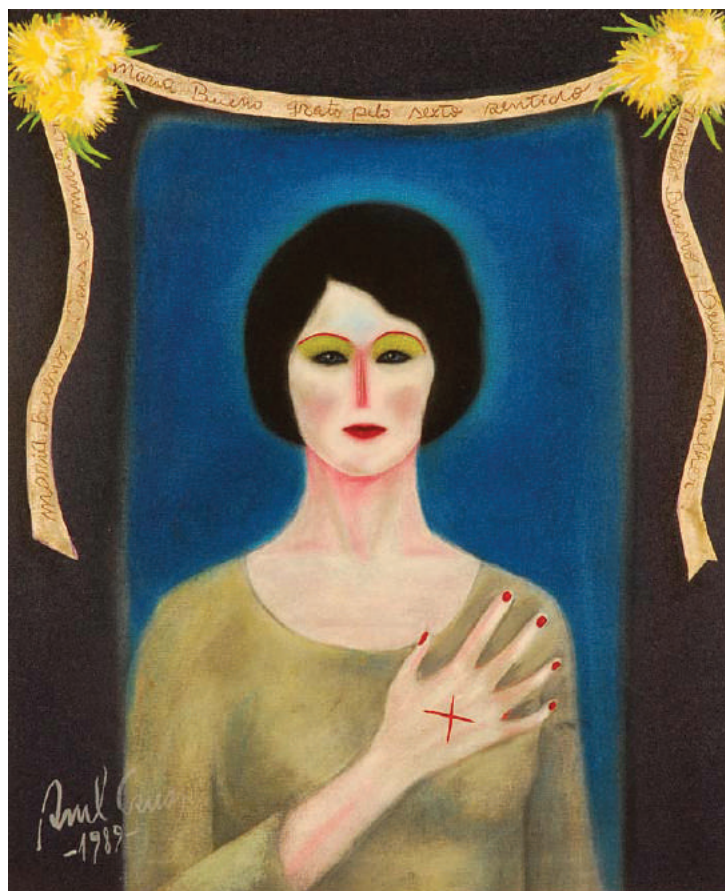


FOTO 3 | Óleo sobre tela “Grato, Maria Bueno”, Raul Cruz (1989).

foram “retratadas” também nos palcos. É o caso de Maria Bueno que, antes de ser personagem do seu espetáculo teatral, foi objeto do óleo sobre tela *Grato, Maria Bueno*, de 1989.

Um dos temas preferidos de Raul Cruz era a morte trágica. Suas obras estão repletas de referências aos acontecimentos que provocam piedade e terror. A temática religiosa se tornou mais recorrente nos últimos anos de sua vida.

Foi através da peça de Raul Cruz que André Malinski, artista plástico conhecido como Anilina, conheceu a história da *santa curitibana*. Dez anos depois (em 2000), esse artista plástico realizaria a exposição “Grato, Maria”, inspirado na devoção popular à *santa* e em homenagem a Raul Cruz, falecido em 1993. Conforme revela Anilina, no folheto

de divulgação da exposição:

“Como uma promessa a Maria Bueno estas obras apresentam a poderosa santa popular com eficácia para atender às suplicas de fiéis devotos. A paranaense Maria Bueno tem história triste o suficiente para torná-la mártir da feminilidade. Nessa exposição, assim como na peça teatral homônima de Raul Cruz, o enfoque está na feminilidade e em todas as suas faces. Cada mulher carrega em si todas estas versões da história sobre Maria Bueno. Seus personagens vão se revelando conforme se fazem necessários, sem com isto deixar de ser aquela mesma santa mulher”.

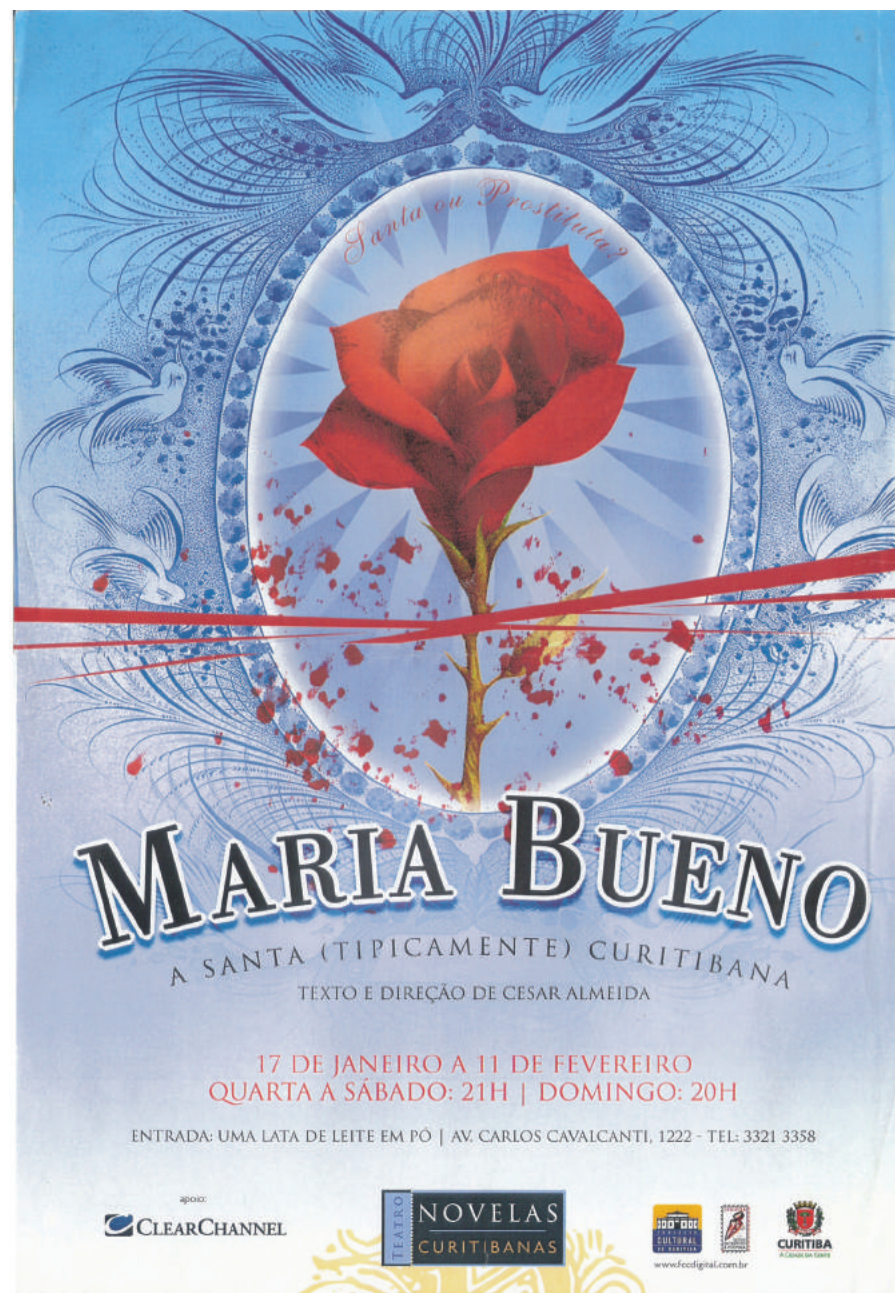


FOTO 4 | Cartaz de divulgação da peça Maria Bueno, a santa (tipicamente) curitibana, 2007.



FOTO 5 | Capa do Programa do balé “A Mandala de Maria Bueno” (1989) com gravuras de Poty Lazzaroto.

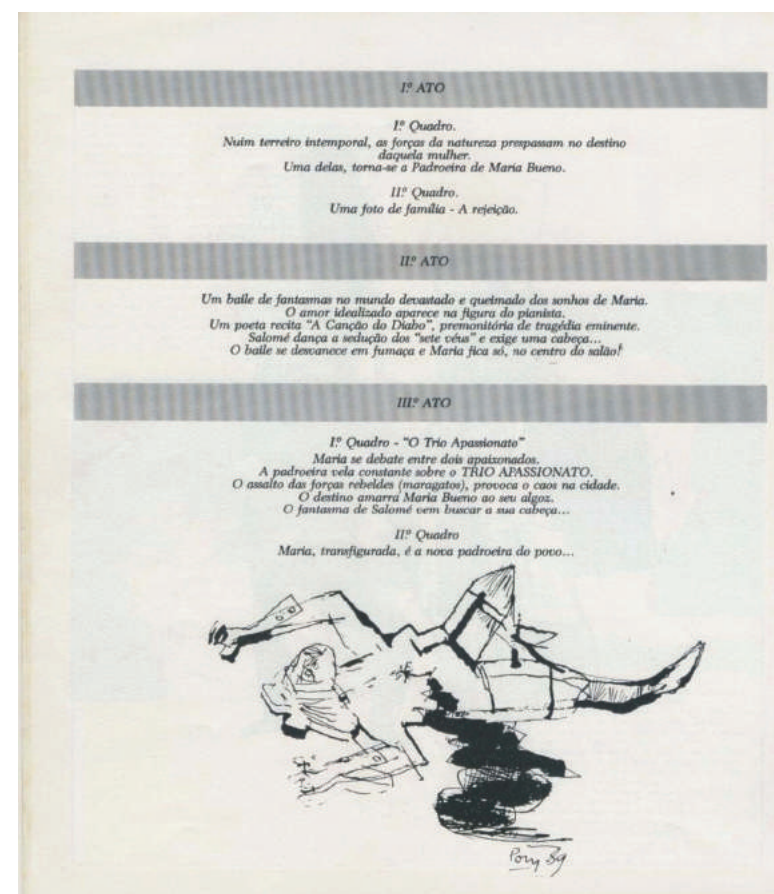


FOTO 6 | Detalhe da gravura produzida por Poty Lazzaroto para o Programa do balé “A Mandala de Maria Bueno”.
Fonte: Acervo de Memória do Teatro Guairá.

8 Produção da CIA Rainha de 2 Cabeças Teatro e Dança, esteve em cartaz no Teatro Telenovelas Curitiba, do dia 17 de janeiro de 2007 ao dia 11 fevereiro de 2007. Reuniu no elenco os atores Kassandra Speltri, Ludmila Nascarella, Caike Luna, Mateus Zulcolotto e Carlos Vilas Boas. A montagem recebeu apoio financeiro do Fundo Municipal de Cultura da Fundação Cultural de Curitiba.

9 Apresentado pelo Ballet Teatro Guairá. Roteiro e Coreografia de Carlos Trinchieras. Músicas de Mayosumi, Mahler, Tchaikowski, Mussorgsky, Villa Lobos. Figurino de Rosa Magalhães. Pianista Nilson Ribeiro. Elenco: Eleonora Greca e Mara Mesquita (Maria Bueno), Luiz Lombardi, Jurandir Silva, Sérgio Oliveira, Wanderley Lopes, Cássio Vitaliano, Pedro Pires e Daniela de Souza, Eunice Oliveira, Paula Righesso, Regina Kotaka, Vânia Kesikowski, Ana Silvia, Daisi Wor, Lia Comandulli, Marta Nejm, Cintia Napoli, Eduardo Laranjeira, Júlio César, Carla Almeida, Rita Barreto, Andréa Carvalho, Angelita Faccioli, Mariângela Fabiane, Soraya Felício, Lílían Gheur, Wanet Luna, Bernadete Sant'Anna, Ana Tejerina, Grazziani Costa, Claudemir da Cruz, Neury Caio, Sérgio Marshall, Leandro Nascimento, Domingo Sávio.

10 MILLARCH. Aramis. Uma "Carmen" curitibana. Jornal Estado do Paraná, 22 de fevereiro de 1987.

O diretor teatral, César Almeida, também se interessou pela história de Maria Bueno através da peça de Raul Cruz. Em 2007, ele escreveu e dirigiu a peça teatral "A Santa (Tipicamente) Curitibana"⁸. Diferentemente de seus antecessores, César Almeida transformou a tragédia em comédia. Na adaptação feita por ele, Maria Bueno é uma espécie de "cinderela promíscua", com fada madrinha *dragqueen* e final infeliz.

A peça contou com cinco apresentações semanais, de quarta a domingo. Os ingressos se esgotaram duas semanas antes do encerramento da temporada. Para César Almeida, a popularidade da *santa* contribuiu para que sua peça excedesse à média de público dos espetáculos teatrais. O dramaturgo conta que a leitura satírica da vida da *santa curitibana* não escandalizou os devotos: *os devotos se entusiasmaram, alguns assistiram à peça mais de uma vez. Vieram me cumprimentar no final do espetáculo*. O que caracteriza a Maria Bueno da peça de César Almeida é justamente o distanciamento da *santa* imaginada pelos devotos, o que resultou em aplausos, apesar do tom jocoso da narrativa.

Além do teatro, Maria Bueno foi objeto de temática de um ballet, "A Mandala de Maria Bueno"⁹, apresentado em 1989, pelo corpo de baile do Teatro Guaíra, com roteiro e coreografia de Carlos Trinchieras.

O artigo de Aramis Millarch originalmente anuncia com entusiasmo a estréia do balé:

"No entendimento do coreógrafo português, que vem dando ao Ballet Guaíra uma projeção internacional, a personagem de Maria Bueno tem a força de uma Carmen, lembrando a morena e sensual cigana que Prosper Merimée (Paris, 1803 - Cannes, 1870) criou no seu romance, publicado em 1845. Comparar Maria Bueno a "Carmen", pode parecer heresia para muitos, mas a sensibilidade artística permite esta liberdade de aproximação de personagens fascinantes, capazes de inflamar corações e tendo a morte dramática sob o punhal frio de apaixonados. (...) O entusiasmo de Trinchieras em ver Maria Bueno no palco, num grande balé, contagia outras pessoas. Só falta agora viabilizar o projeto e encontrar um compositor sensível, capaz de dar todo o colorido musical a esta revisão de uma personagem fantástica. Sugestões em aberto, do londrinense Arrigo Barnabé ao mineiro João Bosco, entre tantos talentos que poderão ser convocados para este fascinante balé".¹⁰

Nesse espetáculo de três atos, o primeiro dividia-se em dois quadros: um composto por quatorze bailarinos representando as personagens Maria Bueno, o Mensageiro, o Anjo Negro, o Anjo Branco, Ogum, Oxum, Oxossi, Cosme e Damião, Iemanjá, Nanã, Iansã, Oxumaré e Xangô; o outro quadro era composto por sete bailarinos representando o Pai, a Mãe, Maria Bueno e Irmãs (três irmãs). No programa do espetáculo, o quadro I foi descrito como: *um terreiro intemporal, as forças da natureza perpassam o destino daquela mulher e uma delas torna-se a padroeira de Maria Bueno*. O quadro II foi descrito como *uma foto de família na qual Maria Bueno é rejeitada*. O segundo ato recebeu o nome de “O baile”. Vários bailarinos se apresentavam nesse ato, quatro deles como protagonistas, representando Maria Bueno, o Pianista, o Poeta e Salomé. Conforme o programa: *um baile de fantasma no mundo devastado e queimado dos sonhos de Maria. O amor idealizado aparece na figura do pianista. Um poeta recita “A Canção do Diabo”, premonitória de tragédia eminente. Salomé dança a sedução dos “sete véus” e exige uma cabeça. O baile se desvanece em fumaça e Maria Bueno fica só, no centro do salão*. No terceiro e último ato, cinco personagens se destacam: Maria Bueno, o Noivo (interpretado pelo mesmo bailarino que interpretou Ogum, no 1º ato, e o Pianista, no 2º ato), Diniz (o mesmo bailarino que interpretou o Anjo Negro no 1º ato), a Padroeira (interpretada por duas bailarinas, as mesmas que interpretaram Oxum e Iemanjá no 1º ato), e os Penitentes (os bailarinos que foram Cosme e Damião e Oxumaré). O ato é chamado de “O trio aprisionado” pois *Maria Bueno se debate entre dois apaixonados. A Padroeira vela constantemente sobre o trio aprisionado (Maria, o Noivo e Diniz)*. O palco é tomado por bailarinos que desenvolvem uma coreografia bélica que pretende retratar *o assalto das forças rebeldes dos maragatos, provocando o caos na cidade, no mesmo momento em que o destino amarra Maria Bueno ao seu algoz e o fantasma de Salomé vem buscar a sua cabeça*. No último quadro, *Maria transfigurada se transforma na nova padroeira do povo*.

Como ilustram os dados acima, Maria Bueno tem sido objeto de diversas narrativas. Até se cogitou fazer um filme sobre ela, ideia do cineasta Valêncio Xavier que, inicialmente, planejava produzir um curta-metragem, mas o projeto acabou despertando o interesse de outros profissionais da área, como o fotógrafo Sérgio Sade, dando lugar à produção de um longa-metragem. A intenção de Valêncio Xavier era produzir um filme documental-ficcional. À época, Maria Bueno já havia inspirado duas peças de teatro (a de Walmor Marcelino e Oraci Gemba), um ballet e uma telenovela. Aproveitando o momento, o cineasta elaborou um script ficcional com foco na personagem e um documental sobre a devoção no Cemitério, mas, por falta

11 MARTINS, Wilson. Um Brasil diferente: ensaio sobre o fenômeno da aculturação no Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial. s/d. p. 122.



FOTO 7 | As manifestantes Cassandra Speltri e Kaley Michelle, durante a Marcha das Vadias empunhando o retrato de Maria Bueno, de Raul Cruz.

de recursos para a finalização, esse projeto não foi concluído.

A transposição de Maria Bueno do campo religioso para o da produção artística e midiática aponta para a renovada demanda das artes paranaenses por temáticas e personagens ligadas à história e à identidade local.

Desde o início do século XX, Curitiba tem vivenciado uma intensa oscilação em torno da definição de sua identidade cultural e étnica. Ao longo do último século, intelectuais, artistas e políticos tentaram legitimar a idéia de que Curitiba é uma cidade que se diferencia de outras. Embora situada em país do “terceiro mundo”, se auto-proclama “Cidade de Primeiro Mundo”, e afirma-se diferente na sua mistura étnica, tributária da imigração européia. Ou como sugeriu o crítico literário Wilson Martins¹¹, nos anos de 1955, “um Brasil diferente”, formado por “elementos poloneses, ucranianos, alemães, italianos e os ‘pequenos grupos’, o índio e o negro, estes últimos em proporção praticamente insignificante”. Enfim, uma cidade idealizada: branca, européia, organizada e civilizada.

Foi nessa Curitiba com fama de “cidade civilizada” que Maria Bueno morreu degolada, meses antes da Revolução que povoou o Cemitério onde ela havia sido enterrada. Nessa cidade de “feições européias”, conservadora, o povo escolheu uma lavadeira negra, de reputação duvidosa, como divindade, o que deu origem a uma série de polêmicas em torno de sua história e identidade.

Seria Maria Bueno branca ou negra? Na dúvida, foram empalidecendo-a, retratando-a cada vez mais branca, talvez para torná-la “mais curitibana”, talvez a fim de referendar aquilo que se diz sobre essa cidade. Ela morreu defendendo a virgindade ou a liberdade de se oferecer aos homens que lhe quisessem? Foi *santa* ou promíscua? Estão aí as peças de teatro para mostrar que “tanto faz”. Basta que a *santa* e a “outra” permaneçam nos seus devidos lugares e a fronteira entre **sagrado e profano** seja respeitada. O que é verdade e o que é mito sobre Maria Bueno? A vida de Maria Bueno se transformou em fato histórico e objeto historiográfico a partir das inúmeras releituras das versões que se confrontam em torno de sua figura (religiosas, históricas, ficcionais e artísticas), tema que tem se renovado e alimentado o debate nesses quase cento e vinte anos.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Euclides. **Crônicas Locais**. Curitiba: Tipografia da Escola de Artífices, 1941.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. **Identidade, Alteridade e religião na historiografia colonial**. Revista de História e Estudos Culturais, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-22, 2005.
- BELTRÃO, Luiz. O ex-voto como veículo jornalístico. In: **Comunicações & Problemas**. Recife: ICINFORM/PUC PE, 1965. p.9-72.
- BESANÇON, Alain. A arte e o cristianismo. In: FABRIS, Annateresa ; KERN, Maria Lúcia Bastos (org). **Imagem e conhecimento**. São Paulo: Editora da USP, 2006. p. 31-53.
- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. Assassinato. **Diário do Comércio**, Curitiba, 30 jan. 1893. p. 02, coluna 2.
- _____. Dia de Finados. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 04 nov. 1936. p.03, coluna 2.
- _____. Adeptos de Maria Bueno querem fazer sua casa. Curitiba, 04 jun. 1968. p. 10, coluna 4.
- _____. Maria Bueno, a mártir que se glorifica pela força espiritual dos seus crentes. **Gazeta do Povo**, 18 jan. 1934. p. 05, coluna 1-4.
- _____. Sem título. **A República**, Curitiba, 01 fev. 1893. p. 03, s/ coluna.
- _____. Inquérito. _____, Curitiba, 02 mar. 1893. p. 04, coluna 3.
- _____. Tribunal do Júri. _____, Curitiba, 11 jul. 1893, p. 01, s/ coluna.
- _____. Sem título. _____, Curitiba, 12 jul. 1893, p. 02, s/coluna.
- _____. Sem título, _____, Curitiba, 13 jul. 1893, p. 01, s/ coluna.
- _____. Sem título. _____, Curitiba, 14 jul. 1893, p. 02, sem coluna.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. Religião e restos humanos — Cristianismo, corporalidade e violência. **Revista Antropologia em Primeira Mão/** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, Florianópolis, v. 1, n. 55, p.01-27, 1995.
- _____. **Fantasmas Falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

- _____. O que os santos podem fazer pela antropologia? **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p.198-219, 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872009000200010&script=sci_arttext
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Religião do povo**. João Pessoa: Imprensa Universitária da Paraíba, 1974.
- CASTRO, Márcia de M. **Ex-votos mineiros**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
- CERTEAU, Michel. Uma variante: a edificação hagiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 267-278.
- COLUCCIO, Felix. Cultos y canonizaciones populares de Argentina. In: **Biblioteca de Cultura Popular**, n. 6. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1986.
- DALLEGRAVE, Ângelo. Maria Bueno santa? **A Voz do Paraná**, Curitiba, 30 de jan. 1974.
- DA MATTA, Roberto. **A casa & A Rua: Espaço, cidadania, mulher, e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ELIADE, Mircea. **A provação do labirinto**. Lisboa: D. Quixote, 1987.
- _____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992.
- FAGUNDES, Antônio A. **As santas prostitutas: um estudo da devoção popular no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.
- FEDALTO, D. Pedro. Maria Bueno santa? **O Estado do Paraná**, Curitiba, 30 de out. 1988.
- FRAZER, James George. **La rama dorada**. Fondo de Cultura, 1956.
- FREITAS, Eliane T. M. **Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte**. Natal, 2006. 232 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELEINE, Marise. **Uma santa com pé na rua**. Jornal Correio de Notícias, Curitiba, 09 de ago. 1990.
- IZIDORO, Sebastião. **Maria Bueno: História, Romance e Agiografia**. Curitiba: Mundial, 1948.
- KARAM, Miriam. Maria Bueno segundo seu mais devoto fiel. **Revista Panorama**, Curitiba, n. 16, p. 12-14, mar. 1977.

- KOPYTOFF, Igor. The cultural biography of things: commodization as process. In: APPADURAI, Arjun (org.). **The social life of things**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 64-91.
- LEACH, Edmund. **Cultura e Comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- LEÃO, E. **Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná**, v. 5. Curitiba: IHGEP, 1998, p. 1998-9.
- LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação**. São Paulo: Anhembi, 1955.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva, formas e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1925], p. 185-314.
- _____. Esboço de uma teoria geral da magia. In: _____. São Paulo: Cosac Naify, 2003 [1904], p.49-181.
- _____. A Prece. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 229-324.
- MENEZES, Renata. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidades e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.
- MILLARCH, Aramis. **Uma “Carmen” curitibana**. Jornal Estado do Paraná, Curitiba, 22 de fev. 1987.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, n. 10. São Paulo: PUC, 1993, p. 07-28.
- PLAISANT, Dicesar. Maria Bueno é, em Curitiba, um paradoxo, é a santa dos hereges. **Revista A Marinha**, Paranaguá, n. 36, s/ pág., agosto 1940.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de M. (coord.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986, p. 103-130.
- PROUST, Marcel. **Em busca do Tempo Perdido**, v. 1, Rio de Janeiro: Ediouro, 2002 [1913].

- ROCHA POMBO, José Francisco. **Para a história: notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná. Curitiba:** Fundação Cultural de Curitiba, 1980.
- SCARANO, Julita. **Fé e Milagre.** São Paulo: Editora da USP, 2004.
- SECUNDINO JR, O. **Retrato de Maria Bueno.** Curitiba: Edição do Autor, 1996.
- SENA, Davis Ribeiro de. **1894: Paraná em chamas.** Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Curitiba, v.50, 1999.
- SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XVIII).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- REVERBEL, Carlos. **Maragatos e pica-paus: guerra civil e degola no Rio Grande.** Porto Alegre: L&PM, 1985.
- ROMERO, Martin. **Quantos somos e quem somos.** Curitiba: Empresa Paranaense, 1941.
- WEBER, Silvio Adriano. **Além do cativo: A congregação de senhores e escravos na Irmandade do Glorioso São Benedito da Vila de Morretes (Século XIX).** Curitiba, 2009. 240 f. Dissertação (Mestrado em História), Setor de Ciências Sociais Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.